

ETHEL PINHEIRO SANTANA

**A CIDADE NO FRAGMENTO:
LUGAR E POIESIS NO LARGO DA CARIOCA**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciências em Arquitetura, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ, área de Teoria e Projeto da Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Orientadora: Profa. Dra. Cristiane Rose de Siqueira Duarte

RIO DE JANEIRO
Fevereiro de 2004

*Marco Pólo descreve uma ponte, pedra por pedra.
- Mas qual é a pedra que sustenta a ponte? - pergunta
Kublai Khan
- A ponte não é sustentada por esta ou aquela pedra...
- responde Marco
-... Mas pela curva do arco que estas formam.
- [Mas] por que falar das pedras? Só o arco me
interessa.
Pólo responde:
- Sem pedras o arco não existe.*

(Ítalo Calvino, In: As Cidades Invisíveis, pp. 79).

Introdução

mais diversas interpretações, pois a obra máxima de uma cidade nunca está completa.

As cidades, como fragmentos de um país inteiro, expressam em sua multiplicidade o valor único deste país; e as regiões de uma cidade expressam, em suas particularidades, a essência de uma cidade. Por isso é possível que selecionemos uma parte desta para nomeá-la, de certa forma, em um ou mais de seus atributos.

O papel da arquitetura, como visão de cidade, é imprescindível a esta definição. Porque um dos sentimentos que abarca a estrutura compositiva de uma cidade é o papel de seus micro-fragmentos – ruas, avenidas, bairros – que por sua relação holística, denotam o todo, em uma mínima composição. E cada edifício, cada elemento definidor do espaço, cada história composta por estes elementos e sua plástica formal compõem uma imagem única, e constantemente renovada, para a definição mútua da identidade de um indivíduo e de seu lugar. Procuramos relacionar o papel desta arquitetura da cidade em sua interdisciplinaridade, uma vez que o *corpus* de uma estrutura tão cheia de definições, estudos e abordagens não permanece estático em uma única representação.

Assim como a abordagem do conceito *espaço* exige uma atenção muito maior do que as possibilidades geográficas podem oferecer, assim também o complexo de representações de uma cidade formula-se em conjunto com sua história, política, cultura e manifestação social. A uma parte desse processo denominamos ‘representações mentais do ambiente’.

As representações mentais que um habitante formula de uma cidade influem na seleção da área para se viver², para se



Fig. 3, 4, 5: Imagens do Largo da Carioca.
Fonte: EP, 2003.

² Colocando de fora a questão de possibilidades econômicas, abarcamos o papel da representação social, essencialmente.

conviver, seus lugares de compra, de lazer, seus espaços de ócio, de recordação, de *flanagem*, de permanência, enfim, os meios por onde fluem as fontes de comunicação. Com relação a visitantes e indivíduos menos estruturados na leitura do espaço (que exige uma experiência, sempre, diretamente estabelecida), as representações mentais influem na maior ou menor identidade, na seleção de imagens definidoras do lugar, no grau de agradabilidade e no futuro retorno a esta cidade, como reencontro das representações uma vez formuladas. Como habitantes entendemos este primeiro processo, pois é essencial na manutenção de nossas atividades diárias; como turistas percebemos uma relação recíproca ao que foi citado anteriormente, pois é fato que determinado lugar e momento são injetados em nossas lembranças através de cheiros, imagens e citações, incitando-nos a novamente participar daquela atmosfera

É assim a conformação da imagem da cidade, que não apenas está relacionada à estrutura formal, mas como Kevin LYNCH (1997, p. 37) comenta: *“está organizada através de elementos da paisagem urbana, como os bairros, vias, limites, pontos nodais e marcos, que atuam como pontos de referência para facilitar a mobilidade dentro da cidade”*, e através de símbolos que proporcionam segurança emocional a seus moradores diariamente.

Ao comentarmos sobre os fragmentos, a questão da identidade, do significado e do símbolo, buscamos também traçar um recorte em nossas abordagens. É fato que a vida cotidiana de uma cidade necessita de espaços de convivência para se expor, solidificar e expressar as relações entre homens e ambiente; por esta razão, nossos estudos preconizam o espaço público, elemento que vem sendo teorizado exaustivamente (há alguns 30 anos) num turbilhão de pesquisas e análises sistemáticas



Fig. 6, 7, 8: Imagens do Largo da Carioca: Convento de Sto. Antonio; Instalação Urbana *Excessosíntese* de 27/05/03; e ‘rodinha’ do LC, designação ‘nativa’ para o agrupamento de pessoas em torno do artista.
Fonte: EP, 2003.

advindas de um questionamento urbano, levantado após o começo do declínio das propostas de urbanismo moderno.

A vida pública nas cidades contemporâneas tem se tornado rarefeita devido a contingências de instabilidade econômica, social e política. Mas ainda assim, como veremos mais detalhadamente no capítulo 2 – dedicado à fundamentação – vários teóricos acerca do espaço público (KRIER, LAMPUGNANI, CARR ET AL., PETERSON, LYNCH, ROSSI, SANTOS, THIBAUD, entre outros) vêem a possibilidade de uma maior atenção e de uma potencialização destes espaços abertos à cidadania, como vínculos maiores da convivência integrada nas cidades. Estes locais denominados como “rótulas”, “zonas de interseção” e “fóruns modernos” são os únicos capazes, através de suas “fachadas públicas” (ROWE, prólogo, In: KRIER, 1981, p. 9), de ressaltar a essência da cidade, pois toda a obra edificada é participante de um acontecimento e o espaço vazio é o aglomerador destas individualidades. Para KRIER *“estes espaços podem assumir uma variedade infinita de configurações em planta e em corte longitudinal, podem ser regulares ou irregulares, mas o que importa é que são sempre reconhecidos como espaços-continentes”* (1981, p. 188).

As abordagens apresentadas aparecem sob características formais e funcionais, mesmo que em determinados momentos suas preocupações com a ocupação humana, como o artefato histórico, com a evolução e com os caracteres sociais surjam. Há ainda uma breve lacuna quanto ao valor imagético e significativo da cidade e dos espaços públicos que ela comporta, o que segundo nossas proposições, precisa ser preenchido pela arquitetura, e não apenas dissociadamente por ciências como a geografia, a sociologia, a antropologia e a psicologia.



Fig. 9, 10, 11: Imagens do Largo da Carioca: área de passagem; Igreja da Ordem Terceira; Grades do BNDES.
Fonte: EP, 2003.

Em Dissertação de Mestrado, apresentada ao PROURB em 2001, a Arquiteta Mariana VIEIRA³ pincela um interessante panorama com relação a este enfoque pela arquitetura; a autora apresenta um estudo minucioso sobre o mesmo objeto de pesquisa que ora apresento nesta: o Largo da Carioca. Sua abordagem, precedente a nossa e por isso importante como base comparativa e evolutiva, mostra uma pesquisa estruturada sobre “a análise da forma, dos usos e comportamentos dos usuários” (Op. Cit., 2001, p. 179). Nosso interesse, com base neste trabalho precursor, é o de somar-se a esta leitura espacial focando as variantes afetivas, culturais e relativas aos valores de significação, memória e identidade no espaço livre adotado como objeto de estudo, dando continuidade e aprimorando o volume de estudos que vem tomando corpo, por estas vias, sobre os espaços da cidade contemporânea.

De LYNCH (1997) retiramos uma contribuição valorosa na forma de se observar o meio urbano, uma vez que nenhuma cidade é percebida como um organismo total por seus habitantes, mas, antes, como partes definidas que, em sua constituição, formam um todo estruturado de vivências, histórias e precedentes. O mesmo autor, após findar sua obra seminal – *A Imagem da Cidade* – ainda pouco especulativa dessas questões, incorpora o estudo dessas estruturas essenciais na composição de um espaço urbano através de diversos ensaios (reunidos em *City Sense and City Design: Writings and Projects of Kevin Lynch*, 1991) e mostra que estas têm uma influência direta no modo como vivenciamos e experienciamos cada elemento da cidade: sua história, sua sociedade, suas relações de afetividade e a reprodução de seus símbolos.

³ Este trabalho está diretamente associado ao conjunto de pesquisas sobre espaços públicos urbanos desenvolvido sob orientação da Profa. Dra. Lucia Costa (Prourb/UFRJ), orientadora da Dissertação de Mestrado em questão.



Fig. 12, 13: Notas de 100.000 e 200.000 Réis, focando imagens arquetípicas e ideárias do Rio de Janeiro da década de 30. Baía de Guanabara, 1936. Fonte: A Paisagem Carioca, MAM/2000.

Uma nota especial pode ser dada a Jane JACOBS (2000) ao tomarmos seu trabalho seminal *Morte e Vida de Grandes Cidades [Americanas]* (1961) com relação ao momento celebrado nos Estados Unidos (década de 60): o avanço urbano. Sua visão do espaço urbano e seu amor ao caráter público, em detrimento das inúmeras modificações e ‘assassínios’ urbanos cometidos – especialmente – pelo prefeito Robert MOSES (com suas *expressways* e o ideário de uma cidade moderna que sobrevive às custas da demolição dos valores e relíquias simbólicas de um tempo – como na destruição da Estação Central *Penn Station*, um marco arquitetônico), são pontos que ressaltamos como essenciais em nossas discussões. Foi Jane JACOBS, à época, quem começou uma apologia à vida nos subúrbios,⁴ ao valor da rua cuidada por seus moradores, por sua gente, às praças como ponto de encontro e mobilização de uma comunidade, enfim, à essência dos valores urbanos coletivos, em detrimento das vias rígidas, estanques e inóspitas que cruzavam a cidade como galhos de árvore, em crescimento desordenado.



De igual forma este trabalho não seria possível sem o suporte fundamental das pesquisas iniciadas pelo grupo *Habitat*, núcleo precursor da FAU/UFRJ, que desde 1988 vem trabalhando sobre os valores e significados dos espaços vivenciados e experienciados por seus moradores, sob orientação da Prof. Dra. Cristiane Duarte, que é o braço forte na execução desta Dissertação de Mestrado.⁵

Fig. 14: Azulejos - RJ, 1952.
Fonte: A Paisagem Carioca,
MAM/2000.

⁴ Como líder do Movimento iniciado no *Village*, bairro formado por intelectuais e artistas, juntamente a arquitetos e militantes pelos valores sociais da época.

⁵ Ver: DUARTE, C.R. e SILVA, O. **Habitação e Espaço Público: Dinâmicas, Valores e Significados do Lugar**. Grupo Habitat - FAU/UFRJ - Registrado na UFRJ / SR2 - setembro de 1988 e DUARTE, C. R.

Em virtude disto, o questionamento inicial deste trabalho baseou-se na forma como os elementos da cidade, representados num determinado fragmento do cenário urbano (bairro/ região) estimulam, interagem e solidificam um imaginário urbano coletivo, uma representação de cidade e um vínculo sócio-cultural importante na conformação dos espaços em constante evolução, neste caso, o Rio de Janeiro.

A valoração apreciativa da cidade depende da interpretação e dos sentimentos traduzidos pelos elementos da paisagem, em relação direta com os imaginários urbanos que os cidadãos têm sobre os diferentes setores de uma cidade, que antes nomeamos *fragmentos* da cidade, e que produzem - dialogicamente - certas pautas de conhecimento.

As áreas urbanas públicas são valoradas em função do conhecimento que temos delas, do grau de relação e tempo despendidos, assim como em função de seu uso e utilidade. Por estas relações, e tomando por base o enfoque holístico que nos permite apreciar um contexto geral nas partes comunicativas de uma cidade, selecionamos o Largo da Carioca⁶ no centro do Rio de Janeiro como cenário de observação de um contexto da cidade do Rio de Janeiro, que por sua ocupação originária, tem grande peso na conformação da cidade. Este espaço, além das características peculiares relacionadas a uma indefinição de contornos físicos, a uma presença constante de pessoas extraindo do lugar sua característica *dinérgica* de passagem e permanência, dos espetáculos de rua e de sua história evolutiva 'pacata' - mas



Fig. 15, 16, 17: Imagens do Largo da Carioca.
Fonte: EP, 2003.

Intervention Publique et Dynamique Sociale dans la Production d'un Nouvel Espace de Pauvreté Urbaine; Vila Pinheiros, à Rio de Janeiro. Thèse de Doctorat de l'Université de Paris-I Sorbonne, 1993.

⁶ O Largo da Carioca foi denominado e reconhecido, oficialmente, como logradouro público pelo Decreto nº 1.165 de 31 de outubro de 1917, quando possuía 1.860 m². A sua localização é descrita, nos documentos, como um espaço situado entre as ruas Uruguaiana, Carioca, Gonçalves Dias, São José, Bittencourt da Silva, Avenidas 13 de Maio e Almirante Barroso - 2ª Região Administrativa (Fundação Parques e Jardins). Informação obtida através de VIEIRA (2001).

extremamente ligada à memória de seus habitantes – possui, também, designação homônima do morador da cidade que o abriga, numa alusão tanto poética quanto simbólica.⁷

Para o desenvolvimento de toda esta pesquisa baseamo-nos previamente em questões pertinentes ao desenvolvimento da Dissertação, que foram as seguintes:

- [1] quais os valores e os significados atribuídos pelos experienciadores a determinados espaços urbanos públicos?
- [2] como a apropriação destes espaços, contribui para a construção de **identidades** e a transmissão de determinados **significados**?
- [3] qual é o papel da arquitetura no âmbito de tal processo e como agem os símbolos arquitetônicos de maior relação social nestas áreas?
- [4] até que ponto o espaço urbano é modelado [ou vice-versa] por estes tipos de *ancrage/ancoragem*?⁸
- [5] como pode ser definida a **Imagem Urbana**⁹ destes espaços, tendo em questão a experiência cotidiana e a importância dos usuários na formação de uma dinâmica coletiva e individual?

Ao expormos nossa intenção originária, que tem seu núcleo no questionamento de como os valores imagéticos, significativos e



Fig. 18: Seqüência 1 - Rua Uruguaiana.
Fonte: EP, 2003.

⁷ Em linhas gerais, o conceito de *dinergia* significa um processo de constituição e experimentação do espaço através de suas qualidades e características opostas e interativas. Como em definições dadas pelos entrevistados ao Largo da Carioca e que abrangem: “este espaço é de passagem e permanência; linear e radial; movimentado e pacato”.

⁸ Silogismo designado como ferramenta de argüição do nível de apropriação e enraizamento de um indivíduo ao meio em que vive ou se relaciona, tomando por sentidos definitivos as constantes afetivas e descritivas (funcionais), num contexto social, uma vez as relações sociais serem muito importantes dentro do processo de cognição ambiental para cada indivíduo; termo francês “*ancrage*” explorado em Dissertação de Mestrado por Eber Pires Marzulo, orientada pelo Prof. Pedro Abramo/IPPUR/UFRJ e desenvolvido por ABRAHAM MOLES e ELISABETH ROHMER, *Psychologie de l’Espace*. II edição, Paris: Ed. Casterman, 1978.

⁹ Como *Imagem Urbana* entendemos o conjunto de elementos físicos e relações sociais que montam o panorama de entendimento e nomeação do espaço pelo indivíduo que o experiencia. Esta valoração é feita sobre um conjunto de mudanças que toda estrutura urbana passa, adaptando-se ao crescimento populacional, ideológico e econômico. Segundo esta idéia, CARR et al (1992) argumentam que os espaços livres públicos assumem novas formas associadas ao fluxo e permanência de pessoas nestes espaços. No Largo da Carioca, os registros históricos de passagens e mudanças, impregnados na memória coletiva, são também os vestígios pelos quais as análises de elementos marcantes e cognoscíveis são feitas.

dinâmicos influem na paisagem da cidade, colocamos ‘sobre a mesa’ o cerne de nossas investigações, que é a relação constantemente renovada, mutável e contínua das relações humanas como fator de potencialização de um lugar – considerado um fragmento na leitura e no imaginário de cidade.



Fig. 19: Sequência 2.
Fonte: EP, 2003.

Desta forma, a pesquisa tem como objetivo geral estabelecer as interseções entre (1) a forma e a dinâmica do espaço físico e (2) os usos atribuídos através de valores apropriativos.

Por estarem conectados ao cotidiano das pessoas, esses espaços absorvem um caráter mutante que acompanha a evolução da sociedade. Considerando as eventuais modificações pelas quais passam esses espaços, ARGAN (1984, p.75) entende a forma como um dos componentes dos espaços livres públicos e como o *“resultado de um processo, cujo ponto de partida não é a própria forma”*.

Como objetivos específicos do processo de pesquisa podemos relacionar:

1. analisar a configuração e os atributos do espaço público de modo a estabelecer os tipos identitários dos significados urbanos, das imagens urbanas coletivas e das mudanças nos valores espaciais;
2. distinguir as imagens analisadas a partir de uma categorização de maior ou menor favorecimento aos sentimentos de pertencimento, mediação ou imediação, valor plástico e/ou afetivo e as formas espaciais configuradas pela presença humana participativa;
3. compreender a forma de apreensão e cognição do espaço urbano através de sua valoração simbólica e memorial.

As justificativas aplicáveis a este trabalho, dentre as muitas mencionadas no início deste texto, especificamente se relacionam com as seguintes constatações:

1. em primeiro lugar, o estudo das formas de participação do homem no espaço e de espaços públicos – gestores de um tipo de

convivência social muito peculiar para cada cultura em que se desenvolvem - são de importância vital para a estruturação das cidades, para a qualificação da sua imagem como ambiente mediador entre a casa e a rua e para a delimitação de sua forma frente à própria cidade. Cita LOW (*Apud VIEIRA, 2001*) que “(...) os espaços públicos devem ser entendidos como um processo no qual existe um alto grau de conflito, onde a experiência individual é produto das diversas forças sócio-políticas e culturais”;



Fig. 20: Sequência 3.
Fonte: EP, 2003.

2. posteriormente, a análise da estrutura física e social do lugar, dentro de uma grande cidade como o Rio de Janeiro - em seus variados âmbitos de apropriação formal e pessoal - possibilitará a interpretação do espaço segundo o valor de experiência do usuário e, assim, promoverá a formação de premissas futuras para o conceito de ‘espaço de socialização’.

No entanto, a escolha de um recorte espacial tem a finalidade de delimitar o campo de análises, demonstrar o valor de um fragmento na cidade e otimizar o trabalho de Dissertação, que é exíguo em seu tempo. E a escolha do Largo da Carioca, entre outras considerações acima feitas, possui ainda uma razão que ora compartilhamos, como forma de aprimoramento e exemplificação de uma vertente buscada em todo o seu delineamento: os caracteres afetivos, simbólicos e memoriais de um espaço.¹⁰

O papel central no início dos questionamentos é desempenhado pela figura de um senhor idoso, imigrante italiano, apaixonado pelo cenário descoberto numa cidade que abraçou toda a sua família e representou o fascínio da infância, da juventude e de suas realizações pessoais: meu avô, José Pedro Pinheiro. Como figura carioca, representava o ‘boêmio’ que conhecia todos os sambinhas, marchas e estórias interessantes sobre a cultura da

¹⁰ Para esta narrativa usaremos o discurso na primeira pessoa do singular, uma vez que o foco é o avô da Mestranda.

cidade; como habitante, representava o homem que trabalhava arduamente para suprir sua família, inicialmente marcada pelo núcleo da infância e posteriormente pela pequena família composta por ele, minha mãe e minha avó, que igualmente havia saído de sua cidade, neste caso dentro da Bahia, para seguir seus estudos em *Enfermagem no Rio de Janeiro* (à época, 1938) e realizar um imaginário de cidade grande, produtividade e participação no mundo. O casal, em iguais proporções, delimita um retrato tanto fantástico quanto apaixonante, desde seu primeiro encontro no bonde que percorria o centro da cidade, suas narrativas de adoção de uma 'mentalidade urbana'¹¹ até suas similitudes em aniversário, anseios e expectativas. Mas a personagem do meu avô é mais forte quanto à cidade, principalmente por uma relação mais ativa na circulação e na flanagan por seus ambientes, seus cenários e sua gente. Estes dados, curiosamente, são reforçados atualmente pela leitura da minha mãe, que os recebeu no momento em que aconteciam para um homem jovem, e chegaram a mim, a terceira geração, impregnados de volume simbólico.

O Largo da Carioca surge através destas flanagan: como jovem que circulava pela cidade como quem contempla, experimenta e absorve cada detalhe, ele passava horas a fio descrevendo as situações, movimentações e – principalmente – brincadeiras de criança que aconteciam nas calçadas do Flamengo e de todo o centro da cidade, sua grande paixão; os pequenos furtos quando moleque, as fachadas onde gostava de sentar, as praças onde esperava o bonde para voltar para casa, o barzinho que vendia suco de laranja e pastel na R. dos Andradas e até hoje é visitado pela filha e netos, e o Largo da Carioca. Cada coisa era assim, descrita como um cenário de teatro tão bem definido, que a forma



Fig. 21: Sequência 4.
Fonte: EP, 2003.

¹¹ Ver SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. Bogotá, Col. Convenio Andres Bello - São Paulo, Perspectiva: 2001, pp. xxiv a xxix.

espaçial era traçada em minha mente antes mesmo de conhecer os lugares, que já eram 'lugares' para mim.

Seus passeios pelo Largo da Carioca me inspiraram um olhar diferente, centrado na memória, nas relações de afetividade e na certeza de que muitos experimentaram e experimentam o lugar como ele o fez. E nas perambulações pela cidade, sempre a pé, nos passeios que fazia com minha mãe e comigo, seus olhos sempre mostraram que há um papel maior na cidade, que há uma relação entre homem e ambiente, que todos estes elementos cooperam na formação de uma identidade, que o enigma que ela nos propõe só pode ser entendido pela experiência e que nunca se sabe, exatamente, o potencial de um espaço 'louvado' para seus habitantes e visitantes.



Fig. 22: Sequência 5.
Fonte: EP, 2003.

As linhas anteriores denotam a materialização do mito do *flâneur*¹² que, como base de comparação na experimentação da cidade, tornou-se um paradigma para nós; um trecho, em específico, do texto de BENJAMIN (1989, p. 43) resume esta imagem:

A rua se torna a morada do flâneur; ele está tão 'em casa' entre as fachadas quanto um cidadão está entre suas quatro paredes. Para ele os letreiros luminosos são, no mínimo, tão bons ornamentos quanto uma pintura à óleo é para os burgueses em seus salões. Os muros são as mesas sobre as quais ele posiciona seus cadernos; bancas de jornal são suas bibliotecas e os terraços dos cafés são as varandas de onde ele observa sua família após terminar seu trabalho.¹³

Desta forma, o sentido de lugar (ou de permanência) na imagem mental da cidade, por parte de seus observadores e usuários,

¹² BENJAMIN, Walter. *The Flâneur*. In: **Charles Baudelaire: A Lyric Poet in the Era of High Capitalism**. London and New York: Verso, 1989, pp. 35-66.

¹³ *The street becomes a dwelling for the flâneur; he is as much at home among the facades of houses as a citizen is in his four walls. To him the shiny, enameled signs of businesses are at least as good a wall ornament as an oil painting is to the bourgeois in his salon. The walls are the desk against which he presses his notebooks; news-stands are his libraries and the terraces of cafés are the balconies from which he looks down on his household after his work is done.* (Tradução livre das autoras).

confirma a união que se pode ter com as características afetivas do lugar em que se está e o entorno imediato físico e social, cuja valoração está na base das variáveis sensoriais, culturais, pessoais e históricas.

Finalmente, a cidade segue sendo um espaço desconhecido para alguns, pela quantidade de setores e extratos que se podem desenvolver com o tempo e pela perda de lugares históricos que, em determinado sítio, formularam a identidade de uma determinada geração. Mas de algum modo, como buscamos ressaltar neste trabalho (e percebemos em nossas entrevistas concluídas) o papel desta identidade é essencial na constituição de uma imagem global da cidade, a partir de suas peças, tanto para os que a experienciam em sua idade jovem e adulta, quanto para os de idade mais avançada, que por uma bagagem de recordações perenizam o valor de cada espaço segundo suas relações de afetividade, troca e memória. Este é o caráter *inesperado*, evolutivo e diferencial da cidade: sua narrativa, feita de homens e construção, carne e concreto¹⁴, pedras e arcos¹⁵, nunca se acaba.

Para a análise dos elementos propostos como questão deste trabalho adotamos o processo metodológico baseado na abordagem etnográfica¹⁶ que consiste em duas etapas: (1) reconhecimento da estrutura físico-social (mapeamento local, análise evolutiva do espaço e conjunto de observações sócio-



Fig. 23: Sequência 6.
Fonte: EP, 2003.

¹⁴ Uma alusão direta ao trabalho de SENNET, Richard. SENNET, Richard. **Carne e Pedra: O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental**. Tradução de Marcos Aarão Reis, 2ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 2001.

¹⁵ CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 79. Referência inicial desta introdução, colocada a partir do trecho em que CALVINO descreve “as cidades e os olhos”, relacionando pedras a homens e arcos à estrutura coesa advinda das forças de sustentação entre homem e cidade.

¹⁶ Baseado em SPRADLEY, James P. **Participant Observation**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1980 e ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **Etnografia na Rua e Câmera na Mão**. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/oito/2.htm>> Acesso em 23/04/03.

espaciais através de observação participante); (2) processos de pesquisa participativa (questionários de abordagem direta, aplicação de mapas mentais e técnica baseada na filmagem e recepção de fotografias tiradas pelos usuários). O universo amostral de entrevistados – nas entrevistas finais – foi definido com base nos questionários aplicados de maio/2002 a fevereiro/2003, uma vez possibilitando a escolha de indivíduos mediante princípios qualitativos de pesquisa e segundo as necessidades impostas por ela mesma.



Fig. 24: Sequência 7.
Fonte: EP, 2003.

Demonstrando a forma de apreensão e configuração do espaço urbano através de sua valoração simbólica e memorial, pudemos concluir a etapa metodológica e sumarizar o papel intrínseco do espaço urbano, sua forma de diálogo com o homem e as necessidades culturais e sociais dentro da cidade, numa abordagem arquitetônica voltada para a sociedade e para premissas futuras de boa articulação e interferência das transformações urbanas.

ESTRUTURAÇÃO DOS CAPÍTULOS

Como forma de esquematizar a proposta de pesquisa anteriormente apresentada – a partir do questionamento central baseado na potencialização de lugares urbanos através da experiência e dos valores simbólicos coletivos – elaboramos uma seqüência de idéias, propostas e resultados a partir do ‘afunilamento’ dos conceitos analisados, o que é verificado na compilação do sumário da Dissertação.

Para nós, isto significou abordar leituras e propor discussões a partir de uma visão macro (a cidade) até chegar à visão micro (o lugar: Largo da Carioca).

A estrutura desta Dissertação se deve, em grande parte, às associações de leituras, ao arcabouço teórico e às análises locais

desenvolvidas no Largo da Carioca, inicialmente contempladas através de um caderno de campo minucioso e, posteriormente, através dos questionários e entrevistas realizadas com a massa humana do lugar, que muito contribuiu para a formação de uma imagem local mais consistente e poética.

Este convívio com a movimentação urbana, vivificada através dos personagens sociais que atuam diariamente no Largo da Carioca (artistas performáticos, vendedores ambulantes, camelôs fixos, profissionais liberais, executivos, donas-de-casa, estudantes, mendigos e tantos rostos incógnitos) foi fundamental para a seleção de uma metodologia que conseguisse extrair, ao máximo, os recursos e as fontes fornecidas pelo lugar.

Assim, com o auxílio da observação participante (SPRADLEY, 1980; EDGERTON & LANGNESS, 1974), dos métodos analíticos qualitativos do espaço (THIBAUD, 2001), de pesquisa iconográfica, recursos fotográficos, vídeo-câmera, entrevistas e questionários - desenvolvidos concomitantemente às teorizações sobre o urbano, cidade, lugar, espaço e tempo - os capítulos desta Dissertação foram formulados.

Na Introdução, ora apresentada, expomos a questão central do trabalho, esclarecendo o porquê da escolha do tema, do assunto, os objetivos e justificativas, assim como delineamos a estrutura geral da Dissertação.

No primeiro capítulo, dedicado à contextualização do tema a partir do suporte espacial, tratamos do histórico linear que abarca a evolução do tema 'cidade' até o foco em nosso recorte espacial, o Largo da Carioca. Desta forma, colocamos em questão o vínculo urbano na sua estruturação, o fator agregador do espaço público nas sociedades ocidentais, as formas associativas de Lugar através do *locus standi* (ROSSI, 1995) e localmente, o

Largo da Carioca como espaço em constante transformação, advindo de uma história pacata, mas cercada de registros importantes para o crescimento da cidade do Rio de Janeiro.

O segundo capítulo fomenta o arcabouço teórico de toda a nossa pesquisa, por isso denominando-se ‘contornos substanciais’, uma vez que o delineamento de nossas proposições é feito sobre esta fundamentação. Colocamos em questão, *a priori*, o próprio objeto de estudo (o Largo da Carioca) teorizando sobre as relações de apropriação geradas por uma permanência de indivíduos (em contraposição ao seu caráter de passagem) que o escolhem como Lugar (TUAN, 1983); da mesma forma, conceituamos o LC através de seus usos e atividades, comentando sobre o papel das atividades ligadas ao teatro de rua e às performances de artistas ‘populares’ que acabam por caracterizar este espaço como o lugar das ‘rodinhas’; e atentamos para as características biunívocas expressas pelo termo *dinergia*¹⁷ e pela questão da experimentação da vida urbana através do cotidiano e do olhar do transeunte. *A posteriori*, comentamos sobre a dinâmica do corpo e do espaço neste lugar, destrinchando as categorias selecionadas para o estudo e pesquisa dos elementos compositivos da paisagem do Largo da Carioca (e utilizadas como elementos de análise na metodologia).

O terceiro capítulo refere-se a um ‘mergulho’ direto no recorte definido para estudos, ou seja, a proposição de Materiais e Métodos para a análise do Largo da Carioca. Através da metodologia selecionada para análise dos aspectos físicos e sócio-culturais do espaço, apresentamos um roteiro baseado na

¹⁷ Espaço formado por condicionantes opostas e coadunadas ao mesmo tempo, implicando numa justaposição de estímulos e relações binomiais que reforçam o caráter dinâmico local.

Ethologia dos espaços públicos¹⁸, que revela um entrelace entre os aspectos de experiência coletiva e atributos espaciais.

O quarto capítulo, como etapa analítica da Dissertação, trata da aplicação direta da metodologia desenvolvida no capítulo anterior, com base na fundamentação do capítulo 2. Encontra-se estruturado em quatro etapas: *período de impregnação*, que engloba as análises tomadas da observação direta e preliminar no espaço; *estudo descritivo do território*, que propõe uma análise morfológica e focal no ambiente do Largo da Carioca, chocando-o com um outro espaço adjacente e de estrutura formal dicotômica (a R. Uruguaiana); *estudo macroscópico dos fluxos*, onde a aplicação das análises morfológicas são discutidas em conjunto com uma visão social e urbana, complementada por questionários e mapas cognitivos; e a última etapa encerra o estudo *microscópico do espaço*, baseado nas entrevistas realizadas com os usuários do Largo da Carioca e nos elementos definidos como categorias de análise.

O quinto capítulo delinea as discussões dispostas para os cinco elementos definidos como categorias de análise (simbolismo, significado, memória, *ancrage* e instantaneidade) no capítulo 2 desta Dissertação. Estes elementos são aplicados alternadamente e de forma inclusiva entre as diversas técnicas de pesquisa (desde filmagem, fotografias e iconografia até entrevistas diretas) e são concatenados neste capítulo, de acordo com a conclusão das etapas metodológicas. As categorias reproduzem os elementos verificados como tensionadores de uma dinâmica urbana local e possibilitaram uma maior concretude nas conclusões deste trabalho.

¹⁸ COSNIER, Jacques. *L'Éthologie des Espaces Publics*, In: THIBAUD, Jean-Paul et GROSJEAN, Michèle (dir.). **L' Espace Urbain en Méthodes**. Collection Eupalinos, Marseille: Éditions Parenthèses, 2001, pp. 14-28.

O último capítulo desta pesquisa discorre sobre as conclusões finais do trabalho de Dissertação, apresentando comentários sobre os resultados obtidos com as análises, as relações definidas entre os conceitos estruturadores e o fator socializador do espaço público – representantes fractais da imagem global da cidade – utilizado e apropriado por seus usuários, de acordo com seus elementos de vitalidade urbana e valores coletivos. Chamamos este capítulo de ‘conclusões caleidoscópicas’ incitando uma metáfora que tipifica o olhar diferenciado que o usuário projeta sobre um ambiente no qual se constitui uma teia de relações que o potencializa como Lugar.

*Uma cidade é, entre outras coisas, uma formação didática que narra a partir de sua própria memória (...) um lugar é o que foi.*¹⁹

¹⁹ LAMPUGNANI, V. M. **Notas sobre el Urbanismo de la Actualidade**. VV.AA., GG: 1993, pp. 11.

1. DO MACRO AO MICRO: CIDADE E LUGAR

1.1. FRAGMENTOS DE UMA LEITURA DO ESPAÇO

Lugar e metáfora, a cidade interessa, por conseguinte, enquanto espaço físico e mito cultural. À cidade, a modernidade se pressupõe, na medida em que é o cenário das transformações, exibida de maneira ostensiva e, às vezes, brutal. Assim, a cidade é pensada como condensação simbólica e material de mudança.

João do Rio: *Vielas do vício, Ruas da graça* (1996).

O caminhar pelos espaços solidifica um importante papel na vida social das cidades; a atividade de experimentar a pé seus espaços permite o anonimato necessário para se observar o espetáculo de pessoas e cores, como na figura do *flâneur*, o homem que observa tudo, sem se misturar ativamente à multidão.²⁰ Alguns autores (CARR et al, LYNCH, DE CERTEAU) atentam para o fato de que a conquista da adequação forma e uso do espaço se dá através de uma relação estreita entre o reconhecimento desses espaços (projeto urbano) e o cotidiano das pessoas no lugar de desenvolvimento das atividades e de construção de um imaginário social.

Numa breve abordagem da evolução das cidades, podemos ressaltar o séc. XVII como o precursor das grandes discussões em torno da forma de edificação e manutenção do espaço urbano. Foi neste século que os muros das cidades Medievais começaram a ser destruídos e os espaços livres da cidade passaram a ser encarados – politicamente e arquitetonicamente – em virtude do lazer, da recreação e da sociabilidade. Esta mudança na forma de observação dos espaços livres implicou também uma valorização

²⁰ A figura do *flâneur* foi bem desenvolvida e apropriada a partir da poesia de Baudelaire, e então descrito por Walter Benjamin: “o olhar do alegórico a perpassar a cidade é o olhar do estranhamento. É o olhar do *flâneur*, cuja forma de vida envolve com um halo reconciliador a desconsolada forma de vida vindoura do homem da cidade grande. O *flâneur* ainda está no limiar tanto da cidade grande quanto da classe burguesa. Nenhuma delas ainda o subjugou. Em nenhuma delas ele se sente em casa. Ele busca seu asilo na multidão” (BENJAMIN, Walter. Paris, capital do séc. XIX. In: HOTHE, Flavio (org.). Walter Benjamin. São Paulo: Ed. Ática, 1991, p. 39).

dos grandes espaços destinados aos eventos sociais e à demonstração de poder de uma sociedade.

Segundo COELHO (2000), nesta época iniciam-se as reordenações espaciais da cidade Barroca em torno de *boulevards* e avenidas, utilizadas a partir de então como local de transporte e trânsito da vida burguesa “(...) voltada para o consumo, para a novidade nos hábitos e para as manifestações culturais” (Op. Cit., p. 21). Estas mudanças, abarcadas no período Oitocentista, buscavam a reordenação do espaço da cidade Barroca²¹ que ainda guardava traços medievais, ao mesmo tempo em que articulava áreas de expansão para além dos limites da cidade.

A partir do século XIX, muitas críticas voltadas às reformas Oitocentistas, geralmente relacionadas à destruição da antiga cidade, trouxeram a preocupação em incentivar a vida social e coletiva na cidade, voltada para a escala humana, diferentemente do papel monumental desempenhado pela idéia de aplicação de uma avenida Haussmanniana, derivada de uma apologia ao corpo humano e à necessidade de ‘respiração’ dos centros urbanos – fato que teve sua origem nas descobertas de David HARVEY²² a partir do século XVIII.

A partir deste século podemos traçar, também, um marco diferencial na experiência do cidadão e a cidade; dispondo dos conhecimentos adquiridos com as novas teorias sobre a cidade, baseadas num enfoque atomístico balizado entre economia, política e sociologia – em especial, com ENGELS (1820-1895) e



Fig. 27, 28, 29: Espaços Públicos no Mundo: Veneza; Roma (Piazza Navona e Piazza dei Campidoglio).
Fonte: EP, 1993.

²¹ As práticas urbanas Renascentistas baseavam-se nos ideais de proporção e regularidade de uma rigorosa geometria (BENEVOLO, 1993; MUNFORD, 1976). Deste modo, na cidade Barroca, a monumentalidade e a perspectiva era ressaltada na exuberância dos elementos compositores do espaço, como observado em Versalhes (BENEVOLO, 1993).

²²David HARVEY foi o físico que descobriu (em 1628) que o órgão responsável pela circulação/bombeamento de sangue no corpo humano não era a alma – como supunham até então os religiosos e cientistas ocidentais, mas o *coração*, abalando de vez as estruturas urbanas já consolidadas e pregando uma necessidade de amplitude e higienização dos centros urbanos. Sua Tese, inicialmente contestada, ganhou total aceite e relevância nos mais diversos projetos executados a partir do séc. XVIII.

MARX (1818-1883) – o olhar do homem se volta para dentro dos limites construídos, e não mais para as terras além, para os limites do mar. O homem passa a ‘dar as costas’ para o que era tido como ponto focal. Ocorrem, deste modo, modificações de vida em sociedade e transformação das naturezas política e física do espaço; o cidadão é incentivado, numa atmosfera de revoluções, a perceber o espaço urbano, inquirir sobre ele e incentivar sua esfera local. Algumas questões pertinentes à completa experiencição da cidade, como objeto de fruição simbólica, representação e identidade, no entanto, estavam ainda encobertos; o papel da relação espaço-tempo era uma delas.

No início do século XX, com as práticas modernistas e a massificação das avenidas em torno do automóvel, da dinamicidade das cidades e das mudanças sociais, as mudanças urbanas tornam-se ainda mais intensas, diante do fenômeno da mecanização, da automação e da produção em série. Auto-estradas, edifícios desvinculados da estrutura urbana, a arquitetura de *container*, que simboliza o fechamento da relação direta do homem com a rua e a interiorização das funções para grandes ‘caixas’ que contêm as atividades (shoppings, condomínios, parque temáticos, *parking zones*)²³, são alguns dos elementos que emblemam o período.

É a partir da década de 60, com o levante das críticas sobre o Modernismo, que as cidades começam a gerir um retorno à escala do homem, do organicismo, das funções adensadas e de uma liberdade de participação nos espaços livres da cidade, comumente relacionadas às praças e ruas.



Fig. 30: Modificações urbanas no Largo da Carioca, s.d.
Fonte: AGCRJ.

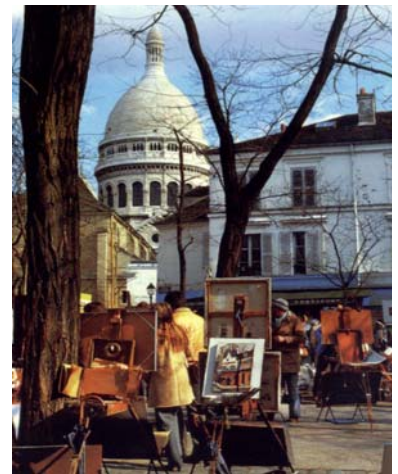


Fig. 31, 32: Av. Rio Branco, RJ – ocupação antes da remodelação, 1900. Monmartre, Paris - a revolução da vida social advinda do séc. XIX
Fonte: AGCRI / EP, 2001.

²³ Esta categoria *container* é bem exemplificada por SOLÁ-MORALES, Ignasi de. **Presente y Futuros: La Arquitectura en las Ciudades**. Catálogo da Exposição realizada no XIX Congresso da UIA, Barcelona: 1996, pp. 10-23.

o agregador de atividades múltiplas, etimologicamente associada ao *mercado* e à *cidade*, assim definida, exprime-se como elemento categorizador das relações encontradas no *Largo*, designação de origem portuguesa, de onde se estendeu ao Brasil pelo processo de colonização.

Praça (s.f.)= *platea*. 1. Lugar público e espaçoso, rodeado de edifícios; 2. Mercado; 3. Circo; 4. Cerco; 5. Lugar povoado= *cidade*.²⁴

Jane JACOBS (2000), uma das pioneiras nas críticas à cidade, valoriza em sua obra seminal de 1961 a diversidade de funções, a densidade habitacional mínima que garanta movimentações dia e noite e a freqüência de um espaço urbano livre como indicador de sua manutenção e vitalidade. A sua tese central é bastante clara: o grau de *urbanidade* de uma cidade, de uma metrópole ou de um bairro depende intrinsecamente do grau de *vitalidade urbana* ali presente. Vitalidade e decadência não estão no texto de JACOBS (Op. Cit.) em oposição simples; para ela, manejar a complexidade urbana através de planos e projetos é tarefa necessária.

Regina MEYER²⁵ (In: *Pensando a Urbanidade*, 2000) coloca de forma categórica os efeitos da crítica inicial de JACOBS:

Cunhando a expressão 'cidade-jardim-bela-radiante', ela [Jane Jacobs] atravessa, com a lâmina de uma só espada, três vertentes do planejamento urbano e do urbanismo. Esta expressão reúne o inglês Ebenezer Howard (1850/1928), fundador do conceito que orientou os projetos das cidades jardim; o americano Daniel Burham (1846/1912), que (...) buscou reintroduzir no urbanismo uma estética classicizante que resultou no chamado Movimento City Beautiful, e, por fim, o seu

²⁴ SILVA, Adalberto Prado e. **Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos**. Vol. III, São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1965.

²⁵MEYER, Regina. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha020.asp>>. Acesso em 20/06/2003.

alvo principal: Le Corbusier (1887/1965) e todo ideário modernista contido no paradigmático projeto da 'Cidade Radiante'.

JACOBS (Op. Cit.) lança os três urbanistas num único patamar, rotulando-os indiscriminadamente de "planejadores ortodoxos". Tanto nas formulações entre eixos urbanos e rurais de Ebenezer HOWARD, quanto no esteticismo ascético do *City Beautiful* e na separação das funções do Movimento Moderno, podemos perceber uma "incômoda equivalência" (MEYER, 2000) que resultou numa abstração da formulação das cidades geridas por estas teorias. Com esta citação buscamos ressaltar o objetivo concreto desta crítica, que faz parte de nosso embasamento na forma de olhar a cidade, atualmente: o valor da relação homem e ambiente, no espaço público.

HALPRIN (*apud* COELHO, 2000, p. 29) comenta que "*os espaços livres públicos são os vazios da cidade através dos quais ocorre a dinâmica da ligação entre as partes desta. É a parte visível da cidade que marca, orienta e define a vivência dos cidadãos com a cidade*". Para LYNCH (1997, p. 88) "*a comunidade é parte da forma urbana, também é forma, e interage do começo ao fim na produção do espaço*". Da mesma forma, ALEXANDER (1980) comenta que o espaço público é o elemento que conforma uma cidade e interage com o organismo vivo, que são as pessoas, influenciando suas formas de relacionamento com o espaço (*behaviour*). Sugerindo *padrões* de situações da natureza humana que podem ser observados através dos tempos, numa relação de uso cotidiano no espaço da cidade, o autor revela alguns aspectos intrínsecos no convívio destas duas entidades (homem e espaço) conforme cita COELHO (2000, p. 30): "*a necessidade do encontro e o reconhecimento simbólico da forma que lhe é oferecida*".

Assim, após termos resumidamente iniciado as relações de evolução do espaço urbano quanto à cidade ocidental, podemos

remontar esta observação nas cidades contemporâneas e seus espaços de convívio social, representados pelos espaços livres públicos.

Visto que nosso foco se concentra num recorte espacial observado em seu estado contemporâneo, o Largo da Carioca, mas que reflete (em sua estrutura formal) as modificações higienistas propostas por Pereira Passos no início do século XX, baseados nas reformas Oitocentistas – principalmente quanto à abertura da Avenida Central (atual Av. Rio Branco) – propomos neste capítulo uma incursão pelas teorias sobre a evolução dos conceitos *cidade* e *urbano*, a fim de revelar o papel de nosso objeto de pesquisa como um microcosmo deste grande complexo contemporâneo e ressaltamos (no capítulo posterior, dedicado à evolução histórica do LC) a forma como as modificações urbanas no Centro do Rio de Janeiro proporcionaram uma intensificação nas relações de memória e identidade, na integração do homem com o seu ambiente, e na atribuição de novos significados, imaginários e formas de apropriação.



Fig. 35: Largo da Carioca, R. da Carioca e R. Uruguaiana.
Fonte: EP, 2003.

1.1.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE CIDADE

Como forma de delinear um afinamento nas observações sobre cidade e lugar, torna-se útil a lembrança dos contornos históricos do fenômeno, traçados por diversos autores aos quais nos remetemos neste sub-capítulo (MUMFORD, CASTELLS, ROSSI, entre outros) e que reforçam nossos estudos sobre esta questão.

O processo de formação das cidades está na base das redes urbanas e condiciona a organização social do espaço. As análises do processo de urbanização situam-se, geralmente, numa perspectiva teórico-evolucionista, segundo a qual cada formação social se produz, sem ruptura, pelos elementos da formação

social precedente.²⁶ MUMFORD²⁷, a respeito disso, explora a evolução das formas espaciais para classificar as etapas da história universal, em cada cidade que aborda.

Sobre esta relação *urbano x cidade (urbis x civitas)*, alguns teóricos urbanos e geógrafos da década de 60 ainda insistem em recusar o termo 'cidade' para designar certas formas de povoamento, que seriam conflitivas à teoria do 'urbano'. Por isso, uma das correntes mais fortes é a que associa esta ligação, entre forma espacial e conteúdo cultural, à definição concisa de urbanização.

Com relação ao termo *urbano*, muitos números aparecem ilustrando as várias contradições propostas por diferentes estudos em vários países, cada um deles relacionando o termo a um número determinado de habitantes²⁸, ou à estrutura de divisões administrativas, ou mesmo indicadores de diversas atividades em diversos setores. Uma versão ainda relacionada a estes dados empíricos, mas um pouco mais avançada é a de CASTELLS (1983), quando designa urbano como *uma forma especial de ocupação do espaço por uma população, marcada por uma alta densidade, apresentando diferenciações funcionais e sociais muito maiores*.

Queremos ressaltar que não é nosso interesse definir todas as elaborações geradas sobre os termos *urbanização* e *urbano* (necessariamente relacionado à cidade), mas pelo contrário, esclarecer que não é pelas definições ou critérios que chegaremos a uma delimitação válida de nossos conceitos. Fica claro através da imprecisão dos limites e fronteiras, gerados pelo poder

²⁶ Para maiores referências, ver CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana** (1942). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983, pp. 36; LAMPARD, E. *The History of Cities in the Economically Advanced Areas*, In: **Economic Development and Cultural Change**. Boston: 1995, pp. 90-104.

²⁷ MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História** (1961). São Paulo: Martins Fontes, 1991.

²⁸ Nos Estados Unidos, toma-se o limiar de 2500 habitantes como critério de comunidade urbana; em contraposição, a Conferência Européia da Estatística, em Praga, estabelece o número de 10000 habitantes, corrigindo este número de acordo com a divisão da população ativa nos setores.

administrativo, que o excesso de definições conturba e escurece o foco de atenção que, segundo nossas considerações, seria o papel das relações sociais e históricas desenvolvidas num quadro espacial. Sob este aspecto, uma ponderação maior sobre a questão de diversidade dos elementos constitutivos de uma metrópole, a quantidade de recursos visuais, informacionais e midiáticos, além da relação frenética de sua mobilização veicular e crescimento das edificações, responderia com maior fidelidade e eficácia a estas questões.

Assim, o início da concepção de *cidade* vem de uma noção de 'excedente', produzido pelo trabalho da terra. Surgem os centros religiosos, administrativos e políticos, determinados por uma expressão espacial de complexidade social, esta determinada pelo processo de apropriação e re-investimento no produto do trabalho. Esta rápida análise mostra o fenômeno urbano articulado à estrutura de uma coletividade.

Contemporaneamente, a noção de *urbano* pertence à dicotomia entre cidade tradicional/cidade moderna, referindo-se a uma heterogeneidade social e funcional, sem uma definição precisa, senão através do legado ainda remanescente, e em constante debate, sobre a questão do espaço moderno e do espaço consolidado nas cidades pré-existentes.

Nesta abordagem da cidade moderna, e ainda num foco neo-racionalista, mas apologético à história, temos as contribuições de ROSSI (1995) em *Arquitetura da Cidade* (1966).²⁹ Este ensaio, baseado numa visão estruturalista, reforça um símbolo adquirido durante as teorias do movimento moderno, que é a cidade e o edifício como uma estrutura única.

²⁹ Para entender a posição de ROSSI (Op. Cit.) quanto à cidade, uma explicação sobre o neo-racionalismo torna-se essencial: este conceito traz a sistematização do conhecimento e a busca de uma autonomia da arquitetura, sendo esta autonomia a forma vista como 'estrutura do pensamento'.

O termo *urbanismo*, iniciado por Ildefonso CERDÁ em 1859 (quando dos planos de remodelação de Barcelona) ganha vulto neste período, e especialmente através de ROSSI, com a idéia de planejamento urbano, índice explorado por Françoise CHOAY em seu *Urbanismo Progressista*³⁰, que ao tornar o debate das cidades objeto de ciência e reflexão, assume duas direções: o modelo culturalista e o modelo progressista.

As concepções do urbanismo culturalista se antagonizam com aquelas do urbanismo progressista que tem em LE CORBUSIER seu mais expressivo representante e cujo interesse se centra nas estruturas técnicas e estéticas, desconsiderando os aspectos sócio-culturais. Nestes debates da década de 60, com palco demarcado na Itália, podemos ressaltar também o papel de Savério MURATORI³¹ - grande exemplo para a evolução das teorias de ROSSI - que se baseiam na questão do 'funcionalismo ingênuo', na autonomia através do estudo da forma e da tipologia e na idéia de cidade como *construção*. Existem contrasensos nesta idéia, já que a razão é parte de um sujeito, e por isso mesmo torna-se subjetiva e passível de descontinuidades conceituais (como na conceituação de *locus*), mas nos aspectos objetivos (a questão da dimensão pública, dos monumentos e zonas residenciais), ROSSI (1995) formula uma teia interessante, que resulta em sua visão da cidade em partes, formada de vários microcosmos dentro de um mesmo continente.

ROSSI esclarece que ao falar de arquitetura, não pretende referir-se apenas à imagem visível da cidade e ao conjunto das suas arquiteturas, mas antes à arquitetura como construção. A oposição entre particular e universal e entre individual e coletivo

³⁰ CHOAY, Françoise. **O urbanismo utopias e realidades: antologia**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

³¹ Em seu ensaio **Estudi para um Studenti di Venezia**, MURATORI coloca, conforme a sua "Introdução a Boullé" em *Racionalismo de Ilustração*, que o funcionalismo é uma falácia, chegando a chamá-lo nas representações modernas de "funcionalismo ingênuo".

emerge da cidade e da construção de sua arquitetura. Ela se manifesta sob diversos aspectos, nas relações entre esfera pública e privada, na oposição entre projeto racional da arquitetura urbana e os valores do *lócus*, e entre edifícios públicos e privados:

A arquitetura é a cena fixa das vicissitudes do homem, carregada de sentimentos de gerações, de acontecimentos públicos, de tragédias privadas, de fatos novos e antigos. O elemento coletivo e o elemento privado, sociedade e indivíduo, contrapõem-se e confundem-se na cidade, que é feita de inúmeros pequenos seres que procuram uma acomodação e, junto com ela, formando um todo com ela, um pequeno ambiente mais adequado ao ambiente geral. (ROSSI, 1995, p. 3).

Numa abordagem lingüística da cidade, a estrutura dos elementos formuladores de frases e textos, com multiplicidade de sujeitos e predicados, é vista pela complexidade dos processos de permanência e modificação. Para SAUSSURE³², o desenvolvimento da ciência lingüística pode ser transposto como programa para o desenvolvimento do espaço construído; do mesmo modo, acreditamos nisso. Gilberto FREYRE³³ comenta da influência de alguns tipos edificatórios e urbanos levados ao Brasil pelos portugueses, estabelecendo laços entre as tradições sociais portuguesas e o tipo de sociedade estabelecido no Brasil colonial.

A forma da cidade é um dado concreto de sua experiência e sua disposição para o habitante e usuário espacial é feita através de relações proporcionadas por este mesmo espaço, a partir dos fatos urbanos. Cada fato urbano³⁴ prescinde uma

³² SAUSSURE, Ferdinand. **Cours de Linguistique Générale**. Paris : Éditions Payot, 1922.

³³ FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1958.

³⁴ Como fato urbano entendemos os acontecimentos e estruturas fixas que fazem parte de um cenário urbano (edifícios, ruas, praças e mesmo manifestações políticas, vendedores e ambulantes).

individualidade, que depende relativamente de sua forma de organização no tempo e espaço (elementos indissociáveis).

Há na natureza dos fatos urbanos algo de artístico. Este caráter está relacionado ao seu *unicum*, portanto a sua análise e definição. Nenhum fato urbano é analisado da mesma forma, pois sua avaliação passa por experiências relacionadas à vivência e à experimentação, assim como a cidade deve ser entendida como a “*coisa humana por excelência*” (ROSSI, 1995, p. 19).

Lévi-STRAUSS³⁵ colocou a cidade numa temática rica de desenvolvimentos imprevistos, feita a partir das relações entre o elemento natural e o artificial, objeto de natureza e sujeito da cultura. Não é, pois, de maneira metafórica que se tem o direito de comparar “*uma cidade com uma sinfonia ou com um poema: são objetos de mesma natureza. Talvez mais preciosa ainda, a cidade situa-se na confluência da natureza com o artifício*” (Id., Ibid., p. 121).

Ainda Lewis MUMFORD, em *The Culture of the Cities* (1944) coloca esta análise da cidade como obra de arte vista sob o ângulo de uma literatura anglo-saxã, vislumbrando o acontecimento das noções de natureza no princípio de sua formulação:

A cidade é um fato natural (...) mas também é uma obra de arte consciente e encerra na sua estrutura coletiva muitas formas de arte mais simples e individuais (...) porque o espaço, não menos que o tempo, é reorganizado engenhosamente nas cidades; nas linhas e contornos dos recintos, no estabelecimento de planos horizontais e cumes verticais, na utilização ou contraposição da conformação natural (...) juntamente com a linguagem, ela é, talvez, a maior obra de arte do homem.

³⁵ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Tropiques**. Paris : Librairie Plon, 1955, pp. 35. “*A cidade... coisa humana por excelência*”.

Para HALBWACHS³⁶, a imaginação e a memória coletiva³⁷ formam o caráter típico dos fatos urbanos. Ainda neste seguimento, quanto à complexidade dos fatos urbanos, podemos verificar o papel das múltiplas atuações dos elementos coletivos na formação de um ‘espírito da cidade’, segundo Georges CHABOT³⁸ (*apud* Rossi, 1995, p.44), quando comenta que a cidade é uma totalidade que se constrói por si mesma e na qual todos os elementos contribuem para formar a *âme da la cité*.³⁹ Quanto a esta última consideração, devemos ressaltar que CHABOT (Op. Cit.) coloca esta *autopoiesis* da cidade como uma insurgência definida por suas funções, e podemos dizer que o fenômeno das permanências (ou das persistências, segundo ROSSI, Op. Cit.) é um item analisado sob a égide dos elementos detectáveis através dos monumentos, dos sinais físicos do passado e também através da resistência de planos e traçados.

Assim, o estudo do conteúdo permite evidenciar o significado da evolução urbana de modo concreto; sustentamos que a cidade é uma coisa que permanece, através das suas transformações, e que as funções que ela desempenha são momentos na realidade da estrutura.

Pensar num fato urbano qualquer como algo definido no tempo constitui, em nossas considerações, um erro de interpretação. “A forma da cidade é sempre a forma de um tempo da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade” (ROSSI, 1995, p. 57).

Nosso ponto de vista quanto a toda esta movimentação, durante o latente início do declínio das teorias urbanas modernas, é o

³⁶ HALBWACHS, Maurice. **La Mémoire Collective**. 1^a édition, Paris: PUF, 1950.

³⁷ Como *memória coletiva* consideraremos, segundo HALBWACHS, o conjunto de mensagens e símbolos expressos numa comunidade através da continuidade de um signo, uma referência ou uma determinada linguagem local.

³⁸ CHABOT, Georges. **Les Villes: Aperçu de Géographie Humaine**, 1^a édition, Paris: Armand Collin, 1958.

³⁹ “Alma da cidade” (Nota das autoras).

papel das prospectivas e da forma como vemos nossas cidades contemporaneamente. Tomando como foco o conceito de *cidade* de CASTELLS (1983) e como as influências disto rebatem-se no modo como os habitantes fazem uso da estrutura formal e, a partir disso, a base formal da cidade também se modifica, pretendemos abarcar com nossa pesquisa, no espaço livre e público do Largo da Carioca, uma linha de pensamento que denota a influência dos sentimentos de pertencimento e resgate da história da cidade, oposta às teorias de esquecimento do modernismo.

1.1.2. A QUESTÃO DA EVOLUÇÃO URBANA

A ideologia urbana possui profundas raízes sociais. No entanto, nosso interesse ao comentá-las neste trecho é o de inserir um caráter mais global, relativo e interdependente da cidade aos fenômenos urbanos, do que sair da rota analítica do espaço urbano e arquitetônico. Pretendemos realçar o papel desta ‘urbanidade’ como um elemento empreendedor de novas formas de convívio e, conseqüentemente, novas maneiras de se dialogar com os espaços. Ressaltamos, com isso, que nenhum fenômeno ligado às realizações e modificações espaciais está dissociado das evoluções históricas, políticas e sociológicas.

O princípio dos avanços da modernidade é representado num imediatismo urbano, numa necessidade maior de aceleração dos pontos de chegada; é a visão do objetivo, e não dos meios. A partir desta alavanca de transformação espacial (mais autopistas, mais trânsito, maior produção, menos espaço de contemplação e agregação livre e público) o mundo moderno associa-se ao termo *Instantaneidade*:

O homem não é apenas o homem daquele país e daquela cidade, mas é o homem de um lugar preciso e delimitado, não havendo transformação



Fig. 36, 37: Nepal- Reino Mustang, 2002; Tóquio- Japão/2002.
Fonte: *The Earth from Above*, 2002.

urbana que não signifique também [alguma] transformação de vida de seus habitantes. (Rossi, 1995, p. 253).

O texto de Max WEBER *La Ville* (1905) foi interpretado como uma das primeiras formulações da tese da cultura urbana, no cenário social. Na realidade, segundo teóricos como SIMMEL (1971) e CASTELLS (1983), e segundo nossas considerações, trata-se de uma localização histórica do urbano, contra as teses evolucionistas da corrente culturalista, para a qual a urbanização e a modernização são fenômenos equivalentes. Henri LEFEBVRE⁴⁰ afirma que a sociedade é produzida por um desdobramento histórico que pode ser nomeada ‘seqüência dialética’, e que a partir de suas interações e estratégias, sucessos e insucessos teóricos, resultam as ‘qualidades e propriedades’ do espaço urbano.⁴¹ LEFEBVRE (Op. Cit.), assim, explicita que o contingente humano faz o espaço e que o espaço, como toda sociedade, é obra inédita nesta criação, sempre emoldurada pelas permanências e mudanças das atividades urbanas.

Quando falamos em espaço urbano estruturado, ressaltamos que ele não está estruturado ao acaso, e que os fenômenos urbanos que se ligam a ele exprimem, ao especificá-lo, os determinismos de cada tipo e de cada organização espacial. E podemos relacionar isto também à veiculação de alguns modelos emblemáticos recorrentemente utilizados a partir de um *boom* das teorias urbanísticas modernas na década de 20 e, fortemente, da Escola de Chicago e seu esforço teórico da “ecologia humana” representada nos bairros emergentes.⁴²

⁴⁰ LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Paris: Anthropos, 1968.

⁴¹ LEFEBVRE, Henri. **Do Rural ao Urbano**. Paris: Anthropos, 1970.

⁴² Esta explicitação permite compreender porque o mesmo modelo de urbanização tenha podido dar conta do crescimento de certas cidades americanas e, parcialmente, de cidades européias, como mostraram DE LAUWE em Paris e MCFRATH em Roma, ao mesmo tempo introduzindo esta modificação importante: a existência de residências de categoria superior no centro da cidade, espaço carregado de laços simbólicos e locais de consumo cultural. Cf.: CHOMBART DE LAUWE, P. H. Et al. **Paris er**

Outra análise de modelos interessante, traçada por CASTELLS (1983) é sobre a organização espacial de algumas cidades latino-americanas, dentre elas algumas no Brasil. Sua conclusão é a existência de duas formas urbanas principais: o modelo tradicional - um centro histórico, cercado de povoados populares, que serve às camadas superiores e às funções de direção - e o modelo industrial, que reproduz parcialmente os traços fundamentais do desenvolvimento por zonas.

A aceleração dos meios de propagação da informação e da literatura, a imediatidade das novas estruturas propostas e a fusão de uma perspectiva histórica (assentada em meados da década de 60) fundamenta, até hoje, as discussões em torno do espaço urbano. Reconhecemos, nesta formulação, o núcleo de trabalhos importantes, entre outros, como os de Lewis MUMFORD⁴³, Paolo PORTOGHESI⁴⁴, o pensamento de Henri LEFEBVRE⁴⁵ e, como base metodológica inovadora, Kevin LYNCH⁴⁶, apesar de nos reservarmos algumas críticas quanto ao uso indiscriminado de seus elementos de análise do espaço construído.

Podemos dizer que no Brasil, especialmente, o legado da cidade modernista fundada no terreno insólito de Brasília trouxe alguns graves erros no trato como as cidades responderam ao triunfo da 'modernidade' em todo o mundo. Os problemas da linguagem urbana, representados em muitos diálogos do antigo com o novo em centros consolidados, ainda hoje procuram por uma solução.

L'agglomération Parisienne. 2ª ed., Paris: PUF, 1950 ; McFLRATH, d. e. **The Social Areas of Rome.** A.S.R., 27 de junho de 1962, pp. 389-390.

⁴³ MUMFORD, Lewis. Op. Cit., 1991.

⁴⁴ PORTOGHESI, Paolo. Depois da Arquitetura Moderna. Tradução de Ana Luiza Nobre. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 2002.

⁴⁵ LEFEBVRE, Henri. **A Cidade do Capital.** Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

⁴⁶ BANERJEE and SOUTHWORTH (editors). **City Sense and City Design: Writings and Projects of Kevin Lynch.** London: The MIT Press, 1990.

No Rio de Janeiro, com as reformas higienistas do início do século XX, adicionadas ao caráter de transformação da imagem advindo do seu papel como capital até a década de 60, muitas expropriações, demolições e estragos foram ocorrendo em nome do progresso moderno. Estas grandes mudanças, estruturadoras de uma imagem pública – já que o espaço livre público é o alvo das grandes transformações urbanas – modificaram também a relação da propriedade privada.



Fig. 41: Aérea do Largo da Carioca.
Fonte: Tese de Doutorado de Vera Tângari, 2001.

As esferas pública e privada são elementos característicos da formação da cidade, emprestados de termos específicos da sociologia, tanto através de Hans Paul BAHRDT⁴⁷ (In: *Esboços de Sociologia Urbana*) quanto de Jürgen HABERMAS⁴⁸ (In: *História e Crítica da Opinião Pública – A transformação estrutural da vida pública*). Para o primeiro autor citado,

A cidade é um sistema em que toda a vida, portanto também a vida cotidiana, mostra a tendência a se polarizar (...) Desenvolvem-se esferas públicas e privadas, que se encontram em estreita relação sem que a polarização se perca (...) Quanto mais estreita é a polarização, mais íntima é a relação de troca [entre estas esferas] e mais 'urbana', do ponto de vista da sociologia, é a vida de um agregado [este sendo um elemento de desenvolvimento do caráter da cidade]. (apud ROSSI, 1995, p. 116).

Concluimos com esta abordagem pela questão da evolução urbana que o espaço urbano é um produto material em relação a outros elementos materiais (edifícios, bairros, monumentos, pessoas) e dão a esse: forma, função, significado e estrutura. Isto significa que não há teoria do espaço que não seja parte integrante de uma teoria mais geral e mais articulada.

⁴⁷ BAHRDT, Hans Paul. *Die Moderne Grossstadt*. In: *Soziologische Überlegungen zum Stadtebau*, Hamburgo : Rowohlt, 1961.

⁴⁸ HABERMAS, Jürgen. *Historia y Crítica de la Opinión Pública: La Transformación de La Vida Pública*, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, s.d., pp. 43.

1.1.3. O ESPAÇO PÚBLICO

Os espaços públicos, entendidos como dimensão social constitutiva da vida moderna, tiveram sua gênese intimamente associada à emergência das cidades, à centralização e institucionalização do poder construída pelos absolutismos, ao alastramento do mercado e conseqüente autonomia material de camadas de livres proprietários, à alfabetização e ao boom editorial da literatura e dos jornais de opinião, à cristalização da família nuclear (burguesa) como modelo familiar, à emergência de uma subjetividade centrada no *Eu* e, portanto, à aparição da intimidade ou à privatização da vida familiar como oposta à vida pública.

A complexidade dessa dimensão social foi, em grande medida, equacionada a partir da simplificação permitida por diversas perspectivas disciplinares: no campo jurídico como *direito* ou, mais precisamente, mediante a determinação dos critérios para fundamentar a distinção entre direito público e direito privado; na ótica da economia, como *bem público*; no plano da ciência política, foi incluído na problemática do *Estado* e da capacidade de institucionalizar a *res publica* - aquilo que se torna público pelo Estado, mediante o conflito de interesses; da perspectiva da sociologia, como *sociedade civil*, ação social autônoma sedimentada em associações que tematizam questões para o conjunto da sociedade. Os estudos de comunicação vêm desenvolvendo leituras do espaço público enquanto agora virtual ou espaço midiático indispensável para o funcionamento da comunicação política nas sociedades de massas.

Mas em nosso foco, a arquitetura e o urbanismo, percebemos que estruturas delimitadas foram produzidas de acordo com uma leitura disciplinar própria (de modo a processar a complexidade dessa dimensão) e, de forma geral, fizeram-se a partir do estatuto público ou privado dos usos do solo e de sua propriedade, assim como de um modelo analógico de espaço físico.

O elenco de recortes disciplinares (acima mencionado) objetiva atentar para a fragmentação do debate e exígua interdisciplinaridade que, há pouco, caracterizou o campo das teorias e abordagens do espaço público. No entanto, estímulos para a interlocução disciplinar e para a inovação e crítica conceituais vêm alterando este panorama.

Nossa intenção ao abordar o espaço público é a de ressaltar o caráter interdisciplinar que, antes de tudo, avalia a questão *espaço* segundo um semi-círculo, isto é, de forma circundante e aberta; o espaço, como menciona Fábio DUARTE (*passim*, 2002) é um elemento plural – tanto em abordagens disciplinares quanto em significados – composto de partes independentes e relativizado em diversas dimensões, as quais podemos denominar, segundo LEFEBVRE (1970) de espaço percebido, espaço vivido e espaço concebido⁴⁹. Esta tríade coloca em questão as relações conceituais do espaço, e não apenas seu processo histórico.

Ao pensarmos no termo espaço, *spatium*, verificamos que um sentido pessoal sempre é dado. O espaço público, como *bem* social de uma coletividade, traz uma imanência peculiar, pois suscita entre outras dimensões, o desejo de liberdade, de vida coletiva e de agregação que vem se repetindo desde os primeiros relatos de convivência nas cidades.

⁴⁹ Para maiores referências ver DUARTE, Fábio. **Crise das Matrizes Espaciais: Arquitetura, Cidades, Geopolítica, Tecnocultura**. São Paulo : Perspectivas/FAPESP, 2002.

Desta forma, tendo exposto a existência de inúmeras formas de se abordar o espaço, e ressaltando o valor do espaço público como núcleo agregador e facilitador da dimensão humana na cidade, visto que o seu opositor (o espaço privado) se resguarda, muitas vezes, a atuações em menor escala dimensional e social, podemos concluir que seu papel é essencial na manutenção da relação humana.

Y-Fu TUAN (1983, p. 40) escreveu sobre esta importância; para o autor, o entendimento do espaço pela experimentação humana é tão intrínseco, que a análise da palavra mundo (*world*) denota isto, quando atentamos para o seu radical etimológico *wer*, que significa *homem*.

Para a delimitação de um marco originário do espaço público, podemos nos referir às origens, usos e delimitações físicas da ágora grega e do fórum romano – espaços definidos como precursores das variações formais que temos dos espaços de agregação ocidentais – de forma a abarcar os dois ícones mais revisitados na construção de espaços públicos na sociedade ocidental.

1.1.3.1. O PAPEL DAS ÁGORAS

A idéia de Grécia⁵⁰ é ligada ao mito. A cidade de Atenas é a primeira idéia clara da ciência dos fatos urbanos, a passagem da natureza para a cultura. Para ROSSI (1995, p. 200) esta passagem nos é oferecida pelo mito.⁵¹ A partir da cidade grega e dos

⁵⁰ Ver SENNET, Richard. **Carne e Pedra**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2002 [cap. 1 e 2].

⁵¹ A realidade da arte e da cidade grega pressupõe a mitologia e a relação mitológica de natureza. A analogia entre a cidade grega e a relação mitológica pode ser aprofundada no exame concreto das cidades-estado do mundo helênico. Karl MARX, num dos trechos de *Crítica da Economia Política*, fala da arte grega como ‘infância da humanidade’. O mais interessante é, no entanto, esta relação de “infância normal” da humanidade, contrapondo-se a outras civilizações antigas, cuja ‘infância’, segundo seus estudos, é desviada em relação ao destino da humanidade. Em Atenas, os fatos urbanos são efetivamente definidos como elementos geradores da cidade.

estudos aristotélicos entre o concreto urbano e a república platônica, ROSSI (Op. Cit.) crê que o estudo da cidade, em sua geografia e arquitetura urbana, ganhou forte apelo e desenvolvimento.

Da cidade grega recebemos contribuições importantes ao significado da estrutura urbana, que tem origem numa relação indissolúvel com o modo de ser e com o comportamento das pessoas, como bastante explorado por SENNET (2002).

A ágora, situada ao sul da Acrópole, era uma praça repleta de colunatas, templos e outras construções. As principais ruas cruzavam a ágora, de modo que a partir de seu meio, onde se encontrava o altar dos 12 deuses, as distâncias eram calculadas. Nos pórticos da ágora os atenienses discutiam política, faziam negócios e ouviam filosofia.; Sócrates, Zenão e Diógenes difundiram ali suas idéias. Foi nesse local que por volta do ano 50 de nossa era, conforme relata SENNET (Id., Ibid., p. 51), o apóstolo Pedro procurou difundir o cristianismo.

Estes relatos impregnaram os princípios de normatização e configuração do espaço público, preponderantemente no ocidente, através do cotidiano, das crenças, dos mitos e das atividades desempenhadas pelos habitantes da Grécia antiga. Assim, podemos afirmar que o que há de coletivo e de individual na cidade, padronizado em seus espaços físicos e mesmo em intencionalidade estética, foi pregado - originalmente - nas cidades gregas, que já haviam recebido ensinamentos das civilizações egípcias e mesopotâmicas. É na Grécia, de acordo com muitos historiadores, que encontramos os fundamentos da constituição da cidade.

1.1.3.2. O FÓRUM ROMANO

Falando em coletividade, podemos resgatar a idéia de espaços especialmente projetados para a comunidade, marcados por seu caráter público e semi-público contemporaneamente, favoráveis aos encontros e às discussões sociais e políticas. Neste campo temos o grande exemplo da ágora grega, de onde derivou o fórum romano, objeto desta narrativa.

O fórum romano⁵², centro do Império, referência na construção e na transformação de muitas cidades do mundo clássico e fundamento da arquitetura do classicismo, foi primeiramente articulado como necrópole (séc. III), depois como sede de batalhas e ritos religiosos, e posteriormente como mercado, desenvolvendo-se como o princípio de articulação social da cidade – formada pelas tribos esparsas nas colinas.

Por volta do séc. IV o fórum cessa sua atividade como lugar de mercado e se torna uma verdadeira praça, seguindo de alguma forma o ditado de Aristóteles, que descrevia: *“a praça pública (...) nunca será sujada por mercadorias e a entrada nela será vedada aos artesãos... distante e bem separada da cidade será a que é destinada ao mercado”*.⁵³

Depois da urbanização de Augusto e a ampliação da zona central de Roma (o Fórum de Augusto e os Mercados de Trajano) o fórum não perdeu seu caráter de lugar de encontro, tornando-se um elemento específico no interior da cidade, uma parte que resume o todo.

⁵² Sobre o Fórum Romano, ver os seguintes textos: SENNET, Richard. **Carne e Pedra**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Record, 2002 [cap. 3]; ROMANELLI, Pietro. **Il Foro Romano**. Bolonha: Licinio Capelli Editore, 1959.

⁵³ ARISTÓTELES, Política: **Tratado sobre Economia** (obra completa). São Paulo: Martin Claret, 2002.

E assim como descrito por ROMANELLI (*apud* ROSSI, 1995, p. 175-178):

Na via Sacra e nas ruas adjacentes adensavam-se as lojas de luxo, e as pessoas passavam por ali olhando-as, sem querer nada, sem fazer nada [experimentando como fazia o flaneur de Walter Benjamin] somente esperando que chegasse a hora dos espetáculos e da abertura das termas (...) o episódio [de Horácio] repetia-se mil vezes ao dia, todos os dias do ano (...) mas foi ali também, durante o Império, teatro de eventos sanguinários.

Quando lemos que as pessoas passavam sem querer nada, como quem trafega e experimenta o fluxo contínuo da cidade, podemos relacionar isto ao homem da multidão, o homem da supermodernidade que AUGÉ (1993) comenta, experimentando não-lugares e ao mesmo tempo participando do mecanismo da cidade, pertencendo a ela em sua imagem. O fórum, nesta nova perspectiva da época era um fato urbano de profunda modernidade.

A experiência das cidades, a partir deste ponto de vista, pode ser interpretada como vital por muitos dos seus usuários e visitantes⁵⁴, através de suas expressões mais públicas, seus espaços livres e monumentos, detentores de uma série de estímulos visuais fortemente carregados do fator história.

Da mesma forma como veremos ocorrer no Largo da Carioca, os espaços modernos⁵⁵ de Roma demonstravam uma união do passado com o futuro na própria idéia de cidade, que percorre, tal como a memória, a vida de uma pessoa inteiramente; a partir da leitura e compreensão de uma cidade, concretiza-se uma realidade que se conforma nela e através dela.

⁵⁴ Neste grupo, incluídos os turistas, exemplos contemporâneos do trafegar indisciplinado, indireto e cada vez mais sem objetivos diretamente propostos, que não o de viajar.

⁵⁵ Entende-se aqui por *moderno* a relação do 'notável agora'.

1.1.4. LÓCUS STANDI

A cidade, na sua vastidão e beleza, é uma criação nascida de numerosos e diversos momentos de formação; a unidade desses momentos é a unidade urbana em seu conjunto, e a possibilidade de ler a cidade, com continuidade, reside em seu preeminente caráter formal e espacial.

Aldo ROSSI, 1995, p. 66.⁵⁶

O *locus* pode ser definido como a “*relação singular, mas universal, que existe entre certa situação local e as construções que se encontram naquele lugar (...) determinado pelo espaço e pelo tempo, por sua dimensão topográfica e por sua forma, por ser sede de acontecimentos antigos e novos e por sua memória*” (ROSSI, 1995, p. 147, 152). Com esta definição colocamos em questão, também, a relação de manutenção de um *locus*, de acordo com a experiência produzida pelo tempo e de acordo com as trocas exercidas entre ambiente e usuário.

O cerne da definição de *locus* está no papel de *lugar* como espaço singular e concreto, e mesmo: *locus* = espaço + tempo. Nesta relação, podemos realçar os vínculos formais e estéticos que fazem parte de uma delimitação dos contornos do espaço analisado, muito relacionado ao tempo de transição deste espaço ao longo dos anos e segundo uma individualidade. Quanto a isto, ROSSI (Op. Cit.) comenta que os contornos dizem respeito à individualidade dos monumentos, da cidade, das construções e, portanto, ao conceito de limites, onde começa e onde acaba uma restrição espacial, o lugar da arquitetura. Segundo o autor, esses temas são de ordem coletiva e nos obrigam a deter-nos sobre o estudo das relações entre lugar e homem e, conseqüentemente,

⁵⁶ Quanto a esta citação, uma concepção da cidade a partir das partes urbanas pode ser encontrada em LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1997; e nos ensinamentos de Fritz SHUMACHER, teórico do Plano de Hamburgo e Colônia (1951). Para este último autor, a diferenciação da cidade moderna é a característica principal da sua particularidade (*Eigenart*) e todas as zonas tendem a se distinguir cada vez mais claramente umas das outras. A sua forma e seus objetivos (*Gestaltungsaugabe*) caracterizam a estrutura da cidade, independentemente de um princípio formal.

memória. O *locus urbis*, uma vez determinado, influencia, de algum modo, o indivíduo e a coletividade. Esses problemas pertencem, desta forma, à cidade, ao conjunto de indivíduos que habita uma circunscrição, dela se utiliza cotidianamente e dela extrai suas formas de interação e continuidade.

Nesta leitura é inevitável uma alusão aos estudos relativos à *psicologia coletiva*, não como foco de atenção desta Dissertação, mas como uma nota referencial para consultas correlatas. Não é nossa intenção esboçar um ensaio sobre as relações de coletividade sob o foco da sociologia (dentro da qual insere-se a psicologia social), mas colocar como dado importante o fator humano e agregador que é parte inerente das relações sociais que se desenvolvem, em especial, nos espaços livres públicos e no Largo da Carioca, como mostraremos adiante. Sob este foco, muitos outros estudos foram desenvolvidos e cabe ressaltar que a psicologia coletiva torna-se perceptível em todas as ciências que têm a cidade como objeto de estudo em primeiro plano.

A delimitação do conceito *locus standi* vai um pouco além do delimitado até agora; ela abarca a relação do 'lugar em que se está', e tem relação direta com a imagem que se produz do mundo, ora denominada *imago mundi*.

De certo, a relação do *locus standi* pode ser representada pelas considerações sobre *Lugar*, desde a vertente mais humanista na Geografia (tomada por TUAN, 1983), pela fenomenologia (em BACHELARD, s.d. e MERLEAU-PONTY, 1991) e pela abordagem sociológica (MOLES, 1978 e FROSSARD, 1998). O fato é que a relação de lugar tem uma ligação direta com a *existência cotidiana* e relaciona-se com os fenômenos concretos (pessoas, ruas, praças, casas) e intangíveis (emoções, sensações, percepções).

SCHULTZ (1976) coloca que *“O lugar representa esta parte da verdade [dimensão existencial] que pertence à arquitetura, a manifestação concreta do ‘habitar’ próprio do homem, e a identidade do homem depende do pertencimento a este lugar”* (Id., Ibid., p. 6). Isto significa, entre outras análises, que vemos no *lugar* a junção de coisas concretas que possuem sua substância material, sua forma, sua textura e sua cor. Esta junção de coisas define um caráter de ambiência que é a essência deste lugar. O caráter denota, também, uma atmosfera geral que compreende tudo, desde a forma concreta à substância dos elementos que definem o espaço. Toda presença real é ligada, intimamente, a um caráter. Todo lugar tem um caráter. *“O caráter de um lugar tem também uma função temporal; muda com as estações do ano, as cores do dia, a situação meteorológica e de iluminação”* (Op. Cit., p. 14). Então, ambiência e caráter estão sempre relacionados, traduzindo uma nomenclatura específica para cada espaço que vivemos e representamos.

Da mesma forma, o caráter depende de como as coisas são feitas e, assim, é determinado pela realização técnica (construção). *Techne* (do grego=*revelação criativa da verdade*) pertence à *poiesis*, ao “fazer”. Retiramos, daí, duas vertentes: uma que associa a questão da construção ao meio urbano construído, que como *locus standi* se apresenta ao observador como um elemento a ser avaliado e interpretado; outra, mais simbólica, que associa a *poiesis* ao constante construir e desconstruir do homem, elegendo espaços ‘louvados’ (conforme nomeia BACHELARD, p. 130, s.d.) e, de forma causal, reprimindo espaços não apropriados.

Para HEIDEGGER, a relação de *locus standi* é *“O modo como você está e eu estou, a maneira como os homens estão sobre a terra e o buan [habitação]”* (apud SCHULTZ, 1976, p. 10). Quando o homem adquire a capacidade de habitar, o mundo se torna um “interior”. O espírito ou a identidade particular do ambiente

pode ser descrito por meios concretos, criando assim um ponto de partida para as discussões (processo de qualidade do meio).

Podemos observar que, nesta relação, abordando a questão da *imago mundi*, do *lugar* e do *locus standi*, o espaço aberto e livre do Largo da Carioca, representado morfologicamente como exterior, converte-se em interior = *cloture* = *Point-ici*⁵⁷, para aqueles que estabelecem relações de afetividade, simbolização e apropriação no espaço.

Como conclusão desta primeira etapa do capítulo 1, uma pergunta é suscitada: por que estudar uma cidade? Esta sentença, motivadora do início deste trabalho e produtora de inúmeras considerações sobre seus elementos definidores físico-sociais e culturais, encontra repouso numa resposta tanto simbólica quanto existencial:

As cidades são o texto da história; ninguém pode imaginar estudar os fenômenos urbanos sem se colocar esse problema (...) porque as cidades se oferecem a nós através dos fatos urbanos determinantes, em que é preeminente o elemento histórico e memorial (ROSSI, 1995, p. 193).

⁵⁷ Antropologicamente, o homem necessita de espaço, porém, além disso, de um Lugar. O que chamamos de *Point ici* e segundo PROSHANSKY, "Place identity". O "aqui" só existe em oposição a outros lugares. O "aqui" é um endereço, um domínio de influência assinado, reconhecido: a criação do *Point ici* é uma prática social. Ver: MOLES, Abraham; ROHMER, Elisabeth. **Psychologie de l'Espace**. Paris: Ed. Casterman, 1978 [Cap. 3].

1.2. LARGO: UM ESPAÇO CARIOCA

Parafraseando Carlos Drummond de Andrade, podemos dizer que o Rio de Janeiro é uma cidade construída sobre outra que se chamava Rio de Janeiro, edificada, também sobre a mais antiga do mesmo nome de Rio de Janeiro. Uma cidade americana está sendo erigida sobre os escombros da cidade francesa que Passos construíra, derrubando a primitiva portuguesa.

Pedro Nava, *Balão Cativo* (1986).

Em sua Dissertação acerca da *Poética* do Largo da Carioca, VIEIRA (2001) ressalta a análise dos espaços livres públicos na cidade através de suas antigas e atuais funções, buscando compreender os fatos urbanos propulsores de suas transformações físicas e da manutenção do seu movimento social.

Alguns teóricos, como SENNET (1992),⁵⁸ levantaram questões relativas à ascensão e declínio do homem público como forma de confrontar o movimento crescente pela individualização e pela cultura da vida privada, que canta o mote à vida mais segura, confortável e estável dos ambientes controlados.

Esta “mudança cultural”, em se tratando de um país como o Brasil, que em suas origens reza a prece ao homem público, vem de um desmembramento da tecnologia e das descobertas compartilhadas mundialmente, num processo que tanto promove o conhecimento científico quanto privatiza ainda mais a dinâmica dos centros de cidades.

Mais recentemente, em meio a uma avalanche de prognósticos pessimistas para a formulação do indivíduo dentro da sociedade – não faltam exemplos, com base nas conferências e assembleias realizadas nos últimos dois anos sobre a questão da coletividade

⁵⁸ Ver também: SENNET, Richard. **Carne e Pedra: O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental**. Tradução de Marcos Aarão Reis, 2ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 2001.

e da cultura digital⁵⁹ - reconhecidos teóricos, arquitetos e urbanistas têm levantado a bandeira da essencialidade da vida urbana pública.

Os espaços livres, como elementos sujeitos à transformações sociais mais imediatamente que os espaços privados, revelam sempre a evolução física e funcional de uma cidade: o modo como seus habitantes experimentam a realização da política, suas celebrações, seus ritos e suas necessidades como grupo consolidado. Durante séculos, esta máxima vem se desenvolvendo como força motriz da constituição viva, a *polis*.

Mais recentemente, frente à rapidez dos movimentos urbanos e a 'tridimensionalização' do espaço através da poluição comunicacional, publicitária e massificadora⁶⁰, o espaço público tem sido colocado, dentro de sua característica de "*intensificador do 'corpo' da cidade e da relação do homem com o construído*" (Richard SCOFFIER, 2003)⁶¹, como um oásis da coletividade; um oásis reinterpretado continuamente através de sua poética.

A poética como instrumento de criação, advinda do vocábulo grego *poiesis*, é a sintaxe da significação do espaço urbano-arquitetônico livre, utilizado há anos por nossa sociedade como elemento de articulação, mobilização e coletividade. Este espaço trabalha a coexistência de indivíduos que traduzem a singularidade por pluralidade, levando muito em atuação o que

⁵⁹ Em recente Conferência realizada pela Universidade Cândido Mendes em parceria com o Instituto do Pluralismo Cultural, o Conselho Internacional de Ciências Sociais e a Unesco, intitulada "*A Subjetividade na Cultura Digital - o Eu em Rede*", palestrantes como Edgar MORIN e Jean BAUDRILLARD expuseram suas teorias contra a alienação na subjetivação individual, como parte dos eventos da *Agenda do Milênio*, IX Conferência Internacional/maio, 2003.

⁶⁰ Richard SCOFFIER, Diretor da Escola de Filosofia Paris I/Sorbonne e Professor de Teoria dos Espaços Urbanos nesta faculdade, comentou recentemente em sua palestra intitulada "*Conceitos de Descontinuidade e Instantaneidade na Cidade de Atenas*", no XVII Congresso Brasileiro de Arquitetos, que a questão da cultura do espaço público tem se levado para o questionamento do *Visível*, isto é, da componente que estabelece uma continuidade nas descontinuidades dos fragmentos da cidade.

⁶¹ Tradução livre das autoras.

Gaston BACHELARD (s.d., p. 18) revela quando cita que os “*espaços poéticos que determinam o valor humano de posse são espaços amados. Por razões muitas vezes bem diversas e com as diferenças que comportam os vários matizes poéticos, são espaços louvados*”.



Fig. 54: Vista panorâmica do LC a partir do 4. andar do Ed. Central.
Fonte: EP, 2002.

Podemos perceber isto no relato de COARACY (*apud* VIEIRA, 2001), quando menciona que o Largo da Carioca não foi palco de acontecimentos históricos memoráveis, mas a sua história intimista e complexa, urbana e rotineira, é a marca que transforma o Largo da Carioca em um lugar particular. Ainda, as antigas atividades rotineiras de idas e vindas em busca d’água, as ruas que até conservam, em grande parte, sua nomenclatura, os edifícios que são destruídos e construídos, as missas reservadas a uma classe mais abastada da sociedade – que ainda hoje se representa pelos indivíduos bem trajados que utilizam alguns minutos de seu almoço para suplicar dádivas ou simplesmente comungar – são todos estes elementos “*minúcias de segunda importância, mas que entretêm na existência urbana a velha praça, uma das poucas a conservar até hoje a designação antiga e familiar de Largo (...)*” (Op. Cit., 2001, p. 7).

O processo de remodelação do Largo da Carioca, durante todos estes séculos, pode ser comparado a uma cirurgia clínica, conforme relata RAMOS (2001) em sua Dissertação de Mestrado. O fato latente é que, apesar destas modificações serem responsáveis por uma desvinculação quase total de seu traçado original, os usos e atividades desde então realizados nesta área mantém-se em constante renovação de significados, mas de perenidade dos símbolos, como relata BONTA “*As formas tendem a sobreviver mudando seus significados, mais que a desaparecer*” (1977, p. 98).

1.2.1. **PENTIMENTO: BREVE HISTÓRICO DO LARGO DA CARIOCA**

Este capítulo tem por objetivo ressaltar, através de uma breve historização, as transformações verificadas na organização espacial do atual Largo da Carioca, de forma a ressaltar o caráter de mudanças, constantemente renovado neste local da cidade. Para tanto, serão apontadas as principais transformações no desenho urbano, descritas como “processos cirúrgicos” por RAMOS (2001).

O recorte temporal estende-se do início do século XVII, mais precisamente de 1608, quando a área era constituída pela presença marcante da paisagem natural representada pelo trinômio *lagoa, floresta e morro*, até os dias atuais, quando verificamos uma intensidade notória dos elementos de apropriação social no espaço urbano, através de uma dinâmica urbana latente.

O espaço, de acordo com SANTOS (1997, p. 71) “*é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediado pelos objetos, naturais e artificiais*”. Neste sentido, o Largo da Carioca retrata, de maneira primorosa, ao longo dos tempos, o desencadeamento destes processos de transformações espaciais.

Para uma compreensão adequada do processo de construção do espaço é necessária uma abordagem a partir de categorias analíticas; para isso selecionamos as categorias empregadas por SANTOS (Op. Cit., p. 76): *forma, função, processo e estrutura*. Estas categorias visam embasar esta etapa que se preza à evolução histórica através da relação espacial. Da mesma forma, buscamos um suporte nos relatos fragmentados, mas extremamente cativantes, de informantes de faixa etária mais elevada, de modo a concretizar uma etapa baseada na reconstrução da história urbana, através da memória e do que chamamos de *pentimento*⁶², o título deste capítulo. Esta designação visa mostrar como as coisas pareciam antigamente, e como parecem agora.

Myriam BARROS (1999, p. 43) usa esta mesma designação para um trabalho de coleta de informações sobre o Rio de Janeiro da antiguidade, a partir da classe idosa carioca⁶³. Nesta coleta de dados, assim como na nossa, privilegia-se o *olhar* sobre os outros aspectos de abordagem do espaço. Neste enfoque do olhar, não pretendemos classificá-lo como o único a desempenhar a função de apreensão do espaço, mas embutir que através dele, todos os outros sentidos movem-se de forma congruente. E em se tratando de uma coleta baseada em entrevistas a idosos, o resultado é sempre uma apologia memorial. No *Ensaio sobre a Sociologia dos Sentidos*, SIMMEL (1991)⁶⁴ afirma que o olho realiza uma “*ação sociológica particular*”. O olhar torna-se, assim,

⁶² Esta designação, relacionada à pintura, envolve um fenômeno de descoberta do passado com os olhos do presente, sem esquecer que entre um momento e outro há uma série de transformações. Figurativamente, isto se dá através de um esmaecimento da tinta velha de um quadro que, em tornando-se transparente, permite ver as linhas originais do autor, que foram encobertas por um ‘arrepentimento’ – por isso o nome: *pentimento*. Para não perder o quadro, o autor pinta uma outra figura sobre a anterior. Com a perda da tinta, futuramente, uma árvore que esmaeceu deixa ver um cachorro... ou atrás do vestido de uma mulher surge uma criança, por exemplo.

⁶³ BARROS, Myriam Moraes Lins de. *A Cidade dos Velhos*. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999, pp. 43-57.

⁶⁴ Ver também PECHMAN, Robert (org.). **Olhares sobre a Cidade**. Rio de Janeiro: EDUFJR, 1994.

essencial para a relação entre habitantes e metrópole, os primeiros como testemunhas ativas no processo de decifração dos significados e transformações do espaço.

Se analisarmos um processo de construção espacial considerando apenas uma das supracitadas categorias, estaríamos discutindo realidades limitadas e parciais. Por esta razão, é necessário o estudo das mesmas simultaneamente, pois o que desejamos é o entendimento do todo. Neste contexto, o Largo da Carioca não pode ser analisado somente a partir da forma que, de acordo com SANTOS (1997, p. 50) “*é o aspecto visível de uma coisa*”. Isto quer dizer que tal categoria de análise espacial, vista individualmente, é apenas uma simples descrição de objetos em um determinado momento do tempo.

Para a compreensão das transformações ocorridas no Largo da Carioca foi necessário estabelecer cortes temporais, estruturados a partir de um processo que partiu da coletânea de informações históricas e de 4 entrevistas⁶⁵ realizadas com o intuito específico de se abordar a evolução do espaço, a partir das principais intervenções humanas verificadas neste recorte espacial, e que marcaram tal estrutura formal e conseqüentes usos.

⁶⁵ Entrevistados: (1) Frei Hermenegildo Pereira, 70 anos, a respeito do histórico do Convento de Santo Antonio; (2) Alberto Nunes da Silva, 95 anos, a respeito da evolução do Largo da Carioca; (3) Raimo, Prof. FAU/UFRJ, 50 anos, a respeito de sua experiência como morador de Santa Teresa, próximo ao Largo da Carioca; (4) Marinelson Gadelha, 77 anos, o mais antigo comerciante no edifício 117 da Av. Almirante Barroso, limite do Largo da Carioca.

DA NATUREZA SOBREPUNDO O HOMEM À PRIMEIRA TRANSFORMAÇÃO

O Convento de Santo Antonio

Fig. 65: Paisagem do Rio de Janeiro, Thomas Ender, s.d.; notar a exuberância da paisagem natural.
Fonte: MNBA.

No século XVI, após a expulsão dos franceses, a cidade fundada entre o Pão de Açúcar e o Morro Cara de Cão (Urca) foi transferida, em 1567, para o Morro do Castelo que, além de representar um ponto estratégico, era também uma área mais ventilada e, portanto, com condições de salubridade.

O deslocamento da cidade permite-nos observar o desencadeamento de um processo de transformação espacial no Morro do Castelo. Praticamente desabitado, este sofreu metamorfoses para que fosse possível a construção de habitações para a população que ali se fixou. Tal fato nos permite introduzir o conceito de *função* que, de acordo com SANTOS (1997) sugere uma tarefa ou atividade esperada de determinada forma, pessoa instituição ou coisa. Neste contexto, o Morro do Castelo (*forma*) desempenha duas funções: uma, de natureza estratégica, pela sua posição geográfica privilegiada, permitindo visualizar a entrada da Baía de Guanabara, e outra de manter os primeiros moradores distantes da planície pantanosa e insalubre situada ao pé dos morros. Cumpre salientar que a cidade se localizava entre

os Morros do Castelo, Morro de São Bento e Morro da Conceição.

A área do atual Largo da Carioca era considerada pelos habitantes da cidade uma terra pantanosa, anecúmena, sem atrativos à sua ocupação. A lagoa e a encosta do morro faziam parte da Sesmaria de Isabel de Marins e seu marido, Crispim da Costa, e estendia-se até onde, atualmente, é a Lapa. Atualmente, o Largo da Carioca ocupa a área onde antes existia a Lagoa de Santo Antonio, cuja nomeação ocorreu pela carência de igrejas e capelas na colônia portuguesa. Por esta razão, os proprietários da sesmaria mandaram construir às margens da lagoa, próximo à encosta do morro, um santuário sob a invocação de Santo Antonio. A evolução do processo de ocupação do atual Largo da Carioca está diretamente relacionada à Igreja, neste caso particularmente associada à Ordem de São Francisco, pois em tal período as ordens e congregações religiosas tinham influência não apenas sobre a população mas também sobre as modificações espaciais, fato que se observa na construção de hospitais e cemitérios. De modo geral, o acesso aos serviços de educação e saúde estava vinculado a tais ordens religiosas, pois essas também são autoridades locais.

No século XVII, a população continua a necessitar dos serviços prestados pelas instituições religiosas. Em 1607, o Frei português Leonardo de Jesus chega ao Rio de Janeiro com o objetivo de expandir a missão Franciscana pelo país. O governador, naquele momento Martim de Sá, oferece terras para a construção do convento nas margens da Lagoa de Santo Antônio. A existência do santuário dedicado a Santo Antônio e a distância da agitação da cidade foram fatores decisivos para a construção do Convento. A planta de concessão das terras do Morro de Santo de Antonio, entregue à Ordem Franciscana, e de posse do

Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, encontra-se em estado inacessível à sua reprodução, mas a visualização da planta nos comprovou ser este loteamento um dos maiores já concedidos a um poder religioso, em todo o país. Este fato nos permite apontar uma transformação especial na forma do Morro de Santo Antonio, devido à ocupação das ermidas, capelas, templos, conventos e aberturas necessárias ao acesso.

A Lagoa de Santo Antonio nunca apareceu delimitada em nenhum registro gráfico, porém numa das primeiras gravuras do Rio de Janeiro, localizada na vista do *Rio Genere* que ocorre no raríssimo livro *Reysboeck van rijcke Brasilien*, editado em Amsterdam (1624) – e impossibilitado à cópia no Arquivo Histórico do Museu Nacional – podemos ver a primeira vez que o Convento de Santo Antonio é assinalado na história. A gravura serviu de modelo para futuras estampas produzidas no Brasil, a primeira delas de João Teixeira ALBERNAZ, 1631 (figura 58), ainda pouco estruturada no mapeamento formal do Rio de Janeiro e considerando, com nitidez, a relação da baía como foco de atenção.

Em 4 de junho de 1608, lança-se a pedra fundamental do Convento definitivo, estando presentes o Governador Afonso de Albuquerque, o Vigário da Sé, o Reitor do Colégio de Jesuítas e outras figuras importantes da sociedade carioca.

Nos anos seguintes, até a data de 1650, muitas obras de acabamento foram empreendidas no convento e na igreja até que, no final do mesmo ano, o Convento foi promovido à casa de estudos de Filosofia e Teologia, esboçando um capítulo importante na história da cidade, em que homens compromissados com ‘as letras’ começaram a registrar dados importantes da evolução do espaço e do pensamento

contemporâneo da cidade do Rio de Janeiro. Este fato é descrito assim por nosso informante clerical, Frei Hermenegildo Pereira⁶⁶:

Esta época marca o início da pesquisa de dados no Rio de Janeiro... O Frei Basílio Roewer foi muito bom nisso, aliás, um homem interessantíssimo, que dedicou sua vida à pesquisa. Ele nasceu no século XIX, mas relata com muita justeza a história de um Frei Português do século XVII que veio exilado para o Brasil e ficou aqui, no Convento... Mas ele falava mal de todos os superiores do Convento, fazia muito alarde, e por isso mandaram ele [sic] de volta para Portugal. E a embarcação naufraga... Este fato é muito bom, porque nos faz pensar sobre a questão do conhecimento. Parece que quanto mais se sabe, mais parecemos distantes do mundo. E antes do Frei Roewer nós tivemos aqui o Frei Apolinário da Conceição, que faleceu em 1760 e registrou com muita delicadeza a história da cidade e da gente daqui... Ele havia nascido no século XVII e acompanhou de perto o crescimento do ensino de filosofia no Convento.



Fig. 72: Pátio do Convento e edifício do BNDES, atual.
Fonte: EP, 2003.

Mais tarde, em 1930, o Frei Basílio ROEWER⁶⁷ escreveria em relatos do Convento de Santo Antonio que “Talvez o Príncipe Regente [D. João VI] não esperasse encontrar no Brasil franciscanos de tão alto gabarito cultural. Em breve, porém, convenceu-se do contrário”.

CIRURGIAS URBANAS NA PAISAGEM DO LARGO DA CARIOCA

O processo das transformações espaciais no Largo da Carioca foi, de certo modo, intermitente e acelerado. O sítio original que abrigou a cidade não apresentava condições favoráveis para sua expansão, por isso a área central da cidade, marcada por uma densa ocupação nos primeiros séculos de colonização, via-se obrigada a ser inferida de forma drástica. Às modificações

⁶⁶ Monge Franciscano instalado no Convento de Santo Antonio, nosso informante principal nas visitas ao espaço interno do convento e responsável por nos conduzir nas junções dos relatos e aspectos intrínsecos da evolução do edifício religioso e do espaço do Largo da Carioca.

⁶⁷ ROEWER, Frei Basílio, O.F.M. **Convento de Santo Antonio no Rio de Janeiro**. 2ª edição, Rio de Janeiro: Vozes, 1937, pp. 23.

urbanas, recortes e adensamentos proporcionados pela perda de outros espaços, chamamos 'cirurgias urbanas'.

Na medida em que tais obras iam acontecendo, o processo de metamorfoses espaciais era acelerado pela ocupação populacional e pelas condições ambientais.

Em 1641, com o objetivo de melhorar as condições de salubridade da área, é aberta uma vala, para escoar a água da lagoa para a Baía de Guanabara. Essa vala foi aberta após os monges terem reclamado da insalubridade local. Isto nos leva a reforçar a idéia de que, no século em questão, a Igreja também funcionava como agente indutor das transformações espaciais. A vala propriamente dita representa uma intervenção na paisagem e ainda acaba por se tornar uma via ligando a lagoa ao litoral. A citada vala originou a Rua da Vala, atual Rua Uruguaiana.

A solução encontrada para o escoamento das águas não foi eficiente, razão por que, em 1646, um canal foi construído e ligado à vala para acelerar o escoamento das águas da Lagoa de Santo Antônio. Tal canal passou a ser denominado de "cano", cuja trajetória era feita em linha reta até a praia, no Terreiro do Carmo, atual Praça XV. Essa nova via, formada pelo "cano" deu origem à rua do Cano, atual rua Sete de Setembro.

Ressaltamos que desde a época dos primeiros assentamentos, o atual Largo da Carioca era visto como uma região central, um ponto de encontro e de atuação social, tanto pela necessidade dos chafarizes, que abasteciam a cidade com água limpa, quanto pelo papel agregador das atividades em torno da Igreja e do Convento de Santo Antonio. A partir destas funções, que eram 'rótulas' de irradiação e difusão do sentido de crescimento urbano, impregnado pela formação geográfica do terreno (morros, vegetação, água para abastecimento e terra à espreita de

seu arrasamento ou aterramento), as transformações espaciais neste espaço foram efetivas e rápidas.

A partir do século XVII, a paisagem do atual Largo da Carioca, na época em questão denominado Campo de Santo Antonio (FERREZ, 1965, p. 40), adquire feições cada vez mais urbanas. É oportuno destacar que para SANTOS (1997 p. 83), a paisagem é “o conjunto de formas que, em um dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações estabelecidas entre o homem e a natureza”. Sob este viés, um curioso exemplo dessa relação pode ser confirmado através da requisição de Frei Antônio da Piedade Monção às autoridades para aterrar parte da lagoa para a abertura de uma rua, possivelmente a rua da Guarda Velha, que atualmente corresponde à rua Treze de Maio. Essa nova via ligaria o Campo de Santo Antônio ao Morro do Castelo. As construções desses logradouros iam imprimindo na paisagem feições urbanas, pois o espaço, ainda rural, ganha contornos urbanos.

A paisagem do Campo de Santo Antonio vai ganhando novas feições e o governo de Aires Saldanha representa, nas primeiras décadas do século XVIII, uma base importantíssima no processo das transformações espaciais. Como a falta d'água era um problema crônico no Rio colonial, o governador Aires de Saldanha construiu, entre 1719 e 1725, um aqueduto para levar a água de uma nascente no Silvestre até o Largo da Carioca. No local onde hoje se erguem os arcos existia uma praça, onde escravos eram comercializados e o estado de insalubridade local chamava atenção do governador e da população mais abastada.

O aqueduto uniria os morros de Santa Teresa e Santo Antonio e as águas desembocariam em um grande chafariz de 16 bicas. Em 1750, o governador Gomes Freire de Andrada reformaria os arcos, dando-lhes maior solidez e racionalidade. Semelhante ao

Aqueduto das Águas Livres, em Lisboa, o Aqueduto da Carioca foi construído à base de granito brasileiro e argamassa de cal, areia e azeite de peixe. Em 1723 foi construído um chafariz no Campo de Santo Antonio - o Chafariz da Carioca⁶⁸ - tornando a área mais atrativa, em virtude do abastecimento de água, em tal contexto, representar um problema para a população.

O referido chafariz constituiu um ponto de centralidade no Campo da Carioca. Em seus estudos sobre centralidade, MELLO (*apud* RAMOS, p. 20) aponta:

Os geógrafos conceituam um lugar central a parte de aspectos que o difere dos demais por ser ponto de concentração, receptor e/ou emissor de fluxos comerciais, financeiros, sociais, administrativos, etc. A centralidade, sob este prisma, é a medida de importância do lugar enquanto lugar central, expressa a magnitude dos bens e serviços oferecidos pela área de influência.

O chafariz - elemento fixo da paisagem - atraiu a população - fluxo -, como nomeia Milton SANTOS (1997), tornando essa área muito movimentada: os escravos iam buscar água para seus senhores, vendedores de água abasteciam carros-pipas para a comercialização em bairros mais afastados. Toda sorte de personagens dirigia-se diariamente ao largo em busca de água, inclusive novos comerciantes, atraídos pela valorização do espaço.

O grande fluxo populacional que se dirigia ao Campo da Carioca em busca de água, já bem representado como área pública de características peculiares, constituía uma aglomeração de pessoas de diferentes classes sociais e costumes morais (famílias

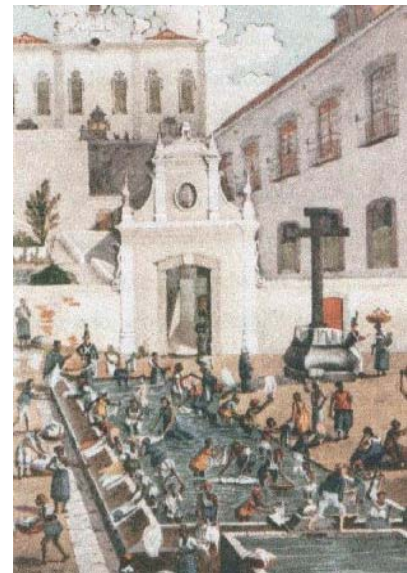
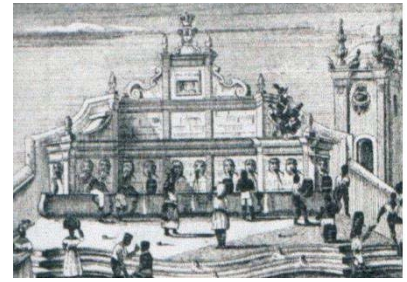


Fig. 73, 74, 75: Primeiro chafariz do LC (autor desconhecido), 1825; Gravura de Jean Baptiste Debret, 1833; Lavadeiras no LC, s.d.
Fonte: MHN.

⁶⁸ O primeiro chafariz instalado ali (1723) contava com 16 bicas de bronze, que serviam à lavagem e bebida para homens e cavalos, e trazia a água do Rio Carioca, vindo da Mãe d'Água. O chafariz foi demolido em 1829 e substituído por um em 1830, confeccionado em madeira simulando granito (numa alusão aos monumentos franceses, pintados em gravuras aquareladas de artistas que visitavam o Brasil) do qual não se conhece nenhum registro.

mais religiosas, diretamente relacionadas à Ordem Franciscana; pessoas menos relacionadas aos costumes religiosos, mas adaptados às relações propostas pela igreja; escravos e caboclos, residentes nas senzalas e panteístas; boêmios agnósticos). Neste contexto, pode-se afirmar que o atual Largo da Carioca era um lugar para muitos; o lugar admitia a convivência, a contigüidade e a interação entre dois ou mais objetos dispostos no espaço.⁶⁹

As transformações do Largo da Carioca prosseguem no governo Gomes Freire, cuja duração se estende de 1733 a 1763. Visando melhorar o abastecimento de água para a população, o governador decide substituir o antigo aqueduto por um novo. Tal realização marca o desencadeamento de mais um processo de intervenção humana na paisagem. Neste sentido, o governador orientou a construção do novo aqueduto trazendo as águas do Rio Carioca em linha reta, desde a nascente nas Paineiras, através do Morro do Desterro (Santa Tereza), até o Morro do Castelo. Este empreendimento obteve, como resultado, a construção dos Arcos da Carioca (Lapa), importante *fixo* materializado na paisagem.

No século XVIII, outros elementos foram construídos, fato que se acrescenta, novamente, ao processo de transformações espaciais. Neste momento, os serviços de educação e saúde estavam fortemente vinculados às ordens religiosas. Aproximadamente em 1748, tem início a construção do Hospital da Ordem Terceira da Penitência. Em 1750, o Convento de Santo Antônio passa por uma reforma interna na qual foi construída uma sala denominada Capítulo. Tal sala foi importantíssima para o crescimento das atividades culturais do convento, pois neste foi

⁶⁹ Para este propósito, ver ARROYO (1996:58) *apud* SANTOS, Milton. **Território, Globalização, Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, ANPUR, 1994, pp. 44.

construída a definitiva Universidade de Ciências Humanas do Convento de Santo Antônio.

Segundo relatos do Frei Hermenegildo Pereira, um dos aspectos mais interessantes na evolução dos espaços (*profanos e sagrados*) do Largo da Carioca era a pressão constante que a Igreja desempenhava junto às forças políticas e urbanísticas da sociedade, principalmente após a chegada da Família Real.

Um fato curioso relatado por este nosso informante, Frei Hermenegildo, demonstra este fato:

Houve uma época em que até a circulação pelo Largo da Carioca era, de certa forma, cerceada... Acho que pelo século XVIII, início do XIX... Muitos dos fiéis abastados davam de presente para o Convento escravos negros e mestiços para trabalharem na horta, na limpeza, na cozinha e nos serviços religiosos... Um dos mais abastados deu de presente uma escrava mestiça... E diz a 'lenda' daqui de dentro... que ela adorava ir para o Largo da Carioca beber umas cachaças, bebia, bebia e voltava bêbada. Quando chegava, tirava toda a roupa e comia os tomates e frutas da horta... Imagina a situação dos Freis daqui de dentro... Por causa disso, o Frei Conceição mandou sancionar uma lei, dizendo que todo estabelecimento que vendesse bebida alcoólica e deixasse circular pelo Largo da Carioca alguma escrava mestiça seria punido, sob pena de multa. Assim, uma lei dessas foi feita pelo pedido de um Frei e por causa de uma pessoa apenas... Mas a gente pode pensar também na relação muito mais simples da vida cotidiana na época (Frei H.).

Podemos visualizar na paisagem do Largo da Carioca, no final do século XVIII, um cenário composto pela diversidade de personagens que por ali transitavam: lavadeiras e escravos que se direcionavam para o chafariz enquanto comerciantes, intelectuais e religiosos se dirigiam ao Convento. A cidade estava em pleno processo de expansão, ultrapassando a rua da Vala e fazendo do Largo da Carioca um importante centro de atividades e centralidades.

O INÍCIO DO SÉCULO XIX E A CHEGADA DA FAMÍLIA REAL

A chegada da Família Real, no início do século XIX (1808), contribuiu para o desencadeamento de um intenso processo de transformações sócio-espaciais na cidade do Rio de Janeiro a qual não dispunha de uma infra-estrutura urbana que fosse capaz de acomodar um crescimento populacional elevado de forma tão rápida. Tornou-se local de preferência da elite, principalmente nas ruas dos Inválidos, Lavradio e Resende, recém abertas sobre aterros feitos na parte de trás dos Arcos. O clima ameno da região atraía àqueles que podiam fugir das epidemias da parte baixa da cidade.

A partir da construção do Aqueduto da Carioca, o Largo da Carioca, que até então era chamado de Campo de Santo Antonio, é conhecido pelo nome do rio que é canalizado para o chafariz. Passa, então, a configurar-se como o cerne e o núcleo de movimentação do Centro do Rio de Janeiro. Quanto à designação oficial de Largo da Carioca, é apenas em 1822, já no século XIX, a mando de D. Pedro I, que o largo passa a denominar-se Largo da Carioca, assim como a rua adjacente passa a denominar-se Rua da Carioca, também. Esta rua era anteriormente denominada Rua dos Piolhos, por causa das carroças chamadas de “piolhos” que por ali circulavam vendendo frutas e outros objetos.

A água canalizada para o chafariz era compartilhada por toda a população carioca, nesta época em torno dos 80 mil habitantes. Mas segundo relatos do Frei Hermenegildo Pereira, o Convento de Santo Antonio e o Mosteiro do Carmelo eram abastecidos diretamente pelas tubulações secundárias do cano (como era conhecida a ligação de água), reforçando, assim, o distanciamento das ordens religiosas para com a grande massa

que circulava na cidade. Esta característica de fragmentação e distanciamento físico permanece até os dias atuais:

Você sabe o que quer dizer 'carioca'... Existem duas versões, esta que você e disse, sobre ser 'casa de branco' e uma outra que eu acho mais pertinente... É assim: os índios Tupis chamavam rio de 'oca' e os peixes que saíam do rio eram chamados de 'cari'... Então a junção do rio que corre e o peixe que alimenta era o 'cari-oca'... Daí esse nome, que significa muito, já que é o nome que chamamos este rio, que foi canalizado para o chafariz do Largo e que deu, de quebra, o nome desta cidade... E uma coisa interessante, que um professor de História me contou quando visitou o Convento, era que o Mosteiro do Carmelo e o Convento de Santo Antonio recebiam água diretamente do cano que passava por eles e depois chegava à praça... A gente nem precisava descer para pegar água (Frei H.).

Marc FERREZ (1965) confirma esta versão do Frei, ao mencionar que o nome do rio é anterior à cidade e deriva do tupi-guarani; acreditamos, da mesma forma, que a nomeação de 'carioca' para todo habitante da cidade do Rio de Janeiro tem uma relação metafórica com um 'mergulho' contínuo nestas águas que sustentaram a cidade por tantos anos.

Em 1834, é construído o terceiro chafariz com 36 bicas, de autoria de Joaquim Cândido Guilhobel e Grandjean de Montigny, o qual em 1926 também é demolido. Juntamente com todas as movimentações, proporcionadas pelas modificações espaciais em torno do aumento de residências e tráfego nas regiões adjacentes, casas e sobrados foram desapropriados e passaram por reformas para abrigar as pessoas da corte, próximas ao Largo da Carioca. Nesse período, acompanhando este processo de transformações, surge na paisagem do Largo da Carioca um prédio de dois andares, na rua da Guarda Velha, cuja função era ser Secretaria do Império, onde as jóias e o dinheiro eram guardados. Mais

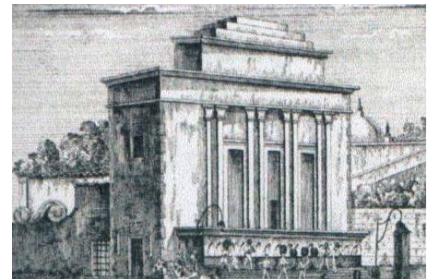


Fig. 81, 82: (Acima) aquarela com o terceiro chafariz do Largo da Carioca (sem autor), 1840; (abaixo) Edward Hildebrant, 1844.
Fonte: MHN.

tarde, essa forma desempenhou nova função, visto que neste prédio passou a funcionar o Liceu de Artes e Ofícios.

ABREU (1997, p.30) ao comentar da mudança de funções e a permanência das formas, propostas por uma evolução da sociedade, das visões de mundo e das necessidades impostas pelo período vigente, comenta:

As formas, entretanto, não têm apenas uma aparência externa, mas também possuem um conteúdo, isto é, realizam uma função. E esta função é determinada exclusivamente pelo período atual de organização social. Formas morfológicas antigas podem, pois, ser chamadas a realizar funções totalmente distintas daquelas para as quais foram criadas; podem, inclusive, desaparecer, se assim o determinar a dinâmica da organização social.



Fig. 83: Edifício da Imprensa Nacional, s.d.
Fonte: AGCRJ.



Fig. 84: Mapa das Linhas de Bonde do RJ – Botanical Garden Road, 1870.
Fonte: AGCRJ.

Em 1878, ratificando o papel cultural do Largo da Carioca, foi construído o edifício da Imprensa Nacional, na rua da Guarda Velha. O edifício tinha forma semelhante às fábricas inglesas com dois andares e duas pequenas torres de castelo em seu frontispício. Isto marca o início do mosaico de edifícios que irá compor a atual paisagem do referido largo.

Até 1884, observavam-se na paisagem do Largo da Carioca, atividades relacionadas ao comércio, à religião e à cultura. Eis, então, que a primeira fábrica de cerveja da cidade do Rio de

Janeiro – a Cervejaria da Guarda Velha – localizada na rua que possuía o mesmo nome, ao lado do Teatro Lírico (1871), desponta neste cenário como elemento influenciador da paisagem, visto que uma nova forma passa a desempenhar uma função industrial.

Apesar do fluxo populacional que se dirigia ao Largo da Carioca, até 1870, o deslocamento dessa população era dificultado pela falta de transportes coletivos. Nesse mesmo ano, foi implantado, pela empresa Companhia Carril Jardim Botânico, alojada no Largo da Carioca, um sistema de bondes. O Largo da Carioca tornou-se, assim o ponto principal desse sistema de transportes, evidenciando-se o seu papel de centralidade, pois a presença de bondes que se direcionavam para vários destinos da cidade atraía elevado número de pessoas. Segundo PEREIRA (1998, p. 103):

Trens e bondes possibilitaram, assim, a expansão da cidade e permitiram a solidificação de uma estratificação social do espaço urbano que já se esboçava desde 1870 (...) trens e bondes foram, sem dúvida, indutores do desenvolvimento urbano no Rio. Mas o caráter de massa destes meios de transporte tem de ser relativizado, como também devem ser relativizados os seus papéis frente ao ambiente urbano.

Este é o momento em que se desencadeiam modificações substanciais nas formas e funções na cidade do Rio de Janeiro, atraindo uma outra modalidade do capital internacional. Neste contexto, uma das porções da área central afetada por tais transformações foi o Largo da Carioca, que em meados do século XX começava a ganhar novas feições, mais relacionadas à modernidade dos arranha-céus que prenunciavam, de forma bastante rápida, o seu atual cenário.

DO INÍCIO DO SÉCULO XX ATÉ A CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO AVENIDA CENTRAL (1961)

O limiar do século XX marca a decadência da cidade carioca em estilo português, com suas ruelas apertadas e insalubres. O sistema capitalista, que sobrepujou o sistema escravocrata, não conseguia acomodar a massa de desvalidos que chegavam à cidade em busca de trabalho e melhores condições de vida. Sendo assim, a concepção de espaço urbano baseada na arquitetura portuguesa estava obsoleta, visto que o capital mercantil ligado à metrópole não tinha grandes compromissos com a cidade, salvo aqueles estritamente indispensáveis à circulação de mercadorias. Tornou-se, então, necessária uma adequação da cidade à sua nova realidade. Esse fato fez com que a cidade, incluindo o Largo da Carioca, passasse por uma série de transformações mais rápidas e de maiores proporções. Os estudos de ABREU (1997, p. 59) mostram que: *“A primeira década do século XX representa, para a cidade do Rio de Janeiro, uma época de grandes transformações, motivadas, sobretudo, pela necessidade de adequar a forma urbana às necessidades reais de criação, concentração e acumulação do capital”*.

Em 1902, com o objetivo de adequar a cidade a sua nova realidade, o Presidente Rodrigues Alves nomeou o engenheiro Francisco Pereira Passos para a Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. O prefeito, inspirado na cidade de Paris e nas reformas Haussmannianas, inicia uma ‘cirurgia urbana’ composta por um elenco de cortes espaciais. Uma das cirurgias de maior destaque foi a abertura da Avenida Central que, de acordo com FERREZ (1965, p.93), era uma *“grande artéria, de mar a mar, cortando todo o miolo insalubre e mais valioso do centro comercial da cidade. Teria de ser assim como os grandes boulevares de Paris”*.



Fig. 87: Charge do Jornal “O Malho” de 22/09/1906. A frase para as duas cenas de construção do Hospital da Ordem Terceira e rápida demolição é: *“Como o Brasil progride! Como vai ficar bonito!”*
Fonte: AGCRJ

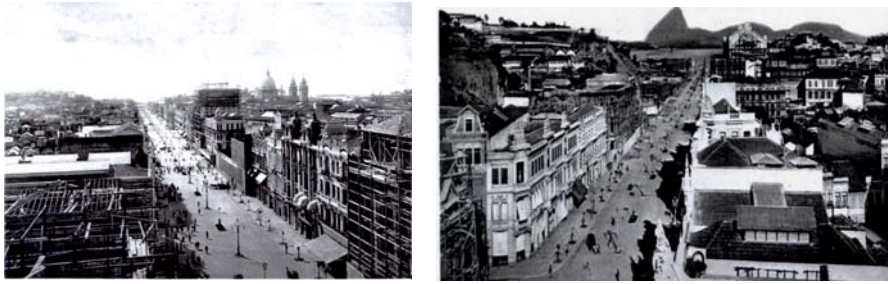


Fig. 88, 89: Abertura da Av. Central (Rio Branco), 1906: (à esquerda) no sentido Pça. Mauá, (à direita) no sentido Aterro. Fonte: MF/AGCRJ

Estas influências são perceptíveis no Plano da Av. Central em 1903, onde parece não ter seguido nenhuma outra base formuladora. PASSOS não faz menção a Camilo SITTE, Patrick GEDDES, Ebenezer HOWARD, nem a nenhum outro urbanista que tenha influenciado nos primórdios do urbanismo moderno.

A Avenida Central é inaugurada em 1905. Sua importância para a nova realidade da cidade é realçada por vários autores, dentre os quais se destaca BENCHIMOL (*apud* RAMOS, 2001, p. 32):

A Avenida Central, por sua vez, constituiu o eixo de todo elenco de melhoramentos urbanísticos, projetados com a intenção de transformar a velha, suja e pestilenta cidade colonial portuguesa numa metrópole moderna e cosmopolita, à semelhança dos grandes centros da Europa e dos Estados Unidos.

E como grande artéria, definindo nova formulação do eixo viário principal do centro da cidade, a Avenida Central (atual Avenida Rio Branco) inscreve, de forma peremptória, uma nova etapa na formulação espacial do Largo da Carioca, batizado com este nome por D. Pedro I em 9 de janeiro de 1822, mas, até a abertura da avenida, nunca antes em conformidade com esta designação.

Sua estrutura formal, sempre baseada em pequenas praças que abarcassem os elementos edificados (teatro, hospital, convento, chafariz), marcada por um privilégio latente às funções institucionais, começa a esboçar um aspecto de *área alargada, espaço livre que permite o movimento vagaroso e compassado, trecho musical de*

andamento espaçado, somente a partir da abertura da Avenida Central e das conseqüentes mudanças de valores e significados para a população.⁷⁰

No bojo das discussões e consensos em torno da qualidade da reforma urbana e da Avenida Central, a única voz discordante era de José Mariano Filho, que dizia: *"Quando se terminaram as famosas obras da Avenida Central e se completaram algumas outras de menor porte, o povo carioca resolveu que a cidade era maravilhosa. Por quê? Só os que exploram essa mentira (e não são poucos) o poderão explicar"*.⁷¹

A despeito de seu desenho urbano de fachadas contínuas e de gabarito, ritmo e plástica baseados no modelo Eclético (o moderno= *agora*, da época), o crescimento da Av. Central e a substituição dos edifícios ecléticos por arranha-céus, nos moldes do modelo consagrado em Chicago, foram realmente rápidos no espaço urbano, quando a avenida foi então renomeada 'Avenida Rio Branco'. Neste caso, destacamos o papel do Estado como interventor nas obras da então capital da República, tanto no aspecto administrativo quanto no financeiro. Tal fato pode ser esclarecido através de BENCHIMOL (*apud* RAMOS, 2001, p. 35):

Com a Avenida Central, ganhou a cidade do Rio de Janeiro a sua mais importante artéria, na zona do centro; modificou por completo os hábitos e aspectos da cidade. As melhores casas comerciais foram ali instaladas. Os jornais nela construíram seus prédios, então monumentais. As grandes companhias, clubes, hotéis e vários edifícios do governo como a escola de Belas Artes, a Biblioteca Nacional, o Supremo Tribunal, o majestoso Teatro Municipal, o Palácio Monroe, foram ali localizados.

⁷⁰ Ver COELHO, Raquel Hemerly Tardin. **Avenida Rio Branco: Valores Coletivos, Forma e Uso Cotidiano**. Dissertação de Mestrado apresentada ao PROURB - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro: UFRJ/PROURB, 2001.

⁷¹ Citação retirada de PEREIRA, Sonia Gomes. **A Reforma Urbana de Pereira Passos e a Construção da Identidade Carioca**. Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura, Escola de Comunicação/UFRJ, Rio de Janeiro: 1998, pp. 15.

Tais construções, apresentando novas formas, com o predomínio da inspiração francesa no entorno do Largo da Carioca, provocaram sensíveis mudanças na sua paisagem, como podemos verificar na fachada da Companhia Ferro Carril do Jardim Botânico, reformada no modelo Eclético e uma das principais apoiadoras do processo de abertura da Av. Central. No entanto, não eram formas absolutas no espaço, pois conviviam com algumas das velhas formas portuguesas que testemunharam o surgimento de novas formas e que, nesse mesmo espaço, resistiram à ação das transformações espaciais.

Devemos ressaltar que um modelo de organização espacial não exclui outro, pois podemos observar na paisagem formas antigas convivendo ou mesmo testemunhando o surgimento de novas formas a partir das mudanças efetuadas no espaço. Destacamos uma dessas formas, mais precisamente uma construção na Avenida Central, na qual se localizavam o Hotel Avenida e a Galeria Cruzeiro. Tal prédio ocupava todo um quarteirão, podendo ser acessível por duas laterais, uma pela Avenida Central e outra pelo Largo da Carioca. Cumpre salientar que ali também havia uma estação de bondes, cujo destino era a Zona Sul. Esta informação apareceu com notável relevância nos relatos de dois de nossos informantes, entrevistados com a finalidade de descrever a evolução urbana e histórica vivenciada por eles:

Eu morei em Santa Tereza a minha infância e juventude toda, e pegava o bonde... O bonde passava por toda a área, inclusive dentro da Galeria Cruzeiro... Havia muitas filas (R., informante).

Eu nasci em 1908, no Rio de Janeiro. Minha história se relaciona ao Largo da Carioca como ponto de encontro, ali na Galeria Cruzeiro... Ali na galeria era o local onde o bonde fazia a volta... Por dentro da galeria, mesmo. Havia alguns bares, e eu sempre bebia um caldo-de-cana no Bar Chopperia, o ano era mais ou menos 1928. (A.N.S., informante).

Mas a grande modificação só aconteceria, realmente, com as propostas de retirada do Morro de Santo Antonio:

O primeiro projeto de urbanização do Morro de Santo Antônio não prevê a sua demolição e define uma rua partindo do largo da Carioca subindo o morro, sobre as curvas de nível, até chegar ao topo onde é projetada uma praça'. Em 1924, um outro projeto ainda contempla a urbanização do morro na sua forma original. Somente a partir de 1941 é elaborado um projeto de urbanização do morro de Santo Antônio considerando o seu desmonte.

(LEME, 1999, p. 322).

O Projeto de 1941 é de autoria de José Octacílio Saboya Ribeiro, publicado no Diário Oficial para efeito de emissões obrigatórias na modificação urbana do Rio de Janeiro. Ainda nesta década, o Departamento de Urbanismo, na figura de Affonso Eduardo Reidy e Hermínio de Andrade, estabelece o eixo Norte-Sul, como principal no plano de urbanização e modifica bastante esta área (1949).

A partir da administração de Dulcídio Cardoso (1952-1954) são iniciadas as obras do desmonte do morro, que permitem a criação de terrenos valorizados em plena área central da cidade. O término do desmonte é datado na década de 40, com intensificação e conclusão nos anos 50. O cenário descortinado no pós-desmonte não nos remete a paisagens anteriormente vistas. O material extraído foi destinado a várias finalidades, dentre elas os aterros do Flamengo e do Aeroporto Santos Dumont. Após isto, construiu-se na paisagem mais uma via de acesso ao Largo da Carioca – a Avenida Chile – na qual foram erguidos os prédios da Petrobrás, do BNDES, do antigo BNH e, ainda, a Catedral Metropolitana.

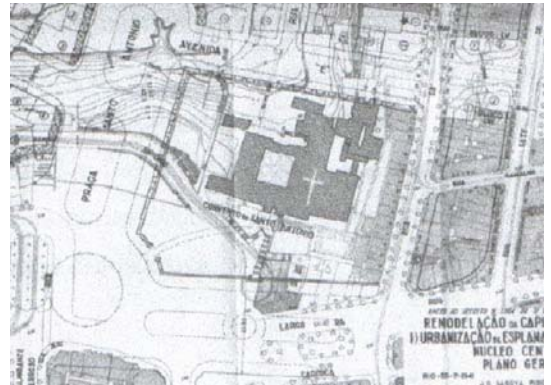


Fig. 100, 101: Urbanização da Esplanada do Castelo e Largo da Carioca, 1941; Maquete, 1941.
Fonte: AGCRJ

Cada um desses prédios desempenha forte centralidade, atraindo elevado fluxo populacional, ao mesmo tempo em que aumenta e diversificava o movimento no Largo da Carioca.

Alberto Nunes, nosso informante, comenta deste processo de ‘costura’ da malha urbana, impregnando o Rio de Janeiro com uma morfologia distante do vivenciado na antiga metrópole, de forma áspera e radical, o que gerou a denominação de “artificial”:

Mais tarde, o morro de Santo Antonio foi demolido pelo Lacerda para se fazer o Aterro do Flamengo... Fizeram a Av. Chile tão artificial que até hoje ninguém gosta de andar por lá. (A.N.S., informante).

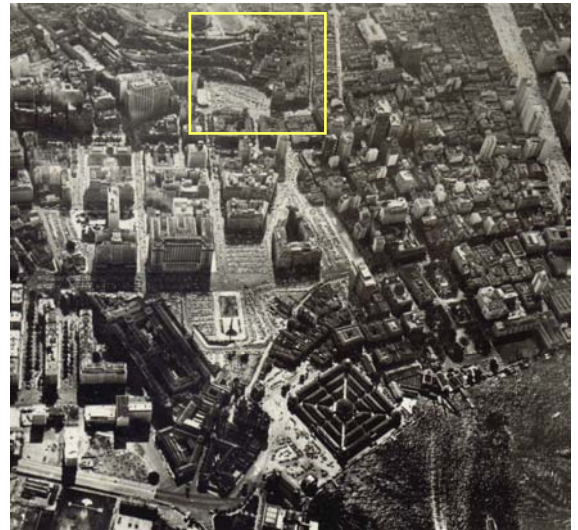


Fig. 103: Aspecto do Centro RJ, 1950 (em detalhe o Convento de Sto. Antonio e o LC).
Fonte: AGCRJ

Uma porção do morro continua abrigando o convento que também continua a exercer um papel de centralidade, particularmente no dia 13 de junho, o dia de Santo Antonio, que além de ‘santo casamenteiro’, segundo os votos católicos, auxilia em ‘muitas outras causas’. Neste dia, um contingente populacional é atraído para o convento a fim de obter as graças do santo, acentuando ainda mais o peso de sua imagem central, contemplativa e participativa no entorno, como explorado por DAMATTA⁷² na tríade proposta pela casa (elemento construído), a rua (espaço livre e público) e o ‘outro mundo’ (a vida religiosa). Para o autor, a completude de um espaço vem através das relações entre forma, função e elementos simbólicos, notadamente marcados pela religiosidade nos arredores brasileiros. A idéia básica do estudo é que, no Brasil, os limites entre público e privado não representam apenas espaços geográficos, mas são acima de tudo entidades morais, esferas de

⁷² DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

ação social, permeadas pelo valor místico. Assim, a relação contemplativa do Convento/Igreja e a posição elevada de ‘altar da paisagem’ reforçam um caráter experiencial marcado pela presença de um elemento historicamente e simbolicamente ‘elevado acima do olhar’.

Ao longo dos anos, desde as primeiras décadas do século XX, o Largo da Carioca vai assumindo inúmeras conformações, identidades e significados, de acordo com a inclusão de novas arquiteturas e a demolição de edifícios de valor histórico essencial.

O prédio ocupado pelo Hotel Avenida e pela Galeria Cruzeiro, foi demolido nos anos 50. Uma das funções dessa forma era abrigar o terminal de bondes, para os quais tornou-se necessário, então, criar outra estação. Desta forma, foi construído um terminal de bondes em uma área oriunda do alargamento da rua Treze de maio e, em razão de seu formato, apelidado de “Tabuleiro da Baiana”.

Na voz e nos versos de Ary Barroso⁷³ a Galeria Cruzeiro recebeu suas notas mais interessantes, com relação a uma atividade anual que, invariavelmente, acontecia no quadrante do espaço interno da galeria (que denominava-se ‘cruzeiro’ pelo formato de cruz que as ruas internas faziam perpendicularmente e horizontalmente): o carnaval. Carlos Heitor Cony⁷⁴ relata isto da seguinte forma:

Na sua melhor passagem, [Ary Barroso] cita o ‘Turbilhão da Galeria’, que não existe mais, aquele cruzamento de ruas internas que formavam o centro do centro do Carnaval carioca, onde os bondes da zona sul faziam o retorno que, mais tarde, com o desaparecimento da Galeria

⁷³ Cantor e compositor mineiro, nascido em Ubá, tido como um dos mais famosos talentos do nosso patrimônio cultural.

⁷⁴ CONY, Carlos Heytor. **E Desapareceu no Turbilhão da Alegria**. Disponível em: <http://www.brazzil.com/daniv/Texts/Ary_Barroso/Cony-Ary.htm> Acessado em 10/06/2003.



Fig. 106 e detalhe do Largo: Projeto de Modificações do RJ. À direita, Alfred Agache, s.d.
Fonte: AGCRJ

Cruzeiro e do Hotel Avenida, mudou-se para o ponto terminal no Largo da Carioca, apropriadamente chamado de o 'Tabuleiro da Baiana'.

De acordo com relatos de nossos entrevistados, a Galeria Cruzeiro era marcada por esta vivacidade trazida pelo advento das marchinhas e dos carros abertos, que circulavam em épocas de carnaval, e o “Tabuleiro da Baiana” não foi apenas uma conquista como elemento funcional, mas também como simbólico. O relato memorial, quando anexado à imagem do local, ganha aromas de saudosismo e emoção:

O Largo era um bom lugar para se encontrar os amigos. E a gente tinha que usar chapéu para ir à cidade, se não era tido como malandro, como Cappadocci.⁷⁵ Nas épocas de carnaval, os corsos passavam por lá jogando confetes, gritando e cantando. A maior algazarra... E tinha também o Tabuleiro da Baiana, onde ficava a linha de bonde que ia para o Jardim Botânico. (A. N. S., informante).

Bem aqui do lado, você não deve conhecer, tinha o Tabuleiro da Baiana, onde a gente pegava os bondes para a zona sul do Rio... Você está balançando a cabeça, deve conhecer... De foto, né? Mas você não sabe o que era, realmente. Não tem ninguém que desgoste dele. Era um lugar muito bonito, arejado e agradável para a gente esperar o bonde. Só sabe quem viu e pegou o bonde ali. E isto era o Largo da Carioca. As pessoas ligavam o bonde ao Largo da Carioca. Quando ele foi demolido, na década de 70, o povo ficou muito triste. (M. G., informante).

Outras metamorfoses, através de demolições, construções e reformas, ocorreram na paisagem do Largo da Carioca. Dentre elas, podemos citar a iluminação, o asfaltamento e a ampliação das ruas da Carioca e Uruguaiana; a demolição do velho casarão do Hospital da Ordem Terceira; o prédio do Liceu, que já não



Fig. 107: Tabuleiro da Baiana, 196_.
Fonte: AGCRJ



Fig. 108: Tabuleiro da Baiana, visto a partir do LC na direção da Av. Treze de Maio, 196_.
Fonte: AGCRJ

⁷⁵ Grupo da máfia Italiana da década de 20. Esta designação vem através do relato das inconformações *apollinaristas* na Roma d.C., levantadas sobre a crítica teológica da *Soteriologia*, no século III; a posição de Apollinare pôs em efervescência o mundo teológico da época, quando afirmou que “Cristo tinha uma alma humana”. Figura do calibre de Apollinare, e defensor do *apollinarismo* (assim denominado) foi o Padre Gregori Cappadocci. Daí a associação do nome *Cappadocci*, cujo emblema era tido como ‘fora das regras e dos padrões’.

existe desde 1953, com seu estilo inglês, onde funcionaram o jornal O Globo, o Café Nice, o Cine Eldorado e a Livraria Freitas Bastos, demolido para a construção do atual edifício da Caixa Econômica.

Duas metamorfoses, no entanto, merecem destaque neste período, uma causada pela demolição do prédio da Imprensa Nacional, em 1941 e, outra, quando o Hotel Avenida e a Galeria Cruzeiro são demolidos, cedendo seu lugar para a construção do Edifício Avenida Central, primeira edificação com estrutura metálica, erguida na cidade do Rio de Janeiro, em 1961.

DA CONSTRUÇÃO DO EDIFÍCIO AVENIDA CENTRAL (1961) ATÉ AOS DIAS ATUAIS

E o que era já não é. Coisas do passado, alguns chamam nostalgia. A capital foi para Brasília; a baiana ficou sem o tabuleiro; a pressa do carioca ganhou mais um 's'. Mas, ainda hoje, é bem capaz que Antônio Maria, invisível e de asinhas, ainda cante no largo da Carioca: 'Ninguém me ama / Ninguém me quer / Ninguém me chama / de Baudelaire'. Coisas do tal progresso.

Mario Russo (ADEMI, março/ 80).

A década de 60 também foi significativa para o Largo da Carioca, em termos de transformações espaciais, pois a cidade de inspiração 'francesa', que Pereira Passos construía, testemunha a edificação de uma cidade 'americana', conforme cita RAMOS (2001) em sua Dissertação.

A construção do Edifício Central, com seu elevado gabarito na década, aliado ao projeto para a construção do metrô, fazia parte dos planos governamentais, mas as características do subsolo da cidade demandavam um investimento vultoso, razão por que era preciso aguardar o momento oportuno.

Finalmente, na década de 70 e 80, o processo de transformações espaciais é corroborado com o crescimento do número de arranha-céus na área central do Largo da Carioca (BNDES,

Petrobrás, Caixa Econômica Federal) e as obras do Metrô, que transformaram o Largo da Carioca em um grande canteiro de obras, causando transtornos aos pedestres que para ali se dirigiam diariamente. Marinelson Gadelha, um de nossos entrevistados, relaciona a imagem do Rio de Janeiro, nesta época, a uma perda da visibilidade panorâmica:

Antigamente as construções eram horizontais. Tinham, no máximo, cinco andares. A gente via o centro da cidade todo... Hoje em dia tem esse monte de arranha-céus, a gente perdeu a visão panorâmica da cidade, do Largo (M.G., informante).

Em 1971 o Escritório Burle Marx fez a sua primeira intervenção no paisagismo do Largo da Carioca, ressaltando o elemento vegetativo em canteiros assimétricos. Esta intervenção não se vinculou a nenhuma imagem urbana anteriormente percebida no Largo da Carioca, muito menos ao caráter de espaço amplo e aberto que congrega pessoas em um ponto comum; a subdivisão em canteiros, calçadas e ruelas destituiu, segundo nossas considerações, o caráter de agregação do Largo da Carioca.

Em 1979, a estação Carioca foi inaugurada estabelecendo um ponto de centralidade no referido largo. Um aspecto relevante é o fato de esta obra ter ratificado o lugar como um espaço popular, representando hodiernamente a abordagem mais aproximada do valor de *largo*, que praticamente não se fez presente em nenhuma das outras intervenções, conforme MELLO (*apud* RAMOS, 2001, p. 40) aponta em sua pesquisa:

Nesse imenso palco aberto atuam protagonistas e coadjuvantes, na coreografia do dia-a-dia, transeuntes dos mais diversos grupos sociais e faixas etárias, que assim podem apreciar a solene e aparatosa arquitetura do Convento de Santo Antônio, ou o luxo dos modernos edifícios, com mais de 30 pavimentos, que margeiam o logradouro. Ao mesmo tempo, os atores do teatro da vida, enquanto ouvem os ecos dos trovadores e

instrumentistas da rua, tentam não tropeçar nos tabuleiros dos camelôs espalhados por todos os lados.

O Largo da Carioca, da lagoa de Santo Antônio aos dias atuais, ratifica o desencadeamento de um processo de transformações espaciais. Cumpre-nos lembrar que estas não ocorrem isoladamente, mas que estão ligadas entre si e acontecem em um determinado tempo, formando um *processo*, como explicitado por SANTOS (1997, p.37): “[o processo] pode ser definido como uma ação contínua, desenvolvendo-se em direção a um resultado qualquer, implicando conceitos de tempo (continuidade) e mudança”.

Quanto ao conceito de *estrutura*, entendido como a “*natureza social e econômica de uma sociedade em um dado momento do tempo*” (SANTOS, 1997, p. 40), e em se tratando do Largo da Carioca, pudemos observar que para cada momento a sociedade organizou o espaço com características próprias, inerentes àquele contexto político, cultural e social. No LC, em cada determinado período, pudemos verificar uma diversidade de formas existentes, que cumprem diferentes funções, acarretando por isso mesmo valores e apropriações diversificados. MELLO (Op. Cit., p. 42) assim se expressa sobre o logradouro em questão:

O Largo da Carioca se notabiliza por ser um exemplo digno de apreciação, tendo em vista que neste logradouro manifestam-se centralidades destoantes, seja a centralidade proporcionada como elo de ligação entre vários pontos da área Central e, por isso mesmo, muito prestigiada por pedestres e ambulantes, seja a centralidade espiritual desenvolvida no convento Santo Antônio, ou a centralidade referente às finanças, presentes nos prédios da Caixa Econômica Federal e do City Bank, ou a comercial em diversos estabelecimentos, ou ainda aquela exercida pelo metrô Carioca.



Fig. 114: Largo da Carioca – Ed. Avenida Central, Relógio e ‘rodinha’ de artistas, 2002.
Fonte: AGCRJ/MB.

ÚLTIMAS PINCELADAS

Através desta exposição, baseada em registros históricos, relatos de entrevistados com tempo e experiência de vida voltados para o espaço do Rio de Janeiro e considerável número de referências iconográficas, propusemos uma incursão por entre os aspectos mais relevantes das transformações ocorridas no espaço público do Largo da Carioca, considerando seu entorno edificado e não edificado. Resumidamente, este capítulo amparou-se no recorte temporal, estabelecido para o estudo de tais transformações, a partir do início no século XVII até o séc. XX, cujo ápice foi a abertura da Avenida Central, ao longo da qual foram construídos vários edifícios de peso volumétrico, simbólico e arquitetônico. Como demonstramos, a partir do Edifício Avenida Central, a presença do concreto armado e a forma metálica balizam a obsolescência da cidade 'francesa' e a emergência da metrópole 'americana'.

Assim, ressaltamos, por meio dos inúmeros processos de modificação, reestruturação e transformações, o caráter mutável da paisagem, especificamente de nosso recorte espacial, muitas vezes definido apenas por uma posição intransigente de modificação espacial. Esta paisagem *carioca*, mesmo formulada em torno de alguma perda ou completo descaso com os elementos simbólicos e significativos da cultura local, é sempre – intrinsecamente – ligada às dinâmicas sociais e urbanas que fazem parte deste cenário descontínuo e ativo, que é o Largo da Carioca.

2. CONTORNOS SUBSTANCIAIS: FUNDAMENTAÇÃO

2.1. O OBJETO EM QUESTÃO



Fig. 115: Projeção da Bandeira Nacional na fachada do Convento de Santo Antonio por motivo do espetáculo "Luz e Cores".
Fonte: EP, junho/2003.

O Largo da Carioca, como suporte espacial que abarca uma série de atividades relacionadas ao cotidiano de uma metrópole e revela em seus balizadores históricos (monumentos, edifícios) o passado residual de seu espaço – assim como da cidade – apresenta-se bem delimitado e explorado em trabalhos anteriores que nos serviram como mola propulsora (RAMOS, 2001; VIEIRA, 2001). Este quadro, denotando valores, funções, e dados históricos, surge como preceito de reconhecimento do potencial de pesquisa nesta área e indica que variados focos podem ser atribuídos na leitura do grande espaço plural, que é o Largo. Por isso, nosso arcabouço teórico debruçou-se sobre as entidades não-morfológicas do espaço: a textualização das palavras que são as *atividades cotidianas e as entidades conceituais e imagéticas* do Largo, sempre compartilhadas e experienciadas por seus frequentadores.

Acreditamos que a estrutura formal (alargada, ininterrupta) tem possibilitado, ao longo de todos estes anos, uma apropriação contínua do Largo da Carioca e que o estudo de nosso objeto não estaria completo sem a apreciação dos valores significativos e voltados para a interpretação das ações pessoais e coletivas que são promovidas neste espaço, por seus usuários. Como

substância deste capítulo, que fundamentará nossa análise, buscamos refletir sobre as atividades de rua – marcadas pela exibição de artistas capoeiristas, mágicos e performistas – envolvidos na relação de experienciação deste cenário do Centro do Rio de Janeiro, como forma de entender o princípio da dinâmica de utilização do Largo da Carioca a partir desta atividade tão peculiar; procuramos receber de teóricos relacionados ao questionamento sobre Espaço/Lugar e às dinâmicas produzidas pelo cotidiano e pelo pertencimento ao espaço, as respostas necessárias para a delimitação de uma metodologia coerente com nossa proposta. Da mesma forma, na categoria de *entidades conceituais e imagéticas*, buscamos teorizar sobre o caráter biunívoco das constantes formuladoras do Largo da Carioca (passagem, permanência; vertical, horizontal; agitado, pacato), de forma a receber subsídios para a concretização de uma realidade estrutural no Largo da Carioca.

Todos estes elementos, integrantes do arcabouço teórico, formam um panorama primordial no fechamento deste capítulo, marcado pela delimitação de cinco entidades designativas dos processos de experimentação espaço/usuário, e que serão utilizadas no capítulo de Discussões [cap. 5] como auxiliares na descrição de nossas percepções sobre o espaço.

Esta tessitura de uma fundamentação de cunho arquitetônico-antropológico tem sua base na possibilidade de variados ângulos, leituras e caminhos pelo espaço físico do Largo da Carioca, assunto pronunciado por VIEIRA (2001), quando revela uma questão muito pertinente à percepção do espaço no Largo da Carioca: a multiplicidade de pontos visuais – “*por terra e pelo ar*” (pela via do pedestre, no plano zero, pelos olhares de quem sobre ao Convento e à Igreja, a alguns 20m do solo, e de quem

observa do alto, “no palanque”, dentro dos escritórios comerciais que ficam nos arranha-céus que circundam o Largo).

Como num palco montado: quem interage é ator, é participante; quem observa é platéia, assumindo e “ruminando” aquele espaço como interpretador; e quem controla visualmente é o indivíduo colocado à parte da situação, numa galeria imponente: a cobertura.

Este cenário ficou muito claro para nós desde os primeiros momentos de pesquisa e principalmente com a montagem do vídeo-etnográfico,⁷⁶ que reproduziu fielmente a imagem de “formigueiro humano” (que trabalha continuamente para a manutenção do espaço) e a precisão das “rodinhas” (organismos que crescem e diminuem, conforme cada espetáculo, transformando-se no verdadeiro *pulsar* desta área).

Desta forma, decidimos ajustar nosso ângulo para uma inclinação que nos permitisse abraçar aspectos interpretativos do espaço e do usuário, de forma a contemplar o conjunto de conceitos que se unem ao processo instável, e por isso mutável, que é o papel da dinâmica social no espaço livre do Largo da Carioca.

⁷⁶ O vídeo mencionado foi realizado como ferramenta de pesquisa, de acordo com a metodologia abraçada neste trabalho (a *Ethologia* dos Espaços Públicos) e foi realizado de 11:00 às 12:30h do dia 08/06/03, na plataforma de helicópteros do Ed. Avenida Central, com o auxílio da equipe de Engenharia do prédio e o Corpo de Bombeiros. Outros vídeos foram realizados, fazendo um total de 2h de filmagem, porém estes ao nível da rua.

2.1.1. CONSTRUÇÕES E DESCONSTRUÇÕES NAS RELAÇÕES COM O ESPAÇO

Nesta etapa da fundamentação, propomos uma incursão pelas teorias voltadas para a formação de Lugares e, conseqüentemente, de vínculos apropriativos e relacionais com o espaço, como forma de embasar nossas percepções sobre a produção do espaço urbano que experimentamos no Largo da Carioca e as diversas formas de interpretá-lo. Para isso, tomaremos como arcabouço teórico as discussões propostas por AUGÉ (1993), FERRARA (1999; 2000), Yi-Fu TUAN (1983) e SVENSSON (1992) sobre a materialização do espaço vivido como constante de representação social e humanística.

Numa passagem pelo conceito de *supermodernidade*⁷⁷ de AUGÉ (Op. Cit.), verificamos que o autor coloca dentro desta realidade moderna a proliferante produção de *Lugares* (que criam um social orgânico, uma interação reprodutiva e, por isso, estimulam a manutenção local) e de *Não-lugares* (que criam uma tensão solitária, uma ausência identitária, relacional e histórica). Estes dois índices, em constante reformulação de acordo com o tipo de indivíduo, tempo e espaço da cidade, formam a dialética do espaço urbano contemporâneo.

Em nossos estudos verificamos que o Não-lugar estaria condicionado ao movimento, à passagem, e o Lugar a uma permanência de menor ou maior período de tempo-espaço vivenciado. Esta idéia está presente, também, nas considerações de FERRARA (1999), que identifica as transposições de espaço para lugar e de paisagem para território a partir da dualidade entre *movimento e pausa*. Nossas considerações apontam para o contexto que define pausa e movimento conceitualmente, pois

⁷⁷ AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. Coleção Travessia do Século, São Paulo: Papirus Editora, 1993, pp. 74-75. A *supermodernidade* procede simultaneamente de três figuras de excesso: superabundância factual, superabundância espacial e individualização das referências.

mesmo a pausa, ou o movimento, participa de um grupo de variantes que engloba padrões culturais, geográficos, econômicos e sociais.

Segundo Yi-Fu TUAN (1983) a transposição de um espaço para um Lugar implica uma carga de afetividade: “(...) o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor”.⁷⁸ Essa noção de Lugar se torna mais forte quando da significação de pausa “(...) Se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então Lugar é a pausa” (Id., Ibid., p. 6). Entre esta dialética da *pausa* e do *movimento*, encontramos os estímulos fornecidos por todo o conjunto de símbolos da cidade, continuamente interpretados por seu usuário.

Verificamos que a cidade se representa por signos e sinais, arquitetônicos em sentido pleno. A linguagem é a sua estrutura, sua organização; sua representação literária implica em uma representação feita a partir de emissores e receptores, sujeitos que operacionalizam e produzem significados a partir de símbolos, como explicita BAUDRILLARD (1986). Representação, signos e linguagem têm uma vinculação tão estreita que podem ser usados como sinônimos no contexto espacial.

E no conceito pertinente a signos, cabe-nos ressaltar que a noção de signo mais expressa pela modernidade (ou como podemos chamar atualmente, por um tipo de pós-modernidade), baseia-se cada vez mais num sentido pictórico, associando imagem à leitura.⁷⁹ Tudo é percebido como uma informação a se guardar e o laboratório de imagens, representado nos espaços da cidade, elabora diversas formas de diálogo intermitente.

⁷⁸ TUAN, Y Fu. **Espaço e Lugar: A perspectiva da Experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983, pp. 4.

⁷⁹ Ver HUYSEN, Andréas. *Os Vazios de Berlim*. In: _____. **Seduzidos pela Memória: Arquitetura, Monumentos, Mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000 [cap. 4].

Podemos perceber isto na noção de *flâneur*, de Walter BENJAMIN,⁸⁰ sobre o homem que lê os objetos urbanos em explorações efêmeras, um viajante cujo destino é o meio por onde passa; ou na ênfase dada por Robert VENTURI⁸¹ à arquitetura como imagem e comunicação; ou na semiótica do *Império dos Signos* de Roland BARTHES (1988); ou mesmo na transfiguração de uma *América* imaterial, revelando as nuances do relato provido de percepções não meramente visuais, mas também informacionais, de Jean BAUDRILLARD (Op. Cit.).

Estas considerações formam o suporte para nossa afirmativa de que as interpretações de Não-lugar e Lugar, colocadas sobre o questionamento de evolução formal, significativa e dinâmica das cidades (e do homem, como seu habitante), devem ser postas sempre em relativização. Desta forma, um mesmo espaço pode apresentar valorações mutáveis para um mesmo indivíduo, diretamente relacionadas a uma coletividade – que utiliza sentimentos identitários para reforçar sua afetividade.

O referencial tempo, neste ponto, ao possibilitar experiências diversas ao longo de um período da vida, é um modificador destas noções de apreensão.

TUAN (1983, p. 142) revela sua posição do tempo, no espaço experiencial, como estando “(...) implícito em todos os lugares, nas idéias de movimento, esforço, liberdade, objetivo e acessibilidade”, revelando uma intersubjetividade presente nas relações do indivíduo e do meio. O *passar* ou o *permanecer* está condicionado, também, à intensidade ou complexidade de compreensão de determinado território.

⁸⁰ BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas*, vols. I, II, III. São Paulo: Brasiliense, 1989.

⁸¹ VENTURI, Robert. *Complexity and Contradiction in Architecture*. New York, NY: Museum of Modern Art, 1977.

Esta oscilação entre Lugar e Não-lugar revela um conceito heterogêneo relacionado, exclusivamente, à troca proporcionada entre o meio e o indivíduo que usufrui dele. Esta troca, como eixo de relação das experiências é mutável, circunstancial, factual e depende da individualização que as referências oferecem, gerando sentimentos de pertencimento ou exclusão; permanência ou passagem; prolixidade ou pragmatismo. Reflexos das relações de identidade no espaço.

Deste modo, a construção da identidade implica um certo modo de estabelecer estratégias de convivência mútua e estabilidade emocional. Quando pensamos na compreensão e instituição de um Lugar, ligamos diretamente o objeto legítimo deste “saber”. Para comunicar a forma como entende arquitetura, Karl MARX (*apud* LEFEBVRE, 1999) empresta do latim uma expressão muito apropriada: *locus standi*, o lugar em que se está, no qual se atua, assunto destrinchado no capítulo 1 deste trabalho. Da mesma forma ROSSI (1995) emprega termo semelhante quando fala do *locus architectonico*, termo reservado à cidade e à questão.

SVENSSON (1992. p. 35) reforça este sentimento, pertinente à idéia de exploração conjunta e evolutiva que a cidade e seus espaços articulados, especialmente os espaços públicos – como agregadores do coletivo – fornecem aos indivíduos, que recebem das relações cotidianas o suporte de um Lugar:

Dentro de tal enfoque, a espacialidade dos lugares não mais se apresenta ao vazio, nem ao existente entre mim e a construção. Nem se limita, somente, ao existente entre mim e os demais elementos portadores do plástico, do construtivo e do figurativo. Não, a espacialidade se dá comigo, com a presença humana (...) Poderíamos afirmar que é característica dos lugares o de serem internos. Não em relação aos edifícios. Mas em relação aos acontecimentos, à presença humana. É o ser humano e social que com sua presença concreta, real e ativa, interioriza a espacialidade e a torna interna.

A partir desta relação de identidade com o espaço, também hierarquizado no aspecto temporal, a noção de apropriação e afetividade, construindo Lugares e Não-lugares, torna-se dinâmica e ativa. As formas de participação no espaço são variáveis de acordo com a questão da memória evolutiva (associada aos eventos imediatamente passados) e a memória coletiva (impregnada de uma lição comum, uma relação de altruísmo para com as sensações compartilhadas). Revezam-se continuamente a construção de Lugares e de novos Lugares, inaugurados pela participação num espaço de coletividade (SVENSSON, 1992, p. 35).



Fig. 119: Largo da Carioca e Jardins de Burle Marx – BNDES.
Fonte: EP, 2003.

Esta relação dinâmica e evolutiva repousa no fato de que, como demonstrado por inúmeros teóricos e pesquisadores, é na experiência do urbano onde encontramos o espaço do *nós*, do coletivo. Na praça, no largo, conhecemos vários *eus* que se solidarizam por compartilhar condições existenciais no mesmo local e ao mesmo que tempo que nós.

2.1.2. PANEM ET CIRCENSES⁸²: O ESPETÁCULO DE RUA

<i>Na cidade</i>	<i>E antes que</i>	<i>Na cidade</i>	<i>É olhar a praça lotando</i>
<i>Ser artista</i>	<i>O sol desponte</i>	<i>Ser artista</i>	<i>E o chapéu estufando</i>
<i>É posar sorridente</i>	<i>Contemplando</i>	<i>É subir na cadeira</i>	<i>De tanta moeda</i>
<i>É ver se de repente</i>	<i>O horizonte</i>	<i>Engolindo peixeira</i>	<i>É cair de joelhos</i>
<i>Sai numa revista</i>	<i>Conceder entrevistas</i>	<i>É empolgar o turista</i>	<i>É dar graças ao céu</i>
<i>É esperar que o orelhão</i>	<i>Aos outros artistas</i>	<i>É beber formicida</i>	<i>Lá se foi o turista</i>
<i>Complete a ligação</i>	<i>Debaixo da ponte</i>	<i>É cuspir labareda</i>	<i>O dinheiro, a peixeira</i>
<i>Confirmando a excursão</i>			<i>A cadeira e o chapéu</i>
<i>Que te leva ao Japão</i>		
<i>Com o teu pianista</i>			

Chico Buarque, *A Cidade dos Artistas*, 1969.

Este capítulo tem por objetivo fundamentar, através das teorias oferecidas sobre a movimentação e o cotidiano urbanos – assim como as expressões artísticas na cidade – a questão do espetáculo

⁸² *Panem et Circenses*: Pão e [espetáculos] circenses. Palavras de amargura proferidas por Juvenal (Sátiras, X, p. 81) aos romanos da decadência do Império, que nada mais pediram no Fórum do que trigo e espetáculos gratuitos.

de rua⁸³ como dinamizador de uma característica essencial na manutenção da coletividade, suscitada a partir de um palco comum que é o espaço público da cidade, configurado em suas praças, ruas e, em nosso caso, largos.

Uma cidade sem expressões de sua gente parece-nos amorfa, sem alma, sem prosseguimento. É através da qualidade do uso de seus espaços, da forma como seus habitantes interpretam-na, apropriam-se e desenvolvem suas atividades sociais que a cidade é nomeada.

Temos no Largo da Carioca um fragmento da cidade, na expressividade de um grupo que representa e se representa neste espaço livre, através de sua arte, sua dinâmica e seu cotidiano. O espetáculo de rua traz o inesperado, que é um dos traços compositivos de uma cidade. Cada cidade tem um apelo e cada apelo revela este traço.

O imprevisto é a marca de todo espetáculo de rua e fragiliza [assim como enriquece] ainda mais o já pequeno controle que o artista tem sobre a interação com o espectador e sobre sua própria apresentação. Sobre bases e laços instáveis, artistas e espectadores estão o tempo inteiro negociando a realização e continuação do espetáculo (CARVALHO, 2000, p. 11).

Assim, propomos neste capítulo um embasamento tão dinâmico quanto é a imagem do Largo da Carioca para seus usuários, artistas e experienciadores.

⁸³ Para maiores referências sobre este assunto ver os artigos: PINHEIRO, Ethel; DUARTE, Cristiane. **Panem et Circenses at Largo da Carioca/Brazil: The Urban Diversity focused on People-environment Interactions.** Anthropology Matters Journal, online publication, London. Disponível em: <www.anthropologymatters.com>, fev/2003 & RIBEIRO, Alexandre; PINHEIRO, Ethel; DUARTE, Cristiane; FRY, Peter. **As Rodas do Largo da Carioca: Uma Análise dos Bens de Entretenimento nos Espetáculos de Rua.** Revista Enfoques - Revista Eletrônica dos alunos da Pós-graduação PPGSA/IFCS/UFRJ, vol. 3, nº 1, nov/2003, ISSN 1678-1813.

Ao observarmos o papel de uma atividade tão essencialmente coletiva, pois envolve condicionantes como atores, platéia e – sem dúvida – o cenário, neste caso a própria cidade, podemos perceber a função de vitalidade e continuidade social do espetáculo de rua. Desde as primeiras manifestações em comunidades mesopotâmicas e egípcias⁸⁴ (nos rituais festivos a reis e entidades divinas), passando por um dos maiores exemplos da civilização moderna que foi o teatro grego, podemos perceber o fator relacionado a uma experimentação da vida externa, do riso e dos elementos que compõem a vida pública, posteriormente ligado ao urbano: o fator de agregação.

Remonta também à praça pública medieval, onde, nas feiras e nos dias de festa, uma variedade de atrações, "*desde as interpelações em altos brados até os espetáculos organizados*", entretinham a crescente população urbana da Europa, envolvendo-a num "*ambiente de liberdade, franqueza e familiaridade*" (BAKHTIN, 1993, p. 20). Dona de uma estética própria, a praça da Idade Média revelou-se como um segundo mundo medieval construído, de certa forma, como paródia da vida ordinária e oficial, marcada pela seriedade, pela autoridade, pelo medo, por restrições e proibições.

No espetáculo popular da praça pública medieval, tudo se prestava ao riso alegre e degradante do povo. Barulhentos pregões de produtos milagrosos, adivinhações, louvores maliciosos, terríveis injúrias e impropérios: a palavra ali fervilhava para, através do riso, conduzir o povo a uma fuga provisória do mundo ordinário, oficial (CARVALHO, 2000, p. 09).

⁸⁴ Os cidadãos das cidades mesopotâmicas tinham o hábito de manifestar suas devoções e celebrações através de peças teatrais que reproduziam a vida coletiva cotidiana nestas comunidades – celebrações estas muito mais relacionadas ao rito – que reproduzia a manutenção da cultura. Van BUREN (1992) afirma isto através de registros iconográficos encontrados em antigos palácios e tumbas.

Algumas praças de diversas grandes cidades apresentam, hoje em dia, uma grande diversidade de práticas teatrais que expressam um movimento espetacular recente e, sobretudo, dinâmico, que constitui um elemento fundamental para a compreensão dos discursos de cidade, mobilização social e coletividade neste início de século. As manifestações de teatro de rua que observamos no Brasil estão diretamente relacionadas aos processos de criação cujas raízes se relacionam com o período final do regime ditatorial, durante a chamada etapa de transição democrática dos anos 80, conforme delimita GARCIA (1990, p. 32).

Dado que o teatro de rua é percebido, antes de tudo, como uma prática artística que se contrapõe aos discursos autoritários – e da mesma forma como apropriação do espaço urbano – podemos referenciá-la como uma das práticas criativas mais importantes no cenário urbano pós-ditadura. Esta visão é bem empregada quando pensamos numa elite cultural ativa, que elege a rua⁸⁵ como o meio mais democrático de socialização da sua arte, além de palco infinito para as possibilidades de interação entre artista e público. As reverberações desta militância em artistas não profissionalizados, ainda que se tenha perdido este caráter específico de revolta, mas igualmente capazes, sonhadores e criativos, podem ser encontradas em muitas ‘esquinas’ de cidades no mundo, na cidade do Rio de Janeiro e, principalmente, no Largo da Carioca.

CARVALHO (2000) relata em sua dissertação de Mestrado que sua pesquisa baseou-se na observação das ‘rodas’ de artistas do Largo da Carioca, através da seleção de um artista

⁸⁵ A *rua*, neste caso, abarca as conotações de espaço público da cidade, o extra-muros.

paradigmático, Alexandre Bahia,⁸⁶ e através de sucessivas observações e entrevistas realizadas. Para a autora:

Roda é a categoria nativa usada para designar a disposição do público ao redor daquele que se destaca como ator central, o artista de rua. A narrativa obedece a seqüência temporal dos espetáculos de Alexandre, tomando justamente a roda como ponto de referência para a análise. Atenção especial deve ser dada aos seguintes momentos do espetáculo: abrir a roda; segurar a roda; fazer um axé (pedir dinheiro) e passar a roda, considerados cruciais pelos artistas (Id., Ibid., p. 10).

Tanto é assim que muitos transeuntes se reconhecem pela roda em que param, pelas acrobacias que presenciaram num mesmo momento e por uma atividade de coletividade que se inicia e encerra no tempo previsto do espetáculo de rua, que por muitos deles é chamado de “espetáculo popular”.

O teatro de rua, como o conhecemos, com as explicitações – sem punições – de linguajar chulo, aporias políticas, piadas constringedoras e doses de malícia social, foi fruto do esforço e tenacidade de uns poucos teatristas que se lançaram às ruas no calor do sentimento de liberdade que dominou a sociedade a partir das campanhas políticas que contribuíram para o fim da ditadura militar (Comitês pela Anistia, ‘Diretas Já’, entre outras). Diversas apresentações destes grupos tiveram que ser realizadas em espaços abertos, ganhando a forma de teatro de rua pela falta de espaços físicos apropriados; o Largo da Carioca tem sua história assinalada neste contexto por ser palco de muitas destas primeiras atuações, inclusive comentadas por artistas e usuários contemporâneos que relembram, em inúmeras passagens de



Fig. 122-124: Espetáculos de rua no Largo da Carioca. Fonte: EP, 2003.

⁸⁶ Buscando maiores dados sobre o artista, passamos a uma pesquisa de campo nas ‘rodinhas’ do Largo da Carioca (jan/2003), sondando o paradeiro deste artista. Para nossa primeira surpresa, esta busca foi muito fácil; todos os artistas conheciam a figura de Alexandre, que era tido como um elemento mítico no espaço, digno de ser reverenciado como artista e como ‘morador’ do Largo da Carioca, tamanha a sua familiaridade e apropriação do lugar. Porém nossa segunda surpresa, que impossibilitou um contato pessoal mais esclarecedor, foi a descoberta de seu falecimento no final do ano de 2001.

seus relatos, o papel de antigos artistas de rua no Largo da Carioca e a forma como se espelham neles.

Os expoentes que traduziram este modelo de teatro foram conduzidos à categoria mítica; assim, as figuras de Bertold BRECHT e BOAL foram transformadas em ícones de um teatro (de rua) popular e, decisivamente político. Como afirma Roland BARTHES (1988), o mito não oculta nada, sua função é de deformar, não de fazer desaparecer. O vínculo entre o sentido e o conceito do mito está dado porque o conceito aliena o sentido (Op. Cit.). Esta alienação explica porque o mito não mantém o sentido original no seu conjunto, senão que a desapropriação é parte de uma descontextualização que gera uma deformação, e por isso um novo sentido, uma nova mensagem.

O espetáculo de rua, que é um desses braços do teatro, tem um vínculo mais específico: a diversão. Este fato é latente quando observamos o caráter de fruição, prazer e diversificação das atividades rotineiras que o transeunte experimenta através de um espetáculo que não seleciona, como fazemos no teatro intramuros, mas está exposto a qualquer um que passa.

No Largo da Carioca, temos uma atividade particular: a função das *rodinhas*, também registradas na Dissertação de VIEIRA (2001). E esta imagem é a tal ponto importante, que se constitui elemento fortemente relacionado à imagem do espaço contemporâneo. A configuração formal do Largo é muitas vezes interpolada com esta imagem dinâmica e efêmera que as rodas, ao formar-se e desmanchar-se, desenvolvem na paisagem.

As bases teóricas até aqui delineadas, baseadas no estudo dos espetáculos de rua e sua remontagem no Brasil – principalmente a partir dos anos 80 – fundamentam que a essência urbana destes espetáculos está irremediavelmente relacionada ao fator cultural,



Fig. 125-127: Espetáculos de rua no Largo da Carioca.
Fonte: EP, 2003.

social e às características ‘convitativas’ de sítios urbanos que, por seu caráter de abertura, amplitude, liberdade formal e social, formam uma mancha única de usos, morfologia urbana e apropriação, mancha simbólica que se confunde à própria definição formal do espaço (do LC): “*um espaço livre de intenso ir e vir*” (I.F., informante); “*o local das rodinhas*” (L., informante); “*Largo da Carioca é uma praça dos artistas, isso que eu posso dizer, porque todos os artistas se encontram aqui pras [sic] suas apresentações*” (J., informante).

2.1.3. ESPAÇO DINÉRGICO

As Cidades e os Olhos

É o humor de quem a olha que dá a forma à cidade (...) quem passa assobiando, com o nariz empinado por causa do assobio, conhece-a de baixo para cima: parapeitos, cortinas ao vento, esguichos. Quem caminha com o queixo no peito, com as unhas fincadas nas palmas das mãos, cravará os olhos à altura do chão, dos córregos, das fossas, das redes de pesca (...) Não se pode dizer que um aspecto da cidade seja mais verdadeiro do que o outro. (Ítalo Calvino, In: As Cidades Invisíveis, pp. 64).

Ao comentarmos, anteriormente, sobre as relações entre corpo e espaço, delineamos uma superfície irregular que pode ser tocada em diversos pontos, cantos e formada de variadas texturas, segundo a fonte que selecionamos para ancoradouro.

Neste capítulo tomaremos como base fundamental as relações biunívocas no espaço, não o espaço formal que estruturamos como representação imediata, mas as nuances do próprio conceito de espaço (físico, psíquico, sensorial e poético), que agregado à atuação humana assume diferentes significados, interconecta-se, translada, impregna-se e ganha uma visão de mundo pessoal, de acordo com cada experiência vivenciada.

As variadas formas de percepção de um espaço múltiplo (associado a inúmeras apropriações, definições e experiências) revelam, *a priori*, uma diversidade de atividades e leituras

devido a uma conseqüente indefinição formal do ambiente, a um excesso de símbolos locais valorativos (interpretados através do ‘sagrado’, do ‘profano’, do elitizado e do rude, do concreto e do ‘verde’, da passagem e da permanência) e de símbolos físicos (marcos visuais: edificações, vegetação, monumentos), muitas vezes interdependentes. Encontradas estas relações, um elemento comum surgiu como base a ser estudada: a diversidade local, expressiva de um caráter do lugar, como percebemos no Largo da Carioca.

Em torno disto, muitas associações puderam ser dispostas: o valor dos elementos verticais para determinados usuários (arranha-céus, morro) em oposição à afetividade desenvolvida com o térreo, com o movimento de pessoas por ali e com os monumentos; as relações de grandeza do espaço, em oposição ao aconchego e intimismo elaborado por uma apropriação local; as linhas sinuosas no desenho do piso em contraste com o movimento direto e linear dos que cruzam o largo; a permanência no espaço local contraposta à rapidez com que muitos empregam ao passar; a noção de ‘dentro’, quando há uma dimensão de pertencimento, e a noção de ‘fora’, quando há um estranhamento; vertical e horizontal, grande e pequeno, sinuoso e reto, dentro e fora. Estes elementos de polaridades inversas estão presentes na configuração do espaço do Largo da Carioca, como as primeiras entrevistas nos revelaram (os pares dicotômicos foram indicados pela mesma letra):

a. [O Largo da Carioca] é um lugar bem movimentado, tem tudo, muita gente, coisa pra comprar, gente vendendo, gente com pressa, gente passando...Um tumulto. (T., Informante, 02/07/03).

a. Penso que se esse espaço desaparecesse de repente, seria como se você chegasse em casa, abrisse a porta e seu sofá não estivesse mais lá; já virou um aconchego para o pessoal. (Lucas, Informante, 08/07/03).

- b. Fico no Largo no máximo 30 segundos, é o tempo de atravessar. (I., Informante, 09/07/03).
- b. Eu fico meia hora, uma hora, eu vou parando em tudo que é lugar, enquanto tem atração. Eu estava indo entregar um trabalho na Treze de Maio, mas aí... (E., Informante, 08/07/03).
- c. O meu curso fica na Treze de Maio, essas duas lojas de departamentos ficam na R. do Ouvidor, então estou passando [aqui] para ir na Treze de maio. (R., Informante, 02/07/03).
- c. Eu venho de metrô ou de ônibus. E eu venho só para ficar aqui observando, relaxando... (J., Informante, 21/07/03).
- [Aqui chama atenção] o contraste. É você ter um passado histórico muito forte como, por exemplo, o morro de Sto. Antonio que havia aqui e que foi demolido para fazer o aterro do Flamengo, o convento que está ali atrás, e a modernidade, como o metrô... (D., Informante, 08/07/03).

Por isto, o prosseguimento de nossos estudos pareceu revelar uma lacuna com relação a esta característica de ‘diversidade’, que consideramos peculiar no Largo da Carioca. A questão de como interpretar, pontualmente, relações tão extremas e constantemente atuantes neste espaço contemporâneo foi dissolvida num conceito genérico: *dinergia*. Esta nomenclatura foi desenvolvida por DOCZI (1990) ao mencionar, em seu ensaio póstumo, a proporcionalidade gerada por fragmentos diferentes na natureza.⁸⁷

Seu estudo se concentrou nas comparações da biologia natural com as formas arquitetônicas, revelando que a ordem de crescimento de estruturas da natureza pode ser percebida através proporções que se repetem, o que ele chamou de “*crescimento dinâmico*” (Id., Ibid., p. 1). Utilizando a analogia da espiral dupla que se move em direções opostas, um padrão formal freqüente na natureza, o autor nos remete este padrão à

⁸⁷ Ver DOCZI, György. **O Poder dos Limites: Harmonias e Proporções na Natureza, Arte & Arquitetura**. Tradução de Maria Helena de Oliveira Tricca. São Paulo: Mercuryo, 1990.

junção de ‘opostos complementares’ (raios retos e círculos em rotação) como uma estrutura hábil e coesa, mesmo em sua antítese.

O neologismo *dinergia*⁸⁸ vem da junção de duas palavras gregas (*dia*=através e *energia*=fonte geradora, movimento), representando uma expressão que não poderia ser alcançada por vocábulos de uso comum na nossa língua corrente. Muitas palavras indicam junção e oposição, mas nenhuma se remete a sua base, sua fonte. No nosso caso, a base é o espaço físico do Largo da Carioca. Como cita DOCZI (1990, p. 3) o surgimento de um novo vocábulo tornou-se necessário para a representação deste conceito:

Muitos se referem a aspectos de padrões pela união dos opostos, mas nenhum exprime o seu poder gerador [grifo nosso]. ‘Polaridade’ refere-se a opostos, mas não indica a existência de um elemento de transição formado por estes opostos. ‘Dualidade’ e ‘Dicotomia’ indicam divisão, mas não significam junção. ‘Sinergia’ indica junção e cooperação, mas não engloba os opostos (...) Dinergia [grifo nosso] é um termo formado por duas palavras gregas que indicam, em suma, um movimento transicional baseado numa fonte geradora.

Através de sua *dinergia*, os espaços (de uma cidade) podem ser analisados mesmo diante de situações anacrônicas - sempre existentes - uma vez que todo espaço é valorado de infinitas formas por cada usuário, situação e recorte temporal.

Para ROSSI (1995) a categorização de cidades baseada na convivência de dualidades estabelece uma relação constante entre as funções moradia e trabalho, lazer e descanso, dia e noite, vertical e horizontal, todos permeados pela noção de tempo, que é o elemento que une e dilata suas relações (*zeitfunktion*).

⁸⁸ O termo *dinergia* foi proposto por DOCZI (1990), inicialmente, como representação dos padrões da natureza e associado à arquitetura através dos elementos helicoidais, espiralados, do retângulo áureo e das inúmeras edificações baseadas na simetria e nas divergências.

Através da ‘aplicação’ do tempo na delimitação dos contornos espaciais, seu contingente humano consegue estabelecer uma série de vínculos que se desdobram em memória, tradição, afetividade e estreitamento de laços, estes vínculos, por sua vez, relativizados sobre o conceito de dinergia.

Engana-se [o homem] ao entender cidade como algo no espaço, porque ela não existe no espaço; manifesta-se em forma de tempo e espaço. Entremeia idealismo objetivo com subjetivo, para atingir a coletiva imagem da cidade (SVENSSON, 2000, p. 2).

Ao combinarmos a noção de tempo no conceito dinérgico dos espaços, em especial no Largo da Carioca, percebemos que a produção de lugares (conforme relata TUAN, 1983) passa por relações de afetividade, orientação e localização, expressos pelo termo ‘aprendizagem de labirinto’. Assim, o tempo no espaço experiencial traduz a relação de movimento, modificação e justaposição entre homem e ambiente, frutificando em seus inúmeros galhos as relações pessoais de interpretação do espaço, que resultam nas associações dicotômicas, ou melhor, dinérgicas.

Nosso intuito foi o de esclarecer, através da denominação de um caráter, as múltiplas e divergentes características encontradas em um recorte espacial, além de fornecer dados de fundamentação para a futura análise dos resultados obtidos com o emprego da metodologia definida para esta Dissertação.

A partir da localização deste conceito, conseguimos uma base estruturadora para as diversas considerações que nos propusemos a tomar no Largo da Carioca e, desta forma, resumimos as relações de polaridade e diversidade através de um princípio que simboliza não estes extremos, mas o suporte espacial que é único, completo e propiciador destas ambigüidades.

2.2. UM ALARGAMENTO NO LARGO DA CARIOCA: A DINÂMICA DO CORPO E ESPAÇO

O espaço livre da praça inspira, desde a sua maior abertura, na década de 80, reuniões, mobilizações políticas e vínculos sociais. Por um entroncamento natural, por sua colocação e disposição no centro da paisagem de maior movimento da região (Av. Rio Branco, Av. Chile, R. da Carioca, Cinelândia e R. Uruguaiana) o Largo ganhou status de palco de múltiplos acontecimentos. É interessante observar seu ritmo, sua cadência de passos largos e descompromissados, um alívio para o transeunte exasperado dos inúmeros sinais e faixas de pedestre a se cruzar. Hoje, dia de semana, dia de trabalho secular, mais uma vez a função do lugar "bate seu ponto". Enquanto muitos escolhem, entre tantas opções, a roda que irão integrar, alguns "companheiros" mobilizados coletam assinaturas contra a construção do Museu Guggenheim no Píer Mauá do Rio de Janeiro, cujo projeto fora acordado entre a Prefeitura-RJ e a Instituição há 2 semanas. Política e mobilização. A polis se presta a isto. E seu espaço público correspondente, aqui recortado, é um concatenador destas atividades. (Diário de Campo, Ethel Pinheiro, 16/05/03 – quinta-feira, 12:00 h).

Ao contemplar o espaço público do Largo da Carioca, um cenário de retalhos coloca-se a nossa frente: o movimento contínuo de pessoas que atravessam, de um lado a outro, a área livre; o ciclo de atividades locais que tende a cessar com o cair da noite; os malabarismos e teatro de rua que lotam – fisicamente e simbolicamente – o espaço; a pregnância histórica que se institui pela visão do morro ‘decapitado’. Todos estes fragmentos compõem uma visão macro da região, bem tecida por muitos informantes na primeira etapa das entrevistas diretas (como veremos adiante): a questão do *movimento*.

Movimento e dinâmica são conceitos atrelados à continuidade, à seqüência de intervalos, à interação com uma determinada aceleração. Em nossas considerações, este movimento intenso só pode ser entendido ao contemplarmos as entidades recipientes e de recepção: o corpo e o espaço.

A recorrência da imagem de multidão, pluralidade, e agitação urbana (FERRARA, 2000) se entrelaçam a um aspecto de interiorização afetiva, identidade e pertencimento, quando as grandezas *espaço* e *contingente* se associam diante de uma

característica de *inclusão*. Esta inclusão (no espaço) é a fonte propiciadora das diversas trocas entre indivíduo e meio-ambiente e deve ser entendida como a *pausa* que conceituamos anteriormente através de TUAN (1983) e que, associada às solicitações da memória pessoal e coletiva, da identidade com o lugar, do pertencimento e da experienciação cotidiana, solidifica um proceder específico diante deste espaço.

O relato transcrito abaixo é um dos muitos em que os usuários, impelidos à observação, participam do espaço como numa grande dança coordenada, onde cada um desempenha o seu papel e todos se identificam nos passos; a partir desta característica, associada à *pausa* (nem sempre compartilhada, pois implica uma adaptação cotidiana, experiencial e direta com o meio, além de uma empatia psicológica com os elementos ativos e espontâneos deste espaço popular), podemos entender este grande picadeiro, que é o Largo da Carioca:

Aqui tem uma coisa maravilhosa... Sabe o que é o Largo? É um núcleo da nação brasileira (...) eu passo por aqui todo dia. Aqui é o lugar da mobilização, do encontro, da diversão. Tem gente de todo lugar, todo o tipo, pessoas de todo o mundo [sic]. Quem não se sente bem aqui, não se sente em casa, porque este 'palco' é da diversidade, é de todos. Passar por aqui é como passar pela história do Rio (...) e não sou eu quem fala isto, não. É o povo que usa este lugar. (M., Informante, 22/06/03).

Neste palco, diversos elementos constroem uma visão compartilhada deste cenário urbano em particular: edifícios, monumentos, equipamento urbano, vegetação, gente, relatos, atividades e os veículos de interação social que desenham, cuidadosamente, o caráter interativo de diversos tempos e substâncias, como podemos 'ler' em seus variados tipos arquitetônicos, texturas e ofertas de entretenimento.

O contraste do concreto e do vidro, juntamente ao colorido das roupas e dos gestos de milhares de transeuntes, criam uma superfície de multiplicidades que denota este jogo, diário, de construção e reconstrução dos diversos cenários que configuram a imagem global do espaço público do Largo da Carioca. Tanto nas imagens das ‘rodinhas’, quanto no movimento de ‘idas e vindas’, representantes respectivos dos conceitos de *permanência* e *passagem*, os elementos materiais e imateriais, no Largo da Carioca, compõem uma base rica para análises e discussões.

Enquanto caminho, uma multidão de cores, cheiros e sons vão acontecendo, ora suprimindo uns, ora dando vez a outros, enquanto aquelas pessoas que atravessam “daqui para lá” escolhem suas paradas, seus focos ou, simplesmente, vão adiante. Estes últimos, às vezes, entretidos num passo único, que os faz usar o Largo da Carioca como um elemento de passagem (...) As pessoas, do alto, lembram formigas (...) num movimento bem lento, promovido pela distância com que meus olhos se encontram delas e por fenômenos físicos relacionados a movimentos uniformes. Novamente as imagens mais fortes são as rodas em torno de artistas que se formam, vez ou outra, em pontos estratégicos (próximo à ventilação do metrô e ao relógio). (Diário de Campo, EP – 08/04/03 – terça, 15:30 h. & 11/04/03 – sexta, 11:00 h.).

Da mesma forma, os diversos níveis físicos de apreensão do ambiente desempenham um papel importante na conformação estrutural do Largo da Carioca e modificam – ou intensificam – o modo de apreensão dos seus inúmeros fragmentos; quer seja no plano horizontal do tráfego de pedestres (vislumbrando os elementos verticais como panos-de-fundo para o cenário), quer seja na compreensão do espaço total através de uma observação ‘aérea’ (proveniente dos andares mais elevados dos arranha-céus), a concretude do ambiente se dá através da posição individual frente ao espaço. E todos estes elementos cooperam mutuamente.



Fig. 136-139: Fragmentos ‘pela praça’ e ‘pela cobertura’.
Fonte: EP, 2003.

Por causa da força dessas imagens cooperativas na área de estudo e a necessidade, conseqüente, de uma elaboração aprimorada de conceitos que abraçassem este entrelace *físico & espacial*, decidimos ‘submergir’ em mais um breve período de embasamento e encontrar, com base na observação minuciosa do Largo da Carioca, um conjunto de categorias que definisse os parâmetros futuros de nossas análises. A isto se preza este capítulo final da fundamentação.

2.2.1. UBI ET QUIS: *ESPAÇO E USUÁRIO*

Do mesmo modo que sob o foco atento de uma objetiva, os olhos miram diretamente o alvo do desejo; enquadradas, as cenas que despertam mais emoção, que calam no encontro com um significado mais intenso, abrangente e verossímil são também as produtoras do desejo inicial, uma vez estando o espaço físico, e todos os seus instantes de imagem, esperando pelo momento derradeiro da olhada (VIRILIO, 1988).

Segundo MERLEAU-PONTY (2002), uma imagem *quer* ser vista e seu signo imediato está aí, onde o significante o significado se encontram via única matéria: o homem. As coisas, observadas e nomeadas, exprimem significados - não simplesmente novos, mas também (re)inventados - e são base de interpretação e participação do *Eu* no mundo. Assim, torna-se possível também estabelecer um sulco de entendimento para as mais diversas formas de se eleger um espaço mais agradável ou não, através de suas imagens mais ‘acolhedoras’.

Com efeito, uma linguagem que só buscasse exprimir as coisas mesmas esgotaria seu poder de ensinamento (...) uma linguagem que oferece nossa perspectiva sobre as coisas, que dispõe nelas um relevo, essa linguagem inaugura uma discussão sobre as coisas (...) torna possível a aquisição (Id., Ibid., p.118).

Ao transitar pelo Largo da Carioca, muitas imagens (companheiras das reais) passeiam juntamente, criam diversos tipos de prosas e poesias e o instante inaugural,⁸⁹ vivido pelo observador, torna-se um novo tipo de linguagem, uma forma hiper-realista de comunicação com o mundo. Este fenômeno pode ser ainda um tipo de meta-linguagem, visto espriar-se verdadeiramente na fonte de observação e percepção mais instigante que é o *Eu*.

Assim, procurando não apenas por uma imagem geral buscamos apreciar no Largo da Carioca o seu alargamento, suas cicatrizes, sua realidade por trás de uma outra realidade. Além da imagem urbana apresentada em estudos, mapas e esquemas interpretativos, o lugar tem também suas visadas mais tocantes, significativas e frutíferas, aos olhos dos pesquisadores e aos olhos de quem o frequenta.

Como forma de estruturar este olhar diversificado, que não se limita às formas de abordagem formais e pré-definidas sobre o espaço livre (como pudemos verificar diante de todas as características do Largo da Carioca) tornou-se necessário, para nós, colocar em questão alguns elementos de pesquisa que permitissem o confronto dos itens percebidos e questionados em observações participantes e em diário de campo.⁹⁰ Estes itens, desmembrados em cinco eixos temáticos, foram definidos de forma a responder às questões previamente levantadas acerca dos valores, usos e significados do espaço público como

⁸⁹ *Instante Inaugural* é o termo usado por BACHELARD (*passim*) para delimitar o momento de encontro do homem e do objeto observado/devaneado, uma vez que o reconhecimento verdadeiro, segundo o autor, só pode vir através de um desprendimento de pré-concepções.

⁹⁰ As visitas, realizadas através de observação participante e sempre registradas através de fotografias e/ou vídeo, foram realizadas em diversos dias da semana (incluindo finais de semana e feriados) e em diversos horários do dia (manhã, tarde, noite e algumas madrugadas), no período de maio/2002 a janeiro/2003 e de abril/2003 até novembro/2003.

elemento suporte e estruturador das relações sociais e coletivas na cidade.

Através de uma determinação encadeada e seqüencial desses ‘motes urbanos’ detectados nas formas de interação do usuário com o Largo da Carioca, buscamos representar o espaço de forma esquematizada, porém não ‘hermética’, uma vez que o princípio de experimentação dos espaços livres (e da cidade num todo) é de relação *espaço-tempo* bem complexo e fragmentado, e uma definição classificatória corrente impediria a abordagem cultural e formal da nossa área de forma adequada para nossas considerações.

Portanto, baseadas na forma como os estudos de *cidade* se relacionam com os espaços urbanos públicos⁹¹ e como muitos teóricos realizaram suas pesquisas sobre os suportes espaciais, entre eles LYNCH,⁹² buscamos representar o espaço particular do Largo da Carioca através dos elementos que dizem respeito a sua essência de espaço carioca,⁹³ público e mutável.

Para tanto, definimos o primeiro eixo temático, *simbolismo*, como a forma que o usuário do espaço se relaciona com os elementos pertinentes a este. Sendo o simbolismo uma analogia às palavras, relacionamos, em seguida, a questão do *significado*, que denota o sentido dado à junção destas palavras – como num texto – e a sua relação com o entendimento de uma experiência. O terceiro eixo, denominado *memória* é um desdobramento desta relação de significados, expressa num conjunto temporal, doando assim

⁹¹ Ver THIBAUD, Jean-Paul et GROSJEAN, Michèle (dir.). **L’Espace Urbain en Méthodes**. Collection Eupalinos, Marseille: Éditions Parenthèses, 2001.

⁹² LYNCH, Kevin. **A Boa Forma da Cidade**. Barcelona: GG, 1985; Ibid. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. Os elementos são: *Estrutura, Identidade, Imageabilidade, Legibilidade e Construção da Imagem*.

⁹³ Com esta definição fazemos menção a um estilo de vida e a uma natureza própria da *physis* do morador do Rio de Janeiro, em resumo, ligado à vida pública, às atividades ao ar-livre e à consagrada imagem de ‘boemia’.

tonalidades diversas para um mesmo cenário. Com estes três elementos (relacionados a uma experiência direta do indivíduo com o meio, em instâncias imediatas) partimos para os dois últimos, necessários para um fechamento do processo de compreensão do espaço: *ancrage* e *instantaneidade*. Estes buscam relacionar os aspectos de apropriação, identidade e formas de convívio com o espaço contemporâneo a partir de vertentes que foquem a relação do espaço formal vivido com os usos e atividades locais.

Todos estes eixos, delimitados e solicitados através da observação do espaço e da forma de diálogo com seu usuário, compõem o conjunto de entidades que nos auxiliará com as futuras análises locais e com a aplicação da metodologia definida para este trabalho.

2.2.1.1. SIMBOLISMO

ESTRUTURAS SIMBÓLICAS DO ESPAÇO

Selecionado como o primeiro de nossos eixos temáticos, o simbolismo não constitui uma simples abstração ociosa: é inerente à textura da vida humana. A linguagem é um simbolismo, e para apreciarmos a função necessária do simbolismo na vida de qualquer sociedade, é necessário formar uma estimativa das forças vinculadas e produtivas em sua composição. É fato bem delineado que todos os grupos sociais estabelecem vínculos com seu ambiente, criam relações de experiência e possíveis apropriações e, conseqüentemente, adquirem significados inerentes aos símbolos interpretados.

*Ora, ao examinarmos como uma sociedade obriga os seus membros individuais a funcionar em conformidade com suas necessidades, descobrimos que um agente ativo importante é o nosso **vasto sistema de simbolismo herdado** [grifo nosso] (WHITEHEAD, 1987, p. 63).*

WHITEHEAD (Op. Cit.), ao comentar, acima, do papel deste simbolismo, ratifica que é o conjunto de símbolos compartilhados por um determinado grupo que o torna identitário e, verdadeiramente, grupo. A convivência com valores e códigos semelhantes é o que permite referenciar determinados lugares, momentos e situações de forma quase homogênea por uma sociedade e, assim, amalgamar os caracteres que a tornam particularizada. A manutenção da vida social, a produção de um eixo comum de diálogos, trocas e interpretações do espaço ganha corpo na densidade do símbolo.

Muniz SODRÉ (*apud* PEREIRA, 1998, p. 26) afirma que Cultura nenhuma experimenta um acesso imediato ao real: há sempre uma mediação entendida como o processo simbólico que organiza as possibilidades existenciais do grupo. Mas a cultura ocidental, dentre as diferentes formas de simbolização, privilegia a necessidade de *interpretar* a significar. “É preciso transformar, a qualquer preço, o fato em idéia, em descrição, em interpretação”.

Interpretar é, assim, a operação básica da leitura do espaço, atribuindo-lhe nomes, como forma de significações. Desta forma, há a redução do símbolo (obscuro e indeterminante) ao signo (claro e dizível), pela interpretação. É o Império sígnico do sentido.

As interpretações simbólicas afetam as relações entre o homem e o Espaço-Lugar, na medida em que o meio físico tem a capacidade de afetar o comportamento humano. Ao analisarmos a questão do simbolismo, não podemos deixar de lado as afetações simbólicas que, na cultura, operam a transposição de Espaços em Lugares.

As idéias de territorialização, impregnadas dos valores simbólicos definidos/interpretados, aparecem como instrumento

conceitual que permite interligar os elementos espacial e temporalmente, na busca de uma identidade. De fato “A territorialização é uma força de apropriação exclusiva do espaço, resultante de um ordenamento simbólico”, segundo SODRÉ (apud PEREIRA, Op. Cit., p. 26).

O símbolo interpretado evoca lealdades a noções concebidas, fundamentais para as nossas naturezas. Assim, o simbolismo social, desempenhado em um suporte espacial, tem um duplo significado. O primeiro seria o direcionamento de indivíduos para atividades específicas e o segundo, teoricamente, seriam as razões pelas quais os símbolos adquirem o poder de organizar a multidão heterogênea numa comunidade, como verificamos no Largo da Carioca.

2.2.1.2. SIGNIFICADO

INTERPRETAÇÃO EXPERIENCIAL NO ESPAÇO

A cidade como um texto que comporta diversos signos, interpretada de acordo com as mais variadas visadas que um indivíduo pode ter, é o princípio de formulação do significado. O signo, como elemento mínimo na formação sintática do texto (a letra, por exemplo) é, por analogia, a estrutura móvel ou fixa que, quando unificada, forma o conjunto total que serve ao espaço (homens, edifícios, ruas, calçadas, praças). Estes elementos reunidos num espaço definido formam o símbolo (como numa palavra) e adquirem significados variados, que são remetidos de acordo com cada leitura proporcionada pelo espaço-tempo e pela fonte que analisa, pois depende diretamente de um ato de experiência. Por isso a palavra leitura é intrínseca à formação de um significado e o referencial tempo é essencial em sua classificação, pois dinamiza uma outra categoria, a da memória, que será analisada em seqüência.

Pereunt et imputantur

[As horas morrem e são contadas]

Esta inscrição em velhos relógios de sol mostra duas coisas: *pereunt* refere-se ao mundo na apresentação imediata, transitório e à espera de um significado. Esta relação é a da percepção direta, vivida no momento em que integramos o espaço (público, neste caso). *Imputantur* é o mundo revelado, onde cada evento afeta os outros futuros, com sua própria individualidade. Esta relação denota o momento em que se constrói, efetivamente, o significado; tudo o que experienciamos é avaliado e interpretado, construindo a forma como lidamos com nossas ações imediatas.

LYNCH (1985, P. 137) faz uma proposta geral com relação aos significados de um ambiente: “*um local bom* [grifo nosso] *é aquele que, de algum modo adequado à pessoa e a sua cultura, consegue tornar essa pessoa consciente da sua comunidade, do seu passado, da teia da vida e do universo do tempo e do espaço em que estes se integram*”. Os significados tornam-se, assim, símbolos específicos de cada cultura e também se assentam em experiências da vida comum de um lugar.

Parece-nos essencial compreender os significados comuns de um grupo, num determinado lugar, para analisar o impacto de um local sobre sua população. A importância simbólica pode ser intuída, mas sua raiz é indefinível. Não procuramos uma correspondência unívoca absoluta entre forma e sociedade, pois existem diversos aspectos positivos nos enigmas urbanos, nas ambigüidades e nos mistérios. No entanto, uma das qualificações para o *bom sentido* de um espaço (Ibid., 1985) é que um aglomerado populacional permita uma revelação do seu significado (urbano) através do qual o habitante possa transformar o mundo em algo conhecido, coletivamente e individualmente definido e representado. “*Uma cidade que*

convvida à ordem é certamente melhor do que uma cidade ordenada”
(Op. Cit., p. 139).

O significado, como sendo o conteúdo que interpreta e explica uma relação causal com o espaço torna-se, assim, o veículo para delimitação dos valores e atributos sensíveis, atribuídos por seus usuários no Largo da Carioca.

2.2.1.3. MEMÓRIA

LEITURA DO ESPAÇO EVOLUTIVO

O homem participa, relaciona-se e se expressa com o ambiente externo de acordo com os usos, atividades e experiências adquiridas numa trajetória sincrônica de tempo. Esta relação contínua e inspiradora ao ser humano é realizada através dos processos de memória, ou seja, de uma relação de interação com o mundo através das retenções de imagens, linguagens e dados recebidos anteriormente.

A trajetória de estruturação e apreensão dos ambientes, de acordo com a experiência de vida adquirida por cada indivíduo, transforma Espaços em Lugares, paisagens em territórios e estabelece campos de domínio visual e afetivo diferentes para cada uma destas entidades. Este é o fator individual da memória, que coloca o homem frente a um objeto sensível de maneira subjetiva, interpolando os diversos intervalos de acontecimentos e mudanças no tempo e espaço vividos, num só instante cognitivo.

O caráter coletivo da memória, pelo contrário, trabalha com valores pressupostos por uma parcela da sociedade. Sabe-se que um lugar determinado – ou um momento específico na história – agrupa certos valores incutidos pela forma como algum evento proeminente se deu, ou como uma verdade comum alcançou o

status de mito. Desta maneira, relembramos certos lugares públicos em Paris⁹⁴ que adquiriram o estigma da opressão e do período turbulento da Revolução Francesa, por causa das decapitações ocorridas, ou da Praça Vermelha na extinta União Soviética – palco das maiores manifestações e massacres populares – e mesmo, por outro lado, de locais públicos mais remotos ou provincianos que, mesmo sem um acontecimento desta dimensão, possuem para seus habitantes uma ‘aura’ de estabilidade e encantamento adquiridos por uma imagem presa à memória.

Este aspecto coletivo, que como afirma Michael POLLAK (1989) é feito de várias individualidades, é o foco que queremos dar neste trabalho; tempo e espaço, como elementos contingentes da percepção historicamente enraizada, estão sempre ligados entre si de maneiras complexas e a intensidade dos discursos de memória – que caracteriza grande parte da cultura contemporânea – é prova deste argumento.

A emergência da memória⁹⁵ como preocupação política e cultural, em especial nas sociedades ocidentais, é um dos fenômenos mais surpreendentes dos anos recentes. Essa volta ao passado, que contrasta com o privilégio dado ao futuro nas primeiras décadas do século XX⁹⁶, retorna como mote a partir dos anos 80, como um deslocamento na experiência e na sensibilidade contemporâneas, “*que precisam ser explicadas histórica e fenomenologicamente*” (HUYSEN, 2002, p. 9).

⁹⁴ Descritos por Denise JODELET. *A Cidade e a Memória*. Transcrito e traduzido por Walkirya Coppola e Cristiane Duarte, In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane e RHEINGANTZ, Paulo. **Projeto do Lugar**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.

⁹⁵ Desde a década de 70, nos EUA, Europa e alguns países latinos, podemos observar a restauração historicizante dos velhos centros urbanos, cidades-museus, o *boom* do retrô, a obsessiva exploração da nostalgia pela mídia, enfim, a criação de uma ‘indústria da memória’ segundo Theodor ADORNO (que critica a comercialização em massa dos produtos culturais) e muitos outros exemplos não listados aqui.

⁹⁶ Ver HUYSEN, Andréas. *Passados Presentes: Mídia, Política, Amnésia*. In: _____. **Seduzidos pela Memória: Arquitetura, Monumentos, Mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000 [cap. 1].

As mudanças na cidade são verificadas nas transformações dos espaços e dos costumes, apreendidas por um olhar que procura por uma identidade frente a estas modificações, e que possivelmente podem causar estranhamento e insegurança, por uma perda de marcos referenciais.⁹⁷

É fato que o homem precisa de uma ancoragem temporal, principalmente quando nos referimos à época atual, despertada pela revolução da informação. Assim, a relação entre passado, presente e futuro, na base de análise *tempo-espaço*, é o princípio que procuramos estabelecer para reconhecer o potencial da memória na compreensão do Largo da Carioca.

2.2.1.4. ANCRAGE

RELAÇÕES DE IDENTIDADE, ENRAIZAMENTO E APROPRIAÇÃO

O termo *ancrage*⁹⁸, por definição silogística, engloba um processo muito rico de relações de troca e mutabilidade do espaço exterior com o indivíduo. O termo significa – por tradução – uma relação de enraizamento ou, literalmente, *ancoragem* – e por representar um processo – é feito de várias etapas. Esta relação com ‘ancoragem’ é bem ilustrada no exemplo de um navio que utiliza a âncora para se fixar em diversos portos, mas tendo concluído sua função essencial em cada lugar, retorna a âncora ao seu posto e reinicia um ciclo.

Neste processo de utilização da base espacial, outros subseqüentes podem vir a formar-se, dependendo da relação estabelecida entre o sujeito-usuário de cada espaço e deste último, propriamente.

⁹⁷ HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

⁹⁸Ver MOLES, Abraham et ROHMER, Elisabeth. *Les modes d’Appropriation de l’Espace*. In: _____. **Psychologie de l’Espace**. 2^o édition, Paris: Ed. Casterman, 1978.

A delimitação de um ambiente reconhecível, legível e estruturado, de acordo com as experiências de uso e participação cotidiana do usuário, condiciona a sua possível apropriação. Este fenômeno, representado pela ocupação de um determinado espaço através de elementos marcadores, materiais e balizadores⁹⁹, indica uma relação de troca com o meio externo, de forma a salientar uma existência causal do indivíduo para com o espaço e para com as suas necessidades de representação. Esta relação, no entanto, não indica a formação de uma possível identidade do indivíduo para com o seu meio.

Como Identidade, relacionamos o conjunto de fatores que influenciam a relação do homem com o ambiente e que possibilitam a construção de um espaço amparado psicologicamente e afetivamente, delimitando também um Lugar. Vemos nisto a junção de coisas concretas que possuem sua substância material, sua forma, sua textura e sua cor. Esta junção de coisas define um caráter de ambiência, que é a essência do Lugar e a construção da identidade entre os dois eixos (homem/ambiente), relaciona-se a um caráter¹⁰⁰ e a uma relação cotidiana, que traz uma experiência concreta.

O lugar representa esta parte da verdade [dimensão existencial] que pertence à arquitetura: é a manifestação concreta do 'habitar' próprio do homem, e a identidade do homem depende do pertencimento a este lugar [grifo nosso] (NORBERG-SCHULTZ, 1976, p. 6).

Com o autor (Op. Cit.), ratificamos o valor de *pertencimento* como um *habitar poético*, consolidando uma esfera inerente a qualquer ser-humano no processo de apropriação dos espaços (urbanos).

⁹⁹ Ver FISCHER, G.N. **Psicologia Social do Ambiente**. Instituto Piaget - Sociedade Industrial Gráfica Ltda., Lisboa: 1994.

¹⁰⁰ Toda presença real é ligada, intimamente, a um caráter. Todo lugar tem um caráter. “O caráter de um lugar tem também uma função temporal; muda com as estações do ano, as cores do dia, a situação meteorológica e de iluminação” (NORBERG-SCHULTZ, 1976, p. 14).

2.2.1.5. INSTANTANEIDADE

PRINCÍPIOS DE EXPERIMENTAÇÃO DO TEMPO-ESPAÇO

A evolução das culturas acompanha uma evolução tecnológica, informacional e espacial. Os elementos compositores desta relação estão presentes, em grande maioria, nas relações de tempo e espaço, representadas nos objetos construídos materialmente por uma sociedade (e subjetivamente, como, por exemplo, os significados e valores).

A arquitetura sempre esteve investida na formação destes elementos, através de sua marca (perene ou efêmera) que é a construção do espaço. Este, representado neste estudo pelo espaço livre público, é a base de convivência das experiências múltiplas de diversos indivíduos que, ao mesmo tempo, experimentam as modificações e evoluções através do suporte espacial.

Nesta relação estritamente contemporânea, com o avanço da cultura digital, uma inevitável intersubjetividade do ser, a representação estilística da arquitetura em leituras pós-estruturalistas (principalmente na Europa, Japão e Estados Unidos) – que bem representam as fragmentações na estrutura das cidades – a velocidade da informação e dos transportes (aliados à globalização do homem moderno), temos um panorama definido pelo princípio de *instantaneidade*.¹⁰¹

Este princípio remete-nos a uma dinâmica intensa e efêmera dos acontecimentos, como se um sobrepujasse o outro no momento seguinte.

Quando mencionamos “homem moderno” falamos da questão relacionada às décadas de 50 e 60, quando o aumento da

¹⁰¹ Como exposto anteriormente, princípio estruturado por Richard SCOFFIER, Filósofo e Professor de Teoria do Espaço na Faculdade de Filosofia da Sorbonne, e exposto em palestra no XVII Congresso Brasileiro de Arquitetos – Rio de Janeiro/2003.

automação, da industrialização, da produção em série e da divulgação em massa das teorias modernistas passou a influenciar, drasticamente, a posição do homem dentro do espaço. Com relação a isto compreendemos que a função do *caráter*, que consiste numa correspondência entre o mundo exterior e interior (e entre corpo e *psique*), quando participa de um esquema que gera a identidade do homem no meio, é - em grande parte - função dos lugares e coisas, advindos de um princípio de percepção sensível do espaço contemporâneo.

O que chamamos de percepção sensível é o que se entende por "imediatez presentacional" (WHITEHEAD, 1987). Esta é "(...) a nossa percepção imediata do mundo externo contemporâneo, que aparece como um elemento constitutivo da nossa própria experiência. Nesta aparência [revelada através de qualidades como cores, sons, sabores, cheiros] o mundo desvela-se como uma comunidade de coisas atuais, que nós também somos" (Op. Cit., 1987, p. 27).

Os dados sensíveis como cores, cheiros, sons e sentimentos corporais, além de fragmentos da cidade contemporânea como o excesso de informação, confusão de linguagens, símbolos e o aparato eletrônico, introduzem as entidades físicas extensas na nossa experiência sob perspectivas fornecidas por um esquema espacial (que remonta a própria estrutura de cidade) e são encontrados, fartamente, no espaço atual do Largo da Carioca.

3. UM OLHAR SOBRE O LARGO DA CARIOCA: METODOLOGIA

3.1. UMA IMAGEM SEM CONTORNOS DEFINIDOS

*Rio das quatro lagoas,
De quatro túneis irmãos
Rio em ã
Maracanã
Sacopenapã
Rio em oca
Carioca
Rio em ol em amba em umbã
Sobretudo em inho
De amorzinho
Benzinho
Dá-se um jeitinho...*

Carlos Drummond de Andrade

O *largo*, como um dos elementos morfológicos que representa a essência cultural do Rio de Janeiro, prolifera como espaço de convívio coletivo desde sua implantação no Brasil, e principalmente no Rio de Janeiro. “*Devido talvez à forte demanda de aeração e a sua condição de capital da Corte, o Rio de Janeiro [passa a apresentar] um grande número de largos ao longo de sua história, principalmente na área do Centro*” (Eloísa SANTOS, 2002, p. 4). Entre o Largo do Machado e a Praça da República, identificamos cerca de 31 deles, mantendo sua designação atual ou recebendo novas, num percurso relativamente pequeno.

Estes dados reforçam o caráter socializador de atividades e funções estritamente relacionadas às necessidades coletivas nos espaços públicos dos largos (coletar água, banhar os cavalos, lavar as roupas da aristocracia) que marcavam, entre outras coisas, o desenvolvimento de uma coletividade ‘plebéia’ que, ainda em condições precárias, tinha nos encontros promovidos pelos atos cotidianos o fator de desenvolvimento das trocas sociais.

Do ponto de vista morfológico, o Largo da Carioca diferencia-se dos demais espaços livres públicos da cidade, por apresentar

uma forma irregular, sem limites específicos e sem uma categoria pré-definida que o caracterize dentro das abordagens acerca dos espaços livres públicos, de acordo com teóricos consagrados da forma urbana (KRIER, 1983; LYNCH, 1997; ALEXANDER, 1980) e conforme focou VIEIRA (2001) em sua Dissertação de Mestrado.

Diante deste fenômeno, ficou clara para nós a existência de outras prerrogativas que justificariam a apropriação contínua deste espaço, mesmo diante de tantas transformações urbanas, e a importância de sua identidade, relacionada a uma dinâmica social constante.

Esta dinâmica, por sua vez, consiste de uma relação intensa entre os elementos sócio-culturais da vida cotidiana e a possibilidade de exploração e experimentação que o espaço promove. Por isso, a delimitação de uma metodologia que nos propiciasse estudar o espaço físico sem ignorar o contingente humano (que dele se utiliza) foi essencial para a completude de nossas pesquisas. Para fins metodológicos e como delimitação de um suporte espacial para as futuras análises, o Largo da Carioca foi por nós considerado dentro do quarteirão delimitado pela Av. Rio Branco, Av. Almirante Barroso, Av. República do Paraguai e R. da Carioca.

No entanto, diversas entrevistas realizadas com usuários e conhecedores da região mostraram ser esta delimitação passível de uma experiência pessoal e de uma determinada apreensão do ambiente, conforme demonstraremos na análise dos resultados (Cap. 4) com o mapeamento deste índice, através de 'manchas sobrepostas' em um mapa da região, contendo as variações dos limites do Largo da Carioca para cada usuário entrevistado.

3.1.1. O OUTRO, O EU, O COLETIVO

As Cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.

- Eu não tenho desejos nem medos - declarou Khan

- e meus sonhos são compostos pela mente ou pelo acaso.

- As Cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso (...) De uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.

- Ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder, como Tebas na boca da Esfinge.

(Ítalo Calvino, In: *As Cidades Invisíveis*, pp. 43-44).

A cidade nos fornece simultaneamente imagens dispersas e contraditórias do espaço: “Na civilização da imagem, as faces da cidade são estilhaços de linguagens que acendem e apagam como néon. Chuvas de imagens multiplicam e diversificam sua aparência como espetáculos”.¹⁰² Neste jogo de imagens, a produção final é o sentido que obtemos ao unirmos os micro pontos desta teia bem tecida.

O ambiente urbano, formalizado pela identificação de um signo comum (seja este o fator comercial, o fator social, o fator espacial ou a produtividade capitalista) desnuda-se nos impactos produzidos pelas relações, que não são *auto-evidentes*,¹⁰³ mas que deixam sinais impressos no cotidiano dos lugares, nos hábitos, nas crenças e ações de uma coletividade.

Da mesma forma, a apreensão de um espaço da cidade, como objeto multifuncional e fragmentado – constantemente abordado por nós – nunca é única para um mesmo indivíduo. Com base nisto, acreditamos que a metodologia selecionada,

¹⁰² ALMANDRADE. **Cultura e Comportamento**. Disponível em: <<http://www.umacoisaoutra.com.br/cultura/cidade.htm>> Acesso em 19/04/03.

¹⁰³ Termo utilizado por FERRARA, Lucrecia D’Alessio. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: EDUSP, Fapesp, 2000, pp. 63.

baseada num viés antropológico-etnográfico, permite-nos abraçar estas três esferas usuárias do espaço público e que se representam na distinção *pessoal*, na necessidade de integração/participação do *Outro* e na formulação, conseqüente, de um ambiente e de uma experiência *coletiva*.

3.1.2. O FRAGMENTO: *ETHOLOGIA* DOS ESPAÇOS PÚBLICOS¹⁰⁴

A abordagem *Ethológica*, que podemos representar neste caso específico de estudo por *etnológica*, é aplicada aos estudos relacionados à espécie humana. “A *ethologia humana* é uma disciplina transversal; ela corresponde ao grupo das diferentes ciências humanas que utiliza uma abordagem naturalista”¹⁰⁵ (THIBAUD, 2001, p. 14). O porquê de termos selecionado esta abordagem é baseado na validade do conceito de *ethos*, para este trabalho: os aspectos morais (e estéticos) de uma cultura, os elementos valorativos e representativos são designados por este termo, enquanto os aspectos cognitivos e existenciais são designados pelo termo *visão de mundo*.¹⁰⁶

Dentro do foco da posição do homem dentro de sua cultura, sua forma de entender e compreender os fenômenos que o cercam, os aspectos cognitivos e experienciais compartilhados por um grupo da população, e mediante uma representação coletiva da memória e das formas de se relacionar com o espaço, entendemos que a abordagem etnológica, dentro dos estudos urbanos, é a que melhor representa nossas expectativas de resultados.

¹⁰⁴ Numa alusão direta aos estudos de Jacques COSNIER sobre *L'Éthologie des Espaces Publics*, In: THIBAUD, Jean-Paul et GROSJEAN, Michèle (dir.). *L'Espace Urbain en Méthodes*. Collection Eupalinos, Marseille: Éditions Parenthèses, 2001, pp. 14-28.

¹⁰⁵ Tradução livre das autoras.

¹⁰⁶ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989, pp. 142.

Por isso, o trabalho de COSNIER (2001) tornou-se tão importante como embasamento, visto que os métodos de aplicação de abordagens etnológicas, nos estudos realizados na *Rue de La République à Lyon*, mostraram-se profícuos para nossa intenção de estudo no espaço do Largo da Carioca. Baseado em um ciclo de investigações que inclui prévia observação do território, registros de *éthogrammes* (registros filmados e fotografados e/ou entrevistas e questionários),¹⁰⁷ transcrição do material e, finalmente, adaptação dos resultados às questões inicialmente postas. Esta observação/descrição naturalista é, portanto, a base essencial da abordagem que trabalha com uma gama de observações *in loco*, mas não exclui, “*de forma alguma, a interpretação e a teoria se o contexto prova uma associação frutífera com os métodos sociológicos habituais (entrevistas e questionários)*”.¹⁰⁸

Para ECKERT,¹⁰⁹ o trabalho de adesão ao espaço, através de uma pesquisa visitadora e participativa, como atores discretos, mas sempre buscando compreender o cenário habitual do lugar, é a base da pesquisa etnográfica:

Fruto de uma adesão irrestrita a uma ambiência urbana, escolha movida por amor ou ódio, pouco importa, a etnografia de rua, por insistência recorrente à poética do andarilho, ao inventariar o mundo na instabilidade do seu movimento, descobre um patrimônio intangível de formas que tecem as interações sociais num lugar. Assim, o ato simples de andar torna-se estratégia para igualmente interagir com elementos da população com os quais cruzamos nas ruas (...) a partir de suas performances cotidianas.

Desta forma, o pesquisador é colocado como um participante no espaço analisado, não explicitamente, e sim discretamente. Seria

¹⁰⁷ Sobre esta mesma abordagem ver ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **Etnografia na Rua e Câmera na Mão**. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/oito/2.htm>> Acesso em 23/04/03.

¹⁰⁸ Tradução livre das autoras. Jacques COSNIER, Op. Cit., 2001, pp. 14.

¹⁰⁹ ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho, Op. Cit.

o que ECKERT (Op. Cit.) denomina o 'observador discreto'. Esta forma de se analisar o espaço promove uma interação que parte do conjunto analisado para o pesquisador, ou seja, a questão ponderada, e não o contrário. É comum que muitas vezes as respostas só venham ao final de todo o processo, depois de se compatibilizar as informações, como ocorreu conosco na análise do Largo da Carioca, mas ao surgirem, trazem todas as outras questões secundárias em 'avalanche'.

Aliado a esta abordagem temos o conjunto de contribuições da *Thèse de Doctorat* da orientadora desta Dissertação, Cristiane DUARTE¹¹⁰, ao referenciar sua metodologia de análise baseada num compromisso com a observação local e as solicitações de pesquisa, provenientes da relação ambiente/usuário:

Para a observação do uso do espaço público nestas ocasiões [o uso das ruas nos fins de semana em Vila Pinheiros - RJ], sentimos a necessidade de adotar uma mudança metodológica, uma vez que registrar a multiplicidade de ações e acontecimentos (muitas vezes interligados) (...) em diversas ruas se mostrou tarefa difícil. Assim, adotou-se o procedimento de filmagem cronometrada e simultânea por três câmeras de vídeo, produzindo filmes que foram revistos e analisados posteriormente.

Com relação à metodologia empregada no Largo da Carioca, elaboramos uma rotina de análise dividida em 4 extratos, baseados nos estudos propostos por COSNIER (2001) e DUARTE (1993) e definidos segundo uma ampliação do leque de investigações. Cada extrato é nomeado de acordo com suas atribuições:

¹¹⁰ DUARTE, Cristiane Rose. **Intervention Publique et Dynamique Sociale dans la Production d'un Nouvel Espace de Pauvreté Urbaine; Vila Pinheiros, à Rio de Janeiro.** Thèse de Doctorat de l'Université de Paris- I Sorbonne, 1993, pp. 248.

1. Período de Impregnação

Segundo COSNIER (Op. Cit.) quanto maior o período de impregnação for, mais fiéis serão as conclusões. Primeiramente, não são feitas quantificações, nem estudos aprofundados sobre o objeto de pesquisa; com o auxílio de um caderno de campo, ou algum outro elemento de anotação, registram-se os dados que chamam atenção na dinâmica dos lugares, incluindo detalhes observados (por menores que sejam) e horários de observação. No período de impregnação despendido no Largo da Carioca, que se estendeu pragmaticamente de maio/2002 a junho/2002, e efetivamente de fevereiro/2003 a dezembro/2003, com as anotações em caderno, pudemos perceber imagens, movimentos, nuances, formas de se lidar com o cotidiano e com a dinâmica do espaço que foram complementadas e ratificadas, mais tarde, através de pesquisas bibliográficas e entrevistas direcionadas.

1. Estudo Descritivo do Território

O tempo prévio de inserção no ambiente é complementado com uma atitude eco-descritiva do território: mapeamento das atividades, morfologia, estudo dos signos, cores, manchas e fatores de permeabilidade do espaço, que é parte do estudo descritivo. Neste extrato de análise, os estudos morfológicos do ambiente, as análises funcionais e formais, juntamente com o mapeamento das concentrações e dicotomias, fizeram parte das anotações no 'caderno de campo' que avaliou qualitativamente o Largo da Carioca.

2. Estudo Macroscópico dos Fluxos

O estudo qualitativo da composição e dos comportamentos observados é parte importante da pesquisa: quais são os locais de permanência, de trânsito, de apropriação, quais lugares são mais quistos, mais usados, qual elemento visual ou monumento

se sobressai para o usuário. Esta etapa utiliza os recursos da fotografia, da gravação estereofônica e do vídeo, assim como de anotações e observações.

No Largo da Carioca este extrato foi um dos mais manipulados, uma vez os elementos de análise, desde as anotações em caderno de campo até as fotos e filmagens, todos compuseram um panorama único no estudo macroscópico do ambiente. Em especial, esta etapa foi muito auxiliada pela pesquisa às fontes históricas textuais e iconográficas, e à filmagem (tanto ao nível do piso quanto da cobertura do Ed. Avenida Central) e fotografia, baseando-nos no princípio do *cinetógrafo* (a câmera) em composição com o *cinetoscópio* (o observador), numa alusão a esta possibilidade de exploração, baseada no olho do observador que interpreta o espaço através de um enquadramento focal.

3. Estudo Microscópico do Espaço

Para este extrato, o pesquisador utiliza as técnicas psicossociológicas que mais se adaptam ao seu objetivo – desde entrevistas, questionários, grupos de discussão – mas só fecha completamente este ciclo através do registro pessoal de suas impressões sobre o material coletado, pois o período de ‘impregnação’, e suas conseqüentes respostas, não podem ser abandonados. Para manter um mínimo de objetividade, é possível que o pesquisador refaça várias vezes sua experiência ou mesmo solicite a um grupo de informantes um programa delimitado de respostas a questões diretas.

Para a análise no Largo da Carioca, dividimos este último extrato em três tipos de abordagem direta que se baseiam em: [1] aplicação de questionários para uma delimitação dos aspectos sócio-espaciais e dos dados mais específicos ao tema da pesquisa. Esta etapa não passou por nenhuma categoria de

seleção de informantes, ao contrário, privilegiamos o maior número de informantes interessados em responder aos questionários (totalizando 50 informantes), variando de 18 a 75 anos, realizado entre maio/2002 e fevereiro/2003. Juntamente com este 'questionário de sondagem', uma etapa paralela seguiu-se com a coleta de mapas cognitivos (30, no total) e entrevistas a informantes idosos (em torno da faixa dos 70 anos) de modo a obter relatos para aprofundamento do histórico da área; [2] aplicação de entrevistas 'primárias', realizadas com o foco de delimitação de questões como *significado, simbolismo, memória, ancrage e instantaneidade*. Nesta etapa, realizada entre julho/2003 e setembro/2003, totalizamos o número de 25 entrevistados, dos quais um grupo foi selecionado para a fase *secundária*; [3] aplicação de entrevistas 'secundárias' baseadas no princípio da fotografia, desta vez denominando a ferramenta '*Cinetógrafo e Cinetoscópio*', de modo a coletar os fragmentos de imagens dos usuários do Largo da Carioca, selecionados segundo critérios de 'garimpagem' na fase primária das entrevistas, seus espaços 'louvados' (*apud* BACHELARD, s.d.) no cenário do Largo da Carioca, o reconhecimento de cenários antigos no espaço e seus trajetos dominantes. Esta etapa foi realizada entre novembro/2003 e dezembro/2003, totalizando o número de 10 entrevistados, qualitativamente escolhidos, como forma de gerir um aprofundamento nas respostas obtidas com as entrevistas anteriores.

Em todo este processo, o respeito ao indivíduo foi questão primordial para nós, desde a solicitação para utilização de vídeo-câmeras, gravadores estereofônicos e mesmo anotações em papel, até a explicitação concisa para o que se destinava o trabalho. E quanto à estrutura dos questionários e entrevistas - anexados a esta Dissertação - um roteiro único inclui a

abordagem dos cinco eixos temáticos (descritos no capítulo de fundamentação) e definidos como categorias de análise, conforme descreveremos a seguir.

3.1.3. CAMINHOS METODOLÓGICOS PELO LARGO DA CARIOCA

Num estudo inicial, realizado em maio/2002,¹¹¹ questionários aplicados diretamente a transeuntes do Largo, seguidos da solicitação de mapas mentais,¹¹² forneceram subsídios para constatar as mais diversas formas de se enxergar o espaço público construído e vazio, cada uma delas variando pelos elementos significativos escolhidos por seus observadores, desde elementos materiais (edifícios, monumentos) a imateriais (memória, agradabilidade, história, saudosismo). Cada um dos mapas era retratado de forma especial, como a própria angulação de uma câmera fotográfica. Quando a relação era muito intensa (no caso dos entrevistados mais idosos, ao lembrarem-se do antigo ‘Tabuleiro da Baiana’) os mapas não conseguiam assumir uma forma compreensível por si só. Constatamos com isso a necessidade de um “*um encontro com o indivíduo*” como base de aplicação metodológica.

Nosso foco voltou-se, como explicitado anteriormente, para a necessidade de se encontrar um grupo de conceitos que abarcasse, fielmente, nossos objetivos de pesquisa. Estes conceitos, apresentados no capítulo 2 deste trabalho, tornaram-se essenciais na contemplação da metodologia selecionada – baseada na *ethologia* dos espaços públicos – como veículos de respostas e tessituras de análises.

¹¹¹ PINHEIRO, Ethel. **Forma Arquitetônica x Apropriação: Estudo de caso no Centro do RJ**. Monografia apresentada à disciplina de *Arquitetura da Paisagem*/PROARQ/2002.

¹¹² Segundo Kevin LYNCH, In: **Imagem da Cidade**. Rio de Janeiro: Ed. Martins Fontes, 1997.

Portanto, esta etapa do trabalho visa delimitar as categorias de análise, aplicadas ao recorte espacial definido para estudo dissertativo (o Largo da Carioca no Rio de Janeiro), com vistas à completude deste capítulo de “Materiais e Métodos”.

As categorias definidas para a formulação de questionários, entrevistas, embasamento das análises espaciais, fotografias, vídeos etnográficos, e todo o conjunto de abordagem do espaço físico e social do Largo da Carioca, foram as seguintes:

1. Estruturas simbólicas do espaço: *SIMBOLISMO*
2. Interpretação experiencial no espaço: *SIGNIFICADO*
3. Leitura do espaço evolutivo: *MEMÓRIA*
4. Relações de identidade e enraizamento: *ANCRAGE*
5. Experimentação do tempo/espaço: *INSTANTANEIDADE*

1. SIMBOLISMO

Para aprofundamento desta categoria, baseamos nossas pesquisas sobre a análise dos elementos definidores do espaço através de duas etapas: [1] mapas cognitivos diretamente aplicados e questionários de aplicação direta (no total, 50 questionários) realizados com alguns usuários do Largo da Carioca e adjacências, escolhidos aleatoriamente; [2] entrevistas diretas (no total, 25 entrevistas) denominadas ‘primárias’, trazendo um contato mais intenso entre pesquisador e informante, de modo a extrair respostas mais abrangentes de usuários selecionados por faixas etárias alternadas e profissões variadas (contemplando uma gama de ‘atores sociais’ envolvidos neste espaço *múltiplo* do Largo da Carioca). Uma última etapa intitulada ‘entrevistas secundárias’ inclui uma abordagem ainda mais íntima das categorias de análise apresentadas neste capítulo. Os usuários entrevistados nesta etapa (10, no total) foram extraídos da segunda etapa (‘entrevistas primárias’) através de contato já estabelecido com aqueles que nos

forneceram respostas mais completas e pertinentes ao grupo de análises e discussões deste trabalho. Nesta última etapa, a ferramenta baseada na apresentação de fotografias antigas do Largo da Carioca, de modo a confrontar os relatos dos informantes com as imagens do espaço numa evolução temporal, será a parte concernente a esta categoria de análise, juntamente com a categoria relativa à *Memória*. Esta ferramenta foi denominada por nós '*Armário do Tempo*'.

2. SIGNIFICADO

A partir deste domínio da categoria *Significado*, e tendo com base o papel fundamental de estruturação de uma imagem no espaço e de uma conseqüente relação afetiva, a estruturação desta categoria é feita a partir da [1] interpretação dos mapas cognitivos e de 'questionários de sondagem' aplicados diretamente com os usuários (totalizando 50 questionários), visando a delimitação deste conceito, juntamente ao *Simbolismo* (os mesmos questionários aplicados na categoria anterior).

A segunda etapa [2] aborda as mesmas entrevistas diretas (no total, 25) aplicadas na categoria anterior, e utilizadas para as cinco categorias de análise. Posteriormente, com as 'entrevistas secundárias', esta etapa aborda uma das técnicas de metodologia etnográfica¹¹³ que, além da observação participante, inclui o uso de câmeras fotográficas distribuídas aos informantes, como forma de compilar as imagens mais significativas e nominativas do espaço livre do Largo da Carioca (esta etapa é a mesma da etapa 3 da categoria *Simbolismo*, uma vez que várias categorias são abordadas ao mesmo tempo num conjunto de entrevistas). Esta prática metodológica, explicada anteriormente, é intitulada '*Cinetógrafo e Cinetoscópio*'.

¹¹³ Cf. SPRADLEY, James P. **Participant Observation**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1980 e THIBAUD, Jean-Paul et GROSJEAN, Michèle (dir). Op. Cit., 2001.

3. MEMÓRIA

A categoria de análise definida como “leitura do espaço evolutivo”, dentro da extensão compreendida pelo Largo da Carioca, visa delimitar o papel das imagens da memória, impregnadas no coletivo, como hipótese para se definir o grau de identidade, segurança¹¹⁴ e legibilidade¹¹⁵ de um espaço. A partir desta categoria, buscamos verificar se o papel da memória, como estruturadora de uma posição frente ao espaço, potencializa ou estabiliza a noção de pertencimento e maior integração a esta área marcada por várias transformações espaciais ao longo dos tempos.

Para esta categoria, utilizamos [1] numa primeira etapa as ‘entrevistas primárias’ (aplicadas nas outras categorias) totalizando 25 entrevistas, e classificando – comparativamente – as respostas de grupos mais jovens e mais idosos, de modo a delimitar o papel do reconhecimento dos aspectos passados nas construções e remodelações do Largo e a forma como este espaço é encarado, hoje, por seus usuários. Da mesma forma, uma segunda etapa [2] baseada nas ‘entrevistas secundárias’ serve como base para o reconhecimento de um fenômeno construído dentro de um grupo social, ou seja, a *memória coletiva*, através da ferramenta denominada ‘*Armário do Tempo*’.

4. ANCRAGE

Nesta categoria trabalhamos [1] com as ‘entrevistas primárias’ aplicadas anteriormente, de modo a relacionar os aspectos de familiaridade, pertencimento, afetividade e apropriação, desenvolvidos por este grupo de usuários. Na última etapa desta

¹¹⁴ Quanto à segurança, queremos representar o conceito de estabilidade e familiaridade que é conseguido dentro de um espaço compreendido e entendido, ou seja, em que o indivíduo se sente parte e fora das vicissitudes da violência moderna.

¹¹⁵ Segundo o conceito definido por LYNCH, Kevin. Op. Cit., 1997.

categoria, representada por um processo de reconhecimento e relação direta com o espaço do Largo da Carioca, [2] utilizamos instrumentos de mapeamento dos trajetos dos usuários. Através do registro das rotas desenvolvidas por um grupo determinado de usuários (10, no total), definido de acordo com uma seleção qualitativa nas ‘entrevistas primárias’, buscamos explicitar as formas de utilização do espaço de acordo com seu caráter (passagem ou base apropriativa, respectivamente relacionando Não-lugar e Lugar) como forma de estabelecer o grupo de usuários que se serve do espaço livre do Largo como base para experiências cotidianas e o grupo, ora denominado *satélite*, que o utiliza como suporte de transição de um lugar para o outro. A partir desta abordagem colocamos em questão, também, o fator intrínseco ao Largo da Carioca que é a *dinâmica social*, já bem esclarecida em relatos preliminares de usuários, mas que por questões de delimitação de categoria, será analisada separadamente, na última categoria de análise, exposta a seguir.

5. INSTANTANEIDADE

Para a análise desta categoria, que tem como propósito configurar a imagem atual do espaço do Largo da Carioca a partir das relações de usos e experiências cotidianas, utilizamos duas etapas de pesquisa: [1] ‘entrevistas primárias’ (no total, 25) relacionando perguntas às atividades rotineiras experienciadas pelos usuários no espaço atual; [2] mapeamento dos trajetos destes usuários, do local de trabalho/residência onde saem (ou outro ponto, próximo ao Centro do Rio) até a passagem pelo Largo da Carioca (a mesma ferramenta empregada em *Ancrage*, intitulada ‘*Percursos*’) e a solicitação do registro de fotografias, tiradas com a presença do pesquisador, de modo a contemplar a ferramenta ‘*Cinetógrafo e Cinetoscópio*’.

4. REVIRANDO OS CONTORNOS INDEFINIDOS: ANÁLISES

4.1. OS DIVERSOS ÂNGULOS DO LARGO DA CARIOCA

A relação do sujeito individual ou coletivo com seu espaço de vida passa por construções de sentido e de significado, que se baseiam não somente na experiência direta e na prática funcional ou subversiva que se desdobra (...)

Mas, também, no valor simbólico conferido ao ambiente construído.¹¹⁶

Como espaço múltiplo e heterogêneo, como bem definido nos capítulos anteriores, o Largo da Carioca desdobra-se em inúmeras visadas e diversos focos para cada experienciador do espaço. BACON (1976, p. 20) chama de *participantes* esta categoria de pessoas cujos sentidos interagem nas mensagens transmitidas pelo ambiente; para o autor, a interação entre pessoas e ambiente passa por um contínuo e ininterrupto curso de impressões que “*assaltam os sentidos através do movimento*” (Ibid., p. 20-21) e que se concretizam pelo ‘andar’:

Formas arquitetônicas, características, materiais, modulação de luz e sombras, cor, tudo se combina para injetar uma qualidade ou um espírito que articula o espaço (...) e isto significa que somente através do andar ininterrupto o projetista e o participante podem absorver individualmente a escala da cidade dos espaços urbanos.¹¹⁷

Quando nos referimos a ‘diversos ângulos’ no Largo da Carioca, falamos de diversas considerações: do ponto em que se observa o espaço (do térreo, dos arranha-céus, das coberturas, do Convento); do momento que se experiencia (dia, noite, final de semana); da ambiência do espaço (variações de cor, luz, fenômenos ambientais); do tipo de usuário que o valoriza (ambulantes, artistas, empresários, estudantes); do tempo que se

¹¹⁶ JODELET, Denise. **A cidade e a Memória**. In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. Projeto do Lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa/PROARQ, 2002.

¹¹⁷ “*Architectural forms, features, materials, modulation of light and shade color, all combine to inject a quality or spirit that articulates space (...) and that means that only through endless walking can the designer and participant absorb into his being the town scale of urban spaces*” (Trad. livre das autoras).

permanece no Largo (permanência e passagem); e da incursão nas atividades desenvolvidas (teatro de rua, ilusionismo, manifestações políticas, shows, feira de livros, comércio).

Todos estes elementos, compositores das ‘variadas angulações’, revelam uma situação muito particular relativa aos valores e significados desenvolvidos no LC: além das características de aglomeração, sociabilidade, coletividade e inúmeras considerações trazidas de um *alargamento* do espaço público português (de onde também derivou o termo *largo*)¹¹⁸ a evocação da denominação traz uma conotação lúdica, de inúmeras possibilidades de entendimento, tanto como um adjetivo que exalta as características de extensão, amplitude e espaço generoso, quanto de um substantivo que encerra a característica de um espaço conformado e – curiosamente – definido como ‘*avistando-se do alto*’:

LARGO, (adj. l. largo) 1. **extenso de lado a lado**; 2. *amplo, espaçoso, grande*; 3. *desenvolvido*; 4. *longo*; (s.m.) 1. *pequena praça*; 2. **o que se avista do alto**; 3. (mus.) **trecho musical de movimento amplo e vagaroso**; adv. 1. *com andamento lento* [grifo nosso].¹¹⁹

A característica relacionada ao ‘*avistar-se do alto*’ tornou-se um ‘braço direito’ para nós, pois muitos de nossos informantes (na fase de entrevistas primárias, como veremos adiante) surpreenderam-se com a fotografia aérea do Largo da Carioca, muitas vezes custando a admitir que aquele espaço visualmente ‘dominado’ e vegetado era aquela mesma passagem rotineira legada ao piso, ao concreto e às atividades de movimentação:

[da vista aérea do Largo da Carioca para nosso informante] ‘Isso aqui é Largo da Carioca?’ - Não! Isso não é Largo da Carioca! Meu Deus, eu acho que nunca tinha visto isso... Para mim Largo da Carioca é

¹¹⁸ Dado comentado e arrematado através de discussões com a Profa. Dra. Lucia Costa, em 10/12/03.

¹¹⁹ SILVA, Adalberto Prado e. **Novo Dicionário Brasileiro Melhoramentos**. Vol. III, São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1965.

este 'largão' aqui. Já entrou no metrô, para mim não é mais Largo da Carioca. (I., informante - 07/07/03).

Mais interessante, ainda, foram as associações relacionadas à amplitude do ambiente, refletindo a noção de espaço amplo e avistável de cima, como se os próprios informantes pudessem vê-lo através de uma perspectiva 'vão de pássaro'. De fato, pudemos verificar (como freqüentadores e como pesquisadores) que mesmo experienciando o Largo da Carioca apenas ao nível do piso, os usuários encontram nos elementos verticais projetantes (arranha-céus e morro) a referência necessária para se interpretar o volume livre do espaço e sua grandeza física.

A outra definição de 'largo' que gostaríamos de ressaltar traduziria para nós, mais intensamente, o caráter simbólico do local: "*Largo: trecho musical de movimento amplo e vagaroso*". Em música, *largo* tem o significado de um andamento mais lento e pausado e, por analogia, podemos dizer que no urbanismo isto "*definiria uma pausa na expansão e concentração das edificações*".¹²⁰ No entanto, além da analogia urbanística, um olhar mais detido no Largo da Carioca nos proporcionou uma outra abrangência, mencionada anteriormente, e relacionada a quem 'passa' quem 'permanece'. Nestas duas categorias, a passagem transforma o Largo da Carioca num local efêmero; ao contrário, a permanência torna-o um Lugar e, desta forma, compõe sua música pessoal em movimentos *amplos e vagarosos*, como dois de nossos informantes relatam:

Aqui passa muita gente (...) de acordo com os entretenimentos que têm aqui elas param e, às vezes, nem estão com intuito de parar, mas vêm

¹²⁰ SANTOS, Eloísa dos. **O Largo do Machado como Representação das Modernidades na Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Monografia de Curso. Teoria e Projeto da Arquitetura/PROARQ, Rio de Janeiro: junho, 2002, pp. 3.

algo que chame a atenção e então elas param, acabam ficando e acabam achando algo que interesse e necessite. (L., Informante – 08/07/03).

Eu fico meia hora, uma hora, eu vou parando em tudo que é lugar, enquanto tem atração. Eu estava indo entregar um trabalho na Treze de Maio, mas aí... (E., Informante – 08/07/03).

Por isso, ao comentar da função dos diversos olhares, do participar, e o valor destas condicionantes na apreensão, representação e percepção do espaço, tocamos na questão da multiplicidade de leituras, valores e angulações, que nestas análises direcionamos para o papel da dinâmica urbana nesta imensa oficina urbana, que é o Largo da Carioca.

Para as análises propostas neste capítulo, trabalhamos com a abordagem etnográfica descrita no capítulo 3 – sob a forma de quatro ‘extratos’ – como representação de *método* e de *processo*. Como um método (no sentido de técnica de trabalho) ela é centralizada sobre a noção de observação participante, insiste sobre as técnicas de trabalho de campo, as práticas de conversação, o diálogo etnográfico como dispositivo e as técnicas de inquérito em geral; enquanto processo, apoiando-nos nos trabalhos de WOODS (1989) e BOUMARD (1999), para os quais a etnografia ganha seu verdadeiro significado na sua referência aos conceitos do *interacionismo simbólico*,¹²¹ o pesquisador trabalha sobre os contextos, as situações, as perspectivas, as culturas, as estratégias e o cenário cotidiano. Para nós, a idéia de ir a campo vale-se de não fazer dele o elemento da administração da prova, mas o material indispensável para que o discurso sobre outro tenha sentido, e aí está o que fundamenta a postura que abraçamos.

¹²¹ Cf.: WOODS, P. *L’Ethnographie de l’École*. Paris: Armand Colin, 1989 e BOUMARD, Patrick. **O Lugar da Etnografia nas Epistemologias Construtivistas**. Vol. 1, nº 2, Universidade Estadual de Londrina: nov/1999.

4.1.1. PERÍODO DE IMPREGNAÇÃO

Nesta etapa dedicada à observação e participação direta na dinâmica promovida pelo cotidiano dos lugares (DE CERTEAU, 1980) a formação de um *Lugar* estabeleceu-se de forma incisiva para nós, no Largo da Carioca (AUGÉ, 1994; BACHELARD, s.d.; MERLEAU-PONTY, 1991; TUAN, 1983). A participação nos movimentos urbanos, na experimentação direta do espaço, a integração nas ‘rodinhas’ de artistas, a percepção dos usuários ‘em trânsito’ e em permanência, a integração de um ‘espírito do lugar’, tudo contribuiu para um estreitamento na legibilidade do ambiente e nos vínculos de afetividade, que já eram bastante palpáveis através de uma referência memorial com a cidade e o espaço em questão. Este fato, vivido por nós, pesquisadoras, reforçou ainda mais o fator *experiência* na criação de laços e de vínculos espaciais.

Trechos do Diário de Campo, desenvolvido durante toda esta etapa, denotam esta relação intrínseca entre usuário e ambiente, facilitada por um olhar aguçado, que permite perceber minúcias que poderiam passar despercebidas na agitação cotidiana, mas que surgiram como detalhes preciosos para o entendimento do lugar:

A sensação, a 136m do piso, era de domínio sobre a cidade. Ela nunca esteve tão pequena, tão abraçável. Uma leve neblina pairava sobre o Corcovado a minha frente e sobre todas as elevações que, especialmente, abraçam o Rio de Janeiro (...) Era interessante perceber as reações do engenheiro [José Antonio], que a despeito de visitar bastante “aquelas alturas”, tomava proveito de minhas tomadas fotográficas para perceber detalhes que, geralmente, passam despercebidos: a extensão dos jardins do BNDES, o movimento acelerado de pessoas no Largo, uma escada de incêndio localizada no prédio do BNH e a beleza do pátio interno que fica sempre escondido no convento (...) [No piso do LC] tudo “se passa” e se permite acontecer: acarajés, gente, som, movimento, cores, roupas,

olhares... Inclusive um homem solitário que gesticula com os braços e o corpo, adorando um “não sei o quê”, embalado num blues. E como fica por muito tempo ali, pedindo sua atenção, ignora o fato de que as atenções, neste lugar de “malabarismos”, são feitas pela própria ausência desta necessidade. (Diário de Campo, EP, 11/04/03 e 25/04/03 – sextas-feiras, 11:00 h).

Assim, através desta etapa preliminar, mas de extrema importância para o delineamento e a configuração de toda a seqüência desta pesquisa, pudemos perceber os elementos físicos e sociais que interagem ativamente na produção deste imenso lugar, que é o Largo da Carioca; a anotação em caderno de campo, produzindo um diário de campo ‘poético’ e conciso, a conversa com o ‘povo’ que circula por aquele local, as filmagens, as fotografias realizadas e todo o cenário de composição de imagens pessoais, advindo da participação no espaço formal, nos possibilitou uma prévia conclusão de que o movimento, a dinâmica social e as relações de imaginário urbano contribuem, de forma decisiva, para o caráter do Largo da Carioca.

Muitas vezes ouvimos de usuários que este lugar “*sem as rodinhas não é nada*”, ou que “*no final de semana ele deixa de ser Largo da Carioca*”, relatos ligados à força da vitalidade impregnada nas atividades cotidianas. Pretendemos, nos capítulos subseqüentes, mostrar o material produzido com as análises que sucederam o período de impregnação no espaço e que aconteceram – do modo como estão estruturadas – a partir das visitas e considerações tomadas nesta fase inicial, que se revelou seminal na eficácia da interpretação do espaço.

Enquanto isso, pelo Largo da Carioca as pessoas passam em ritmo muito semelhante, olhando e estabelecendo vínculos corporais. Nada é alheio. Todas as atividades parecem cooperar para a formação de um imenso espetáculo, que começa no lançar de alguns grãos de milho seco ao chão, trazendo em revoada uma gentil e alvoroçada nuvem de pombos para o

centro local. Neste momento, sinto falta de um banquinho de praça, de um lugar para me sentar e contemplar o cenário. Mas o Largo é da "passagem", tão fortemente, que se não fosse – por mérito – denominado "carioca", poderia chamar-se assim. (Diário de Campo, EP, 25/04/03 – sexta-feira, 13:10h).

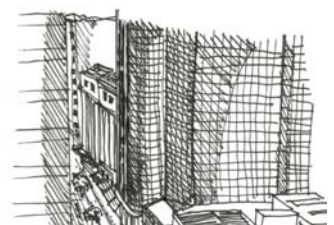
4.1.2. ESTUDO DESCRITIVO DO TERRITÓRIO

Esta etapa, explicitada no capítulo de Metodologia [cap. 3] baseou-se na avaliação do ambiente segundo sua morfologia, atividades, permeabilidade e análises formais e funcionais, através das dicotomias do espaço, enunciadas no conceito *dinérgico* do Largo da Carioca.

Como forma de ampliar o espectro de análise desta etapa baseamo-nos na relação espacial proposta pela área do Largo da Carioca (ampla, radial e heterogênea) em comparação à Rua Uruguaiana, detectada como linha condutora do fluxo que chega da Av. Presidente Vargas (definida, linear e homogênea).

A análise das áreas do Largo da Carioca e da Rua Uruguaiana – formalmente biunívocas – é base para a discussão entre o suporte físico que rege as relações formais dentro da cidade e as formas de estabelecimentos sociais nestes ambientes, de acordo com a permissividade de dois elementos presentes na paisagem: a via de pedestres e o usuário *per se*. De acordo com a detecção de elementos físicos *dinérgicos*, que coletam ou distribuem, linearizam ou radializam o andar pela cidade, abrigam ou expõem à insegurança, busca-se avaliar a maior ou menor afetividade no ambiente e, conseqüentemente, o maior ou menor vínculo apropriativo no Largo da Carioca.

Como os dois espaços são classificados como 'espaços livres' e, portanto, sujeitos à ocupação e circulação constante, os elementos de estudo e compreensão do espaço estão diretamente



ligados ao fator de agregação, ou seja, pontos importantes, zonas de comércio e elementos marcantes. A área apresenta uma rarefação do espaço à medida que atinge os locais mais recentemente consolidados, uma vez que correspondem à área aberta pela drenagem da Lagoa de Santo Antonio e a derrubada do Morro homônimo (ver fig. 153). Esta característica fez com que uma linha imaginária dividisse a Rua Uruguaiana (casario) do Largo da Carioca (arranha-céus), determinando um novo tipo de passagem e permanência nestas duas divisões e criando novos estabelecimentos de relacionamento do pedestre com o meio e entre a rua e os edifícios, entre o sistema viário e o gabarito das construções. Todos estes pontos são o objeto e objetivo do estudo descritivo deste local.

A área distingue-se pela coexistência de tipos morfológicos bem variados, resultado de ocupações em diversos momentos na história urbana da cidade do RJ, como mencionado no capítulo referente à evolução histórica; temos, portanto: [1] a edificação mais antiga, o Convento de Santo Antônio, preservado mesmo com a derrubada de parte do Morro, numa inserção livre sobre o relevo do terreno; [2] as áreas remanescentes do séc. XIX constituídas pelo Casario, com ocupação total do lote; [3] próximo à Av. Almirante Barroso e Av. 13 de maio, os edifícios correspondentes ao plano de reforma de Alfred Agache (1930), montando uma cortina de prédios voltados para o exterior com um pátio interno compartilhado, formando uma grande quadra; e [4] mais recentemente (metade do séc. XX), edifícios de valor institucional e peso volumétrico colocados isolados no lote ou integrados à quadra, de forma bastante verticalizada, compondo uma imagem contemporânea do Largo da Carioca.

*“A mudança do contexto vai mudando as formas pela necessidade de resposta a situações diferentes”.*¹²²

A análise morfológica é o instrumento que agrega, em elementos de percepção individual, a imagem macro da cidade, ou seja, justapõe as imagens fragmentadas que a percepção humana reconhece, e monta um todo coeso e cheio de significância.¹²³ A morfologia, com o auxílio de outras disciplinas, explica a cidade como fenômeno físico e construído. Por este motivo, achamos pertinente avaliar este aspecto formal no Largo da Carioca, como soma positiva aos processos de análise etnográfica.

Diante deste estudo de caso, vemos o desenho urbano como o campo disciplinar que trata a dimensão físico-espacial e físico-cultural da cidade como um conjunto de características ambientais produtoras dos sistemas de atividades que interagem com a população através de suas vivências, percepções e ações cotidianas. Este processo, denominado *Apropriação e Controle do meio-ambiente*¹²⁴, constrói uma sensibilidade visual permeada pela dimensão temporal. A área de projeto se sobressai por um contexto físico em que a paisagem topográfica é ocupada por “ilhas” de prédios que se desenvolvem de forma isolada nos lotes mais recentes e de forma agrupada nos mais antigos, como se percebe pelo mapa de **Figura-fundo**. Estas modificações do espaço urbano são as principais causadoras dos conflitos de malha urbana – numa abrangência ao tráfego e implantação.

Todos os elementos do espaço ficam subordinados a este parâmetro e solidificam na área problemas de distribuição de

¹²² LAMAS, José R. Garcia. **Morfologia Urbana e o Desenho da Cidade**. 1998, pp. 48.

¹²³ LAMAS, Id., Ibid. Os elementos são: solo, topografia, edifícios, lote, quarteirão, fachadas, logradouros, praças, monumentos e mobiliário.

¹²⁴ APPLEYARD, Donald. *Why buildings are known: a predictive tool for architects and planners*. In:_____. **Environment and Behavior**, Vol. 1, Sage Publications: 1969.

espaço e acúmulo de atividades, enquanto o potencial máximo não consegue se impor à cidade, por falta de uma estruturação de parcelamento e de soluções para a viabilização do espaço ocioso. O elemento de caracterização vegetativa na paisagem denuncia a presença de áreas livres e abertas, permeáveis ao olho humano, ao mesmo tempo em que demarcam uma via pública.

Enquanto que a existência de uma árvore isolada pode gerar o conceito de ponto referencial, a concentração de árvores ocasiona a massificação do elemento e a generalidade do ambiente, criando um novo centro de convívio ou um novo local dentro da própria área. Pelo mapa de **Vegetação**, podemos verificar a massificação arbórea na área do LC, que apesar de não fazer parte dele, o integra, e a linearidade da Rua Uruguaiana, marcada pela diretriz das árvores de porte baixo. Estas dicotomias são os fatores que tornam, de forma única, o espaço acolhedor e o movimentador, respectivamente.

O mapa de **Topografia** é um dos elementos responsáveis pela identidade paisagística da área, pois é também o empreendedor de suas irregularidades e demarcações físicas. Funciona como o agente de delimitação e demarcação do trânsito de pedestres no Largo - confundindo-se muitas vezes como barreira visual ou o próprio limite físico da região, pelo fator nível e pelo fator cota - além de ser, também, a estrutura ambiental responsável e, ao mesmo tempo, passível de mudanças na execução de um projeto.

O mapa de **Gabaritos** revela, através da compreensão dos volumes da cidade, como o comportamento pode diferir diante de um maior ou menor aprisionamento, de uma rua mais estreita ou mais larga, e principalmente, como se apresenta a circulação. Por estas razões, o Largo revela-se um espaço de apreciação, pela elevação do morro e pela altura de seus edifícios, enquanto a R.

Uruguaiana se assenta, revela-se como íntima, pela estreiteza do calçadão em relação ao gabarito do casario.

Numa última análise mapeativa, o **Uso do Solo** revela o caráter da região, sua vocação efetiva na paisagem, sendo em toda a área analisada, essencialmente, o comércio. Posteriormente, com a compilação das entrevistas diretas realizadas no Largo, foi possível determinar este lugar como um eixo de passagem, ora relacionado à freqüentação transitória ora à permanência, de acordo com o maior ou menor vínculo social estabelecido.

Além destes mapas, elementos como a **rua**, o **lote** e a **quadra** (junto com eles, o **traçado**) serviram para categorizar as duas áreas de análise: a Rua Uruguaiana apresenta-se de forma estritamente *linear*, indutiva, munida de seu comércio característico ao longo de todo o trajeto; a linearidade das árvores intensifica isto, ao mesmo tempo em que o porte baixo e insipiente em sombras acelera o ritmo de passagem dos pedestres; o adensamento dos edifícios dentro dos lotes e a conseqüente cortina de fachadas que os representa, aliado à escala humanista dos gabaritos dos prédios e da rua, “privatiza” a área e explicita a diferença da esfera pública (rua) para a privada (lojas). O Largo da Carioca, marcado pela *radialidade* e sua função distributiva, devido a sua implantação (ou diga-se, *alargamento*) na área analisada, reflete questões apreciadas – preliminarmente – no mapa de figura-fundo (seu “respiro” na paisagem e sua articulação com várias áreas adjacentes); a inserção dos edifícios de forma livre no lote, advinda da área ganha com o desmonte do morro, traz à tona a amplitude do espaço; o verde abundante dos jardins do BNDES integra-se ao espaço de passagem como elemento configurador do espaço, mesmo sem ‘estar’ nele. Por tudo isso, o aspecto público do

Largo da Carioca se acentua pela sua liberdade de ação, vinda também da relação espaço x tempo.

4.1.3. ESTUDO MACROSCÓPICO DOS FLUXOS

Esta etapa é baseada no estudo qualitativo da composição dos elementos formais do espaço e a atuação dos usuários nestes locais; conforme descrito na Metodologia, esta etapa foi a mais manipulada em toda a seqüência de análises, uma vez que as fotografias, as filmagens, e todas as observações *in loco* compuseram um panorama contínuo e 'macro' neste processo.

Os elementos observados, compositores de um cenário global do espaço analisado, são os pontos físicos perceptíveis que englobam, interagem e solucionam o conjunto de imagens da cidade; são influenciados pelo significado social, sua função, história e característica. De acordo com Denise JODELET (2002), a identidade dos lugares é feita, também, pela vivência:

*O meio-ambiente define oportunidades e limitações para as ações e objetivos do sujeito. É produzido pelo homem, que o materializa segundo práticas sociais e modelos culturais de época. A identidade de um lugar concerne ao passado ambiental do sujeito, um conjunto de memórias, concepções e interpretações de idéias e sentimentos ao longo de sua vida.*¹²⁵

Por isso, a análise focal partiu de uma observação, primeiramente estimulada pelo movimento, pelo trajeto. A visão serial em croquis, baseada nos estudos de Gordon CULLEN¹²⁶ e nos ensaios de LYNCH (1970, 1997) representa este fluxo: a descoberta das mudanças da paisagem, do mais íntimo, mais aconchegante (a Igreja do Largo de São Francisco) ao mais

¹²⁵ JODELET, Denise. *A Cidade e a Memória*. Transcrito e traduzido por Walkirya Coppola e Cristiane Duarte, In: DEL RIO, Vicente et al. **Projeto do Lugar**, Rio de Janeiro: Contracapa, 2002, pp. 35.

¹²⁶ Cf.: CULLEN, Gordon. **Paisagem Urbana**. Edições 70. Lisboa: 1996.

citadino, turbulento (o vai-vém da R. Uruguaiana indo para o Largo da Carioca). Esta seqüência revela as muitas faces do Centro da Cidade, um local para o *sagrado*, mas também para o *profano*. Do passeio livre pelo Largo de São Francisco ao movimento conurbado do comércio na R. Uruguaiana e a ‘entrada’ marcada no Largo da Carioca – como visto na seqüência de nº 3 (através de um elemento-pórtico que explicita o lugar, citado por uma de nossas informantes como “o elemento que me avisa que chegamos ao Largo”) – as sensações de convívio são várias. Verificamos que o LC é um lugar que comporta símbolos de variados tipos (o religioso, o curioso, o instigante, o especulativo, o nobre, o boêmio, o cultural), fornecendo subsídios para uma avaliação múltipla, como nomeamos anteriormente.

Observando alguns dos elementos definidores do espaço que LYNCH (Op. Cit.) oferece em seu estudo sobre *A Imagem da Cidade*, pudemos elaborar outras formas de se apreender o espaço físico do Largo da Carioca, através, principalmente, de análises gráficas para os valores formais do ambiente.

Os **limites** da área de estudo, definidos em planta (Av. Presidente Vargas, Av. Almirante Barroso e Av. Rio Branco – fig. 150) são imperceptíveis dentro do contexto, de forma que pode ser dito que o Largo da Carioca revela uma *identidade social* e uma *estrutura poética* de maior peso valorativo que as suas estruturas formais. Percebemos isto através de muitos informantes, que não conseguindo apresentar um limite físico para o Largo da Carioca, definiam o espaço como ‘*ilimitado*’,¹²⁷ consolidando o valor imagético atribuído à grande área livre.

¹²⁷ Montamos um ‘quadro de manchas’, com o objetivo de codificar as respostas fornecidas por nossos informantes com relação aos limites do Largo da Carioca. Este quadro será apresentado no capítulo de análises das Entrevistas Primárias (4.1.4.2).

Cristiane Duarte (1993, p. 247), ao comentar sobre este mesmo fenômeno em sua Tese de Doutorado, cita: “*se o espaço se define a partir dos usos e se molda por meio da percepção que dele têm seus usuários, pode-se dizer que a ‘praça’ ocupa uma área muito maior do que aquela que circunscreve seus limites físicos*”.

Da mesma forma, atribuímos esta valoração identitária ao fator histórico e social da área, pelo peso ‘aristocrático’ imposto pela sociedade da primeira metade do séc. XIX (que nomeou-a o centro do comércio) e pelo símbolo adquirido de *lugar democrático, deliberativo e público*. Estes fatores denotam a força visual do Largo da Carioca, sem que haja necessidade de um elemento limítrofe definido.

Quanto aos **marcos espaciais**, definidos pela pregnância dos objetos para nossos informantes, sua recorrência nas respostas dos ‘questionários de sondagem’, seu peso histórico adquirido e sua característica de monumento,¹²⁸ definidos por hierarquia, são: **(1)** o Relógio do Largo da Carioca, **(2)** o Convento de Santo Antonio, **(3)** a ventilação do metrô no Largo da Carioca, **(4)** o edifício da Petrobrás, **(5)** o edifício do BNDES. O primeiro elemento pelo aspecto lúdico e simbólico; o segundo pelo fator histórico e visual (em cima do Morro de Sto. Antonio); o terceiro pela forma inusitada e escultórica; o quarto pelo aspecto visual impactante; e o quinto pela presença mais isolada no lote, um prédio com atributo de *único* na paisagem. Todas estas respostas foram obtidas através dos relatos de nossos informantes na primeira fase de entrevistas no LC (maio/2002 a fevereiro/2003).

¹²⁸ Monumento é “*a obra da arquitetura ou escultura determinada a transmitir à posteridade a recordação de um grande homem ou feito*”. LAMAS, Op. Cit., 1998, pp. 102.

4.1.4. ESTUDO MICROSCÓPICO DO ESPAÇO

A etapa de ‘estudos microscópicos’, que aborda as análises psicossociológicas no espaço, é subdividida em três grupos, de acordo com a técnica de metodologia etnográfica utilizada; o primeiro grupo engloba os ‘questionários de sondagem’ do ambiente, aplicados de maio/2002 a fevereiro/2003, em intervalos regulares para cada entrevista, de modo a conseguir uma amostragem mais diversificada de informantes no Largo da Carioca (totalizando 50 questionários aplicados em diferentes horários e dias da semana); o segundo grupo apresenta os resultados obtidos com as entrevistas diretas, intituladas ‘primárias’ (totalizando 25 entrevistas, aplicadas também segundo o mesmo critério dos questionários), de julho/2003 a setembro/2003; o último grupo engloba as entrevistas ‘secundárias’, realizadas com 10 informantes selecionados das entrevistas ‘primárias’ no período de novembro/2003 a dezembro/2003, de forma a consolidar esta etapa de investigação no sítio. As próximas linhas exploram cada um desses grupos delineados.

4.1.4.1. ANÁLISES DOS MAPAS COGNITIVOS E QUESTIONÁRIOS DE SONDAEM

Esta etapa foi desenvolvida a partir da aplicação direta de questionários e Mapas Cognitivos (30 mapas) no período de maio a junho/2002 e de ‘questionários de sondagem’ (50, no total) baseados nas técnicas metodológicas iniciadas por LYNCH (1997) e empregadas por THIBAUD (2001) e SILVA (2001). A amostragem de informantes baseou-se na seleção de usuários do LC de diversas faixas etárias e horários alternados de frequência, de acordo com as inúmeras visitas a campo realizadas neste período. Nosso propósito foi o de ampliar o

leque de análises na *sondagem* de respostas e descobertas de vínculos memoriais e significativos com o espaço.

Para a coleta dos mapas cognitivos, solicitamos a cada usuário que desenhasse um mapa de localização dentro do Largo da Carioca. Após analisarmos estes mapas, verificamos a existência de três grupos: os *simbólicos* (pela representação do todo por algum elemento), os *estruturados* (quando da representação da base formal do Largo) e os *não estruturados* (quando os elementos estão soltos no desenho). A análise de alguns itens deixou claro o modo como o espaço se relaciona com o seu freqüentador:

1. os **mapas estruturados** começavam pela forma do Largo, geralmente representada por uma circunferência aberta ou um retângulo. Este simbolismo reflete a sensação de continuidade do Largo, uma vez que uma forma aberta torna-se menos pregnante; e o simbolismo do retângulo reflete simplesmente uma necessidade de criar uma base para o desenho. Observando a forma real do Largo, verifica-se a diferença destas representações para a real, do que concluímos que a forma marcante nesta área não se dá pelo mapeamento, mas pela existência dos referenciais. E neste ponto, as modificações por que passou o Largo comprovam que a forma, de alguma maneira, não modificou a essência simbólica do Largo da Carioca. Os **mapas não estruturados e simbólicos** trabalham, de forma geral, com a pregnância de elementos que adquirem o valor de ícones do ambiente e, muitas vezes, englobam o valor geral concedido ao Largo da Carioca;
2. os desenhos mostram a vegetação dos jardins do BNDES sempre integrada ao Largo. O elemento 'vegetação' é sempre evocado como qualitativo do lugar e co-participante do andar do pedestre, sendo mencionado como uma das representações únicas do local. O espaço público, representado pela área de passagem do Largo da Carioca (a praça seca) reflete sua interação com o pedestre através do elemento *verde*, que torna o espaço 'sensível' e 'comunicante';

3. as rodas de artistas performáticos, representadas em alguns desenhos, revelam a identidade do lugar: um ambiente de uso público e irrestrito. Pessoas de vários tipos e idades se relacionam de forma democrática, a despeito da falta de segurança e proteção contra o sol. Ao contrário, o elemento *sol* torna-se o agregador destas relações, uma vez que as atividades se desenvolvem enquanto a luz inunda o Largo.

Os pontos acima revelam as características do imaginário social atrelado às características formais de um ambiente. Fato constatado no Largo da Carioca é a indecisão coletiva quanto a sua forma, o que reforça, segundo nossas considerações, seu valor simbólico e memorial. A força do espaço 'público' permite ao seu usuário sentir-se parte das transformações ocorridas, das apropriações feitas. E a detecção de muitos elementos marcantes, dos mais antigos (o Convento de Santo Antônio) aos mais novos (edifício da Petrobrás) revela que, apesar da existência dos elementos marcantes, *o principal marco na área é o próprio Largo da Carioca.*

Ainda, com relação à análise dos mapas cognitivos, tomamos de APPLEBYARD¹²⁹ um conjunto de atributos do espaço público que nos auxiliou na discussão das representações mentais do usuário do Largo da Carioca.

Nos atributos da **forma física**, *o movimento, o contorno, o tamanho, a forma e a superfície* são os que mais aparecem nas lembranças dos entrevistados. Em geral, o movimento das pessoas e o contorno dos prédios isolados se destaca mais que o atributo do tamanho do prédio. *Isto* pode ser verificado no peso visual que o BNDES tem sobre os que transitam no Largo da Carioca, mesmo com prédios de maior gabarito no lado oposto (Ed. Av. Central e

¹²⁹ APPLEBYARD, Donald. Op. Cit., pp. 135-161.

Caixa Econômica) e também por ser a visual de maior domínio pelo fluxo de pedestres dentro da área 'seca'.

Em **visibilidade**, a importância do ponto de vista e as imediações são os que mais se relacionam, ambos em recordação de trajetos. A análise dos mapas cognitivos revelou a presença forte do Relógio do Largo como elemento pregnante, por sua posição marcante no eixo de entrada do Largo. Esta detecção se deve pela importância do ponto de vista, quando os usuários são solicitados a desenhar o mapa do local. Mas nos questionários esta relação praticamente não existiu, porque a projeção que fizemos (através das perguntas) incutiu os valores memoriais e significativos (o Convento, por exemplo, é focado).

Em atributos do **uso e da significância**, os parâmetros foram sempre muitos altos pela própria força de existência da interação humana. Este item ressalta a aparição dos artistas performáticos em quase todos os desenhos, uma relação intrínseca com a significância desta atividade (presente) no Largo da Carioca, e a vegetação. Pela intensidade da atividade vemos a representação, também, dos camelôs.

Os atributos mais novos, **publicidade e a nomenclatura**, são de suma importância para a memória coletiva, pois edifícios mais novos são geralmente destacados e bem lembrados, pela sensação de interação com o mundo. Nesta categoria, em proporção muito menor, vemos a representação de alguns elementos como o prédio da Petrobrás e letreiros mais comunicativos como os dos "fast-food" localizados na área. Nossa verificação é que a área caracteriza-se (como visto através dos questionários) como um veículo de permanência histórica, e o olhar do usuário geralmente se volta para este aspecto.

A aplicação dos questionários foi coadunada com a fase dos mapas cognitivos, uma vez que os últimos forneceram as imagens do ambiente, apreendidas por sentidos de memória, pregnância e forças visuais, mas não revelaram o caráter do juízo de valor, sentimento e apropriação.

As entrevistas revelaram pontos importantes de apreensão do ambiente, baseadas na vivência pessoal. Foi pedido aos entrevistados que fornecessem respostas imediatas, de forma a medir o grau de apropriação e legibilidade¹³⁰ local. A faixa etária dos entrevistados variou entre de 18 e 95 anos revelando, numa faixa tão heterogênea de necessidades, as mais variadas reações frente ao mesmo objeto. De um modo geral, os entrevistados de menor idade revelaram uma associação do Largo da Carioca aos elementos que consideram de maior importância, como o *metrô da Carioca*, o *trabalho*, o *comércio* e o *Convento de Sto. Antonio*, muito mais por sua imagem impactante na paisagem. Não entrou em nenhuma das respostas a questão do peso histórico ou das lembranças, apesar de mencionarem saber o valor histórico da área. Os entrevistados mais idosos, ao contrário, ressaltaram a importância de suas vivências, relacionando o ambiente do Largo com as transformações por que passou, pelo resquício dos elementos que ficaram guardados na resposta imagética do lugar (o *'Tabuleiro da Baiana'*, o bonde, o *'Correio da Manhã'*). Os elementos mais mencionados foram o *Convento de Sto. Antonio* e a *Igreja da Ordem Terceira*, além de aspectos como *saudade* e *tradição*, salvo no caso de 2 funcionários públicos na faixa dos 50 anos, que invariavelmente mencionaram seus locais de trabalho (*o edifício da Caixa Econômica* e *o edifício da Petrobrás*).

¹³⁰ Em nossas considerações, *legibilidade* é a qualidade visual em que os elementos configuradores da paisagem (vias, sinais de delimitação, freguesias) são facilmente identificáveis e agrupáveis numa imagem mental. LYNCH, Kevin. Op. Cit., 1997.

Em todas as entrevistas, no entanto, a *relação funcional com o ambiente é de passagem e comunicação*, como mencionado por alguns entrevistados: trânsito no Largo porque “*atravesso de um lado para o outro*”, ou “*me leva a outros lugares*”. O Largo se configura como um suporte físico que possibilita a comunicação com outras áreas da cidade.

Os elementos mencionados como sendo “*a imagem do Largo*”, aquilo que lhes vem à cabeça primeiramente, foram classificados em dois tipos, conforme segue em anexo:

Elementos Materiais	Convento de Sto. Antônio Metrô da Carioca Performistas O antigo ponto de bondes “ <i>Tabuleiro da Baiana</i> ”
Elementos Imateriais	Movimento Trabalho Comércio Modificação Saudade História Tradição

O quadro anterior revela a relevância do fator ‘*vivência*’ no entendimento e apreensão do local. As necessidades por mudanças locais foram inexistentes, comprovadas por respostas como: “*não falta nada nesta área*”. Aqueles que ainda responderam sobre possíveis modificações, mencionaram maior limpeza e segurança, fatos não coligados ao aspecto formal ou funcional da área. Um dos entrevistados, curiosamente, mencionou “*maior tratamento paisagístico*”, referindo-se à praça seca do Largo (a passagem) como necessitando de maior sombra. Vale ressaltar que a apropriação local do informante é feita de cima, dentro de sua sala de trabalho no edifício da Caixa Econômica, daí sua percepção do ‘*vazio*’ do piso, projetado pelo escritório Roberto Burle Marx.

Ao comentarmos sobre uma área com tamanha atração de contingente e, conseqüentemente, gerando as mais variadas formas de apropriação, fica claro perceber que o Largo da Carioca

impõe seu valor pela forma com que se inseriu no Centro, um *alargamento* essencial para a comunicação das áreas opostas ao Morro de Sto. Antonio e “escondidas” pela cortina de fachadas da Av. Rio Branco. Sua ocupação é baseada pela relação que a área livre desenvolve com o elemento *vegetação* (dos jardins mantidos pelo BNDES e do Convento) e torna-se importantíssima na produção do imaginário local, como verificamos através dos questionários. Estabelece-se uma certa ‘reverência’ visual para com a área verde, que segundo os entrevistados “*é essencial*” e por isso mesmo, um pacto silencioso entre espaço e usuário se dá frente a isso: “*a área seca e a área verde devem coabitar, mas não interpolar; é necessário manter o verde local, mas distante do vandalismo depreciativo dos homens; é preciso manter a área de passagem alargada, com a mesma dinâmica e atividades que a mantêm viva*”. Quanto ao mote desenvolvido pelos usuários, para o Largo da Carioca, através da pergunta que salientava os elementos associados ao caráter do local, percebemos a convivência de elementos antagônicos nesta definição, como *Antigüidade e Modernidade, Liberdade e Opressão*, que, contudo evidenciam o caráter *dinérgico*, já explicitado.

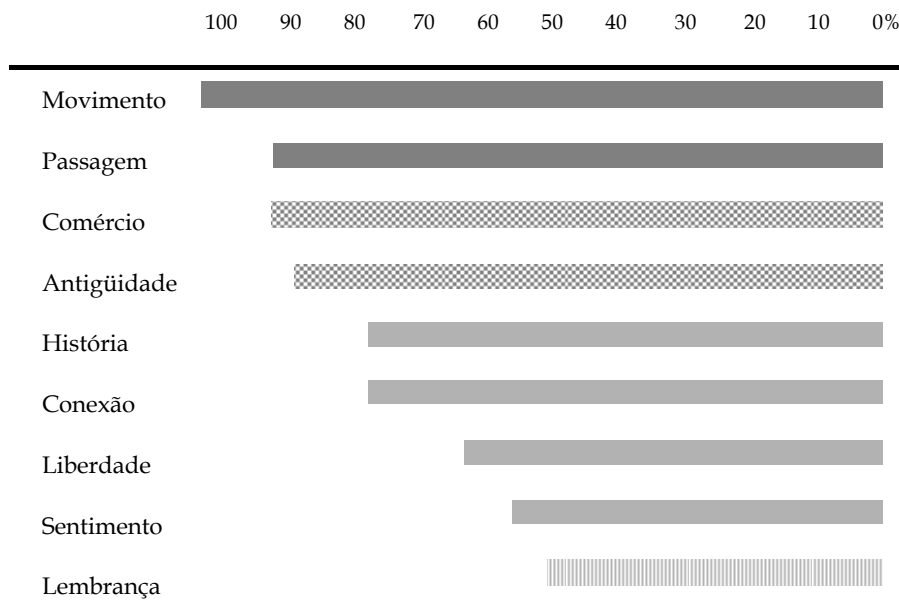




Fig. 175: Quadro percentual das respostas obtidas com relação à representação do LC.
Fonte: Quest. de Sondagem.

4.1.4.2. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS PRIMÁRIAS

As entrevistas primárias, aplicadas entre julho/2003 e setembro/2003, a 25 informantes do Largo da Carioca, selecionados de acordo com critérios de diversidade de ocupação social (bancários, ambulantes performistas, executivos, 'do lar', profissionais liberais e estudantes) e idade, formam a base de discussão proporcionada pela investigação das cinco categorias de análise, selecionadas para o Largo da Carioca, e presentes no roteiro de entrevistas aplicado.¹³¹

Todo o processo de entrevista, composto de um contato direto entre informante e pesquisador e realizado através de gravação estereofônica,¹³² baseou-se na liberdade de resposta concedida aos informantes, de modo a obtermos (como pesquisadoras) o maior espectro possível de informações quanto às perguntas solicitadas, fato consolidado através da riqueza de muitos relatos concedidos.

Da mesma forma, quanto às entrevistas, obtivemos um saldo de análises que consideramos *positivo* através do desmembramento das perguntas entre as cinco categorias definidas (*simbolismo, significado, memória, ancrage e instantaneidade*). Este instrumento de pesquisa nos possibilitou investigar, com determinada profundidade, as relações estabelecidas entre ambiente e usuário no Largo da Carioca, mostrando o contraste entre cada uma delas através de relatos ora mais afetuosos, ora mais dispersos,

¹³¹ Para um acompanhamento mais detalhado, a estrutura da entrevista, de acordo com seu roteiro, encontra-se no Anexo 2 deste trabalho.

¹³² Foram gravadas 5 horas de fita cassete, posteriormente transcritas para arquivo digital e compiladas.

ora impregnados de memória, ora ligados à experiência cotidiana do espaço, de modo que muitas de nossas conclusões preliminares surgiram já nas primeiras entrevistas e foram confirmadas até a última.

Mais detalhadamente, faremos, nas próximas linhas, um apanhado de cada grupo de perguntas - segundo sua categorização e segundo as respostas fornecidas. Lembramos, novamente, que cada categoria engloba um conjunto de 2 a 3 perguntas variadas, não necessariamente na ordem final da entrevista, pois esta ordem foi feita mediante a facilitação de uma seqüência contínua de entrevista, segundo nossos diversos estudos.

Com relação à categoria *Simbolismo*, as perguntas relativas à '*relevância e pregnância simbólica*' - inquirindo sobre a importância do Largo da carioca para a cidade e sua principal função - buscam a explicitação das condicionantes de territorialização e pertencimento, uma vez que pudemos encontrar, nas repostas, uma atitude geral de consenso visual e formal no Largo da Carioca; para nós, a territorialização é o aspecto final das interpretações simbólicas entre homem e lugar. Da mesma forma, a pergunta relacionada à '*interpretação*' do LC foi colocada, já que um dos aspectos definidores do simbolismo em cidades ocidentais baseia-se na necessidade de interpretação do espaço e, para nós, esta interpretação significa uma representação necessária para o entendimento do imaginário urbano social.

Com relação à categoria *Significado*, a questão relativa à '*significação do lugar*' indica uma relação causal com o espaço, baseado em valores e atributos sensíveis, que denotam o vínculo significativo do usuário para com o espaço. Quanto aos '*marcos visuais*', a delimitação de uma 'cara' para o Largo da Carioca foi o

meio mais informal encontrado para sugerir ao informante a informação sobre o seu ícone de apreensão do espaço, revelando um índice relacional com o ambiente, estruturado na codificação do significado urbano.

Na categoria *Memória*, elucidamos as questões relativas ao jogo espaço-tempo através da “*percepção da divisão temporal que é revelada pela amplitude da visão da cidade que se perdeu*” (BARROS, 1999, p. 50). Através desta premissa, utilizamos questões que pudessem confrontar a relação atual do informante com o espaço e as imagens da memória que, ora presentes, revelassem algum vínculo físico e estruturador da imagem contemporânea do Largo da Carioca, de acordo com as perguntas relacionadas à ‘*caracterização formal do Lugar*’ e ‘*imagem local*’. Nas perguntas relativas à questão da ‘*memória*’ *strictu sensu*, buscamos verificar se haveria alguma carga afetiva relacionada à infância ou à juventude de cada usuário, assim como procuramos trazer à tona alguma relação de afetividade, significado ou carga simbólica, transmitidos através dos relatos passados por outras pessoas, dentro da esfera de convívio dos nossos informantes.

Com relação à categoria *Ancrage*, que implica uma relação de processos de identidade, enraizamento e apropriação, perguntas relativas à experimentação do lugar, às relações do usuário com o espaço e a uma relação de troca (causal e sensível) com o ambiente externo foram contempladas nas questões ‘*locomoção e experiência na cidade*’ e ‘*integração com o ambiente*’. Na questão relativa à ‘*identidade*’, buscamos parametrizar a relação afetiva com o espaço, que é a raiz do princípio de identificação. Da mesma forma que em perguntas anteriores, utilizamos a linguagem informal de um juízo de valor *gosto ou não gosto*, de forma a elucidar a relação de familiaridade e apreensão do espaço e facilitar o entendimento de nossa entrevista.

Quanto à última categoria, denominada *Instantaneidade*, as questões relacionadas à '*frequência e permanência*' basearam-se na busca da percepção do espaço contemporâneo, impregnado dos índices de movimentação, imagem urbana e tempo despendido na área do Largo da Carioca, de modo a receber informações sobre as representações espaciais, no contexto de cidade contemporânea. A segunda questão desta categoria, relativa à '*dinâmica urbana*', procurou relacionar a percepção sensível do ambiente ao usuário/informante, que é denominada "*imediatez presentacional*" por WHITEHEAD (1987), ou seja, a percepção imediata do mundo externo, com base na experiência.

Quanto às respostas fornecidas, pudemos verificar, através da diversidade de realidades sociais e de experimentação do espaço, apresentadas por cada informante, o papel do Largo da Carioca como suporte espacial capaz de promover uma agregação que, segundo nossas análises, em qualquer outro espaço público ou privado da cidade não se consolidaria. Como mencionado anteriormente, verificamos a força e a dinâmica local impressa pela atividade das '*rodinhas*', que por sua característica particular de *entretenimento público e acessível a todos* – além da jocosidade, que é uma linguagem universal – faz com que muitos '*atores*', de distintas procedências e variados históricos, encontrem-se no mesmo local, experienciando as mesmas ofertas, como nas citações quanto à '*significação do lugar*':

*[O LC é] um espaço de convívio, multidão, diversidade, diversão (...)
Ver aquelas pessoas, de diferentes classes sociais, utilizarem o mesmo espaço para diversos fins me traz um sentimento de alegria, de entusiasmo; até parar para ver os artistas de rua me faz bem neste lugar.
(R., informante, 29/09/03).*

É um grande palco, um espaço cultural onde a gente vê esse entretenimento com artistas vindos de outros locais, se apresentando

aqui, mostrando o que sabem fazer e interessante, além dos prédios que circundam aqui. (L., informante, 08/07/03).

[O LC representa] essas rodinhas de artistas! (M., informante, 25/07/03).

[Quando penso em LC] vem a arte na minha cabeça, porque aqui é onde todos os artistas se encontram para suas artes de rua, tanto a capoeira, como a mágica, como a música. (J., informante, 02/07/03).

Consideramos que, acima disto, o *alargamento* do Largo da Carioca, promovendo um espaço funcionalmente e formalmente amplo, oferece condições de assentamento e apropriação distintas para cada usuário, possibilitando a existência de diversos tipos de freqüentadores e grupos assentados no local, como vemos em outras respostas quanto à *'significação'*:

[O LC é] um grande calçadão; uma passagem de ir e vir. (I., informante, 19/07/03).

Uma 'praça' onde todo mundo transita. (J., informante, 21/07/03).

O largo é... Alargado no tempo, algo que a história modificou e modifica até hoje. (Frei H., informante, 02/07/03).

[O LC é] um espaço grande. (F., informante, 32/07/03).

Verificamos, da mesma forma que no 'Questionário de Sondagem' aplicado anteriormente, que a distinção dos relatos entre os mais jovens e os mais idosos acontece de forma incisiva, intensificando as relações de significado histórico, com relação aos informantes de idade mais avançada, e revelando o valor da realidade contemporânea (agitada, ligada ao trabalho e à localização na cidade) para os de menor idade, como demonstrado na pergunta sobre a *'representação'* do LC:

[O LC é um] Centro que chama atenção do passado, história. (Frei H., 02/07/03, 75 anos).

Tem tanta coisa... Eu falaria 'Antigo'. (A., 03/07/03, 95 anos).

Para mim, representa tudo. Porque aqui que eu trabalho, meu negócio é aqui no Largo da Carioca. (R., 21/07/03, 37 anos).

Ponto de Referência do Rio. (A., 13/08/03, 25 anos).

Área de lazer, espaço para a pessoa passar a sua hora de almoço. (F., 23/07/03, 40 anos).

Representa o espírito, a alegria, a felicidade e o jeito de viver do carioca. (R., 29/09/03, 27 anos).

Algumas exceções, no entanto, como nos casos em que entrevistados jovens revelavam uma ligação com o passado do lugar, comprovaram que a herança memorial, através de uma memória coletiva ou de uma relação duradoura com o espaço, propiciam o relacionamento com as constantes de produção física e social do lugar, gerando uma abordagem que não foca somente a condição atual do espaço, mas interpreta-o segundo os relatos de vida:

Eu diria que é a tradição do Rio de Janeiro. (D., 02/07/03, 35 anos).

Eu conheço o Largo desde pequena (...) pra mim o Largo faz parte da história do Rio. (M, 13/08/03, 43 anos).

Não tenho a imagem, mas sei que tinha o bonde, sei sobre o Tabuleiro da Baiana... (A., 13/08/03, 27 anos).

Com relação à '*caracterização formal do Lugar*', percebemos que os valores *dinérgicos* de apreensão do espaço estão presentes em todos os relatos, sempre muito variados e repletos de representações afetivas. Nesta questão, em especial, perguntávamos de que forma eles explicariam o Largo da Carioca para um turista, como forma de reconhecer a forma pelo qual o lugar era interpretado pelos informantes.

Diria que é um lugar movimentado, com comércio, um lugar muito largo... (J., informante, 21/07/03).

É uma praça para as pessoas ficarem sentadas (jardins do BNDES). (F., informante, 23/07/03).

O largo da Carioca é o ponto principal do centro da cidade. É um local para você se localizar. Qualquer pessoa que estiver perdido se acha aqui, pois daqui se vai para qualquer lugar e se sabe a direção de outros lugares. (G., informante, 23/07/03).

Um de nossos informantes nos ‘presenteou’ com uma concatenação de todas as respostas:

[O LC representa] Hegemonia étnica envolvendo ‘N’ atividades formais e informais. (R., informante, 02/07/03).

Ainda na mesma pergunta, com relação ao espaço experienciado do Largo da Carioca, montamos um quadro de ‘manchas’ sobrepostas para cada resposta concedida sobre os ‘limites do Largo’, de modo a demonstrar como a percepção e o processo cognitivo deste espaço é mentalmente estruturado pela representação física para seus usuários. Esta representação se mostrou sempre muito variada, chegando a deter-se no espaço de *passagem* do LC, para alguns, até a inclusão de outros espaços públicos (Praça Tiradentes), para outros. O mais interessante, no entanto, foi verificar, em muitos casos, a mesclagem dos valores imagéticos e poéticos à estrutura física do LC, o que pode ser ilustrado pelo relato de uma de nossas informantes:

Com relação à ‘*pregnância simbólica*’ do Largo da Carioca, verificamos que nos aspectos sociais o ponto-chave relaciona-se à democracia e à coletividade x individualidade, visto que grande parte de nossos informantes relata o papel do espaço como propiciador da *liberdade de expressão*, elemento que se conecta às configurações mentais do ambiente, quando relacionados por nossos informantes à *passagem*, ao “*encontro (em todos os sentidos)*”

(R., 02/07/03), à *cultura* e ao *entretenimento*. Uma última resposta, no entanto, nos chamou atenção, ao relacionar a imagem simbólica do LC à imagem arquitetônica, como lemos nos relatos a seguir:

[O LC é a] *“Vitrine” da cidade. Uma vitrine que mostra as pessoas, que mostra o Rio de Janeiro aqui.* (A., informante, 13/08/03).

O Largo da Carioca é o lugar onde as pessoas se sentem livres aqui no centro, né... Todo mundo é diferente, mas faz um grupo, ao mesmo tempo. (J., informante, 02/07/03).

Isto aqui na verdade é um grande espaço democrático. (D., informante, 02/07/03).

[A importância do LC é a] *Arquitetura.* (A., informante, 23/07/03).

Nas perguntas relativas à *‘identidade’*, *‘marcos visuais’* e *‘dinâmica urbana’*, os índices *movimento*, *dinâmica* e *amplitude* apareceram com frequência, sendo relacionados à *“marca inconfundível do lugar”*, juntamente com os elementos físicos de maior projeção no espaço: o Convento de Santo Antonio, o Relógio de 1909, a persistência da imagem do Morro (que mesmo quase totalmente demolido povoa o imaginário desta região) e as *‘rodinhas’*.

Acho [o movimento] uma marca inconfundível do lugar. (R., informante, 02/07/03).

[O LC é] *dinâmico e rotativo.* (R., informante, 29/09/03).

[Gosto] *do grande espaço, das grandes dimensões.* (A., informante, 13/08/03).

Quem não conhece o Convento, não viu o Largo da Carioca. (J., informante, 21/07/03).

Mais gosto: diversidade de gente. (O., informante, 14/08/03).

Com relação à ‘*memória*’, pudemos estabelecer – da mesma forma que nos comentários sobre informantes mais novos e mais idosos na ‘*representação do espaço*’ – a presença de um índice tanto formulador quanto estimulador de um imaginário urbano coeso no Largo da Carioca: a relação com um passado que presentifica o cenário atual (para o primeiro grupo) e a certeza das transformações que tornaram o espaço o que ele representa contemporaneamente (para o segundo grupo).

Me lembro bem do Tabuleiro da Baiana, década de 50, como era bom passear pelo Largo... (Frei H., informante, 02/07, 03, 75 anos).

Ah, sim... Tinha a Galeria Cruzeiro onde hoje é o Ed. Central; o Tabuleiro da Baiana, em frente ao Liceu de Artes. Todo mundo vinha aqui para sambar no carnaval; [eu] saltava do lado da [Av.] Rio Branco para sentar naquelas mesinhas e tomar um chope escuro com meus camaradas. (J., 21/07/03, 78 anos).

Eu sou do tempo do Tabuleiro da Baiana. Eu vinha de bonde, ele fazia a volta ali. Meu dentista era no prédio que tinha antes desse da Av. Central! Aí, em 1960, eu estava então com 8 anos, acabaram os bondes e isso tudo começou a mudar. (M., 13/08/03, 43 anos).

Quando eu passo por aqui, é como se eu ainda visse o morro de Sto. Antonio, embora eu não o tenha visto, mas a sensação que eu tenho é que ele ainda está aqui. (D., 02/07/03, 35 anos).

Não. Exatamente o que aconteceu, eu não sei. Mas eu acredito que tenha sido muito forte. (I., 09/07/03, 22 anos).

Na finalização de nossas entrevistas, pudemos verificar que os quatro marcos visuais (apresentados acima) definidos por nossos informantes mostraram-se, após as análises comparativas, a representação física das palavras utilizadas como ‘*interpretação*’ do Largo da Carioca pelos mesmos informantes, sendo estas: *história, cidade e diversidade* (coincidentemente, os objetos de estudo deste trabalho). Esta realização nos permitiu reconhecer que os valores imagéticos e significativos estão acoplados aos

elementos arquitetônicos componentes do Lugar e que, no Largo da Carioca, estes elementos são responsáveis pela formação de um imaginário urbano coletivo.

4.1.4.3. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS SECUNDÁRIAS

Esta etapa de análise foi elaborada com o objetivo de dar maior consistência à etapa de 'entrevistas primárias', utilizando ferramentas de abordagem psicossociais baseadas, particularmente, na utilização da fotografia, um instrumento de *reprodução* da realidade física integral que se desenvolve para cada indivíduo:

Fotografia: s. f. (gr. Phos, photos+graph+ia) 1. Arte ou processo de **produzir**, pela ação da luz. 2. **Reprodução** dessas imagens [grifo nosso].¹³³

Reproduzir: v. t. 1. **Produzir de novo** [grifo nosso]. 2. Exibir, mostrar novamente.¹³⁴

Tomando por consideração que “(...) percepção é sempre ação – e ação se torna práxis”,¹³⁵ e que o objeto mirado, fotografado e alcançado clama por uma resposta que só vem a partir de um sujeito social e cultural que lhe concede uma alteridade secreta, afirmamos que o momento de interpretação do espaço é também um momento de encontro com a coisa mesma, onde a identidade secreta é revelada de forma suave e decisiva, através do olhar conciso sobre coisas desejadas, expresso neste trabalho pela ferramenta *Cinetoscópio* (observador) e *Cinetógrafo* (máquina).

Para isso foram selecionados 10 informantes dentre aqueles que responderam às entrevistas da etapa anterior, dando prosseguimento a um processo de interpretação do ambiente físico e social. Procuramos, através desta última etapa de

¹³³ Novo Dicionário Brasileiro Ilustrado, Op. Cit., 1965.

¹³⁴ Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse Seleções, Vol. I, Paris: Librairie

¹³⁵ MERLEAU-PONTY. **A Prosa do Mundo**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002,



aplicação metodológica, fechar o círculo que se coloca através de diversos pontos nesta pesquisa, frente aos resultados obtidos com a análise de cada ferramenta: [1] *Cinetoscópio e Cinetógrafo*: fornecimento de máquinas fotográficas para os informantes, solicitando a apreensão de 5 cenários/elementos/cenas mais significativas no Largo da Carioca e buscando um reconhecimento ainda mais íntimo da estrutura formal do LC [2] *Armário do Tempo*: apresentação de 6 imagens fotográficas antigas do Largo da Carioca (de 1890 a 1960), fornecendo aos informantes fontes de 'reação' sobre a imagem apresentada. [3] *Percursos*: mapeamento dos trajetos dos usuários, num raio de atuação baseado na proximidade e passagem pelo LC. Este exercício teve como objetivo registrar, através dos trajetos definidos por linhas, o grau de utilização do Largo da Carioca como passagem ou permanência, a existência de possíveis rotas secundárias e o papel do espaço *alargado* do LC no percurso formal de seus usuários.

ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS COM A FERRAMENTA 1 - *CINETÓGRAFO E CINETOSCÓPIO*:

Nesta primeira etapa das entrevistas obtivemos respostas quanto ao olhar cotidiano lançado sobre o Largo da Carioca, alcançando resultados valiosos para as categorias de *Significado* e *Instantaneidade*.

Esta ferramenta foi utilizada como sugestão de uma reação espontânea, baseada no olhar cotidiano das cenas urbanas. Cada entrevistado/informante recebeu uma breve explicação de como realizar esta tarefa, que se restringiu à fotografia e reconhecimento local. A explicação foi curta o suficiente para não atrapalhar a genuinidade e o *élan* imagético de cada um deles. Cinco (5) imagens "instantâneas" do ambiente foram solicitadas entre cenas, detalhes ou elementos simbólicos que

mais lhe dizem respeito ou chamam atenção no contexto do Largo da Carioca. Esta etapa teve a duração de aproximadamente meia hora, de modo que o entrevistado pudesse circular livremente e (re)conhecer lugares e cenários que, em situações adversas, poderiam passar despercebidos. Ao mesmo tempo em que estimulou uma análise mais atenciosa por nossa parte, este exercício foi um repouso do *frenesi* informacional e muitas vezes alienante que impede o experienciar direto de um ambiente por seu usuário. O olhar etnográfico lançado sobre esta tarefa impediu-nos de acompanhá-los, para que o processo não fosse atrapalhado nem influenciado pela presença do pesquisador. Ao final, solicitamos uma palavra que definisse cada imagem fotografada.

Foi interessante notar a repetição de alguns termos, empregados para determinadas imagens selecionadas por cada um dos entrevistados. Como explicado anteriormente, nesta etapa foram solicitadas 5 imagens definidoras do Largo da Carioca, de acordo com a opinião de cada informante; ao mesmo tempo, eles deviam relacionar esta imagem com uma *qualidade nominativa* (substantivada). Três imagens foram recorrentes às outras (o Relógio do LC, as pessoas que freqüentam o local e o Convento de Santo Antonio – informação que ratifica as conclusões das ‘entrevistas primárias’), assim como algumas de suas qualidades, definidas pelos informantes. Esta reflexão nos permitiu associar o Largo da Carioca com os elementos que dialogam diretamente com estas três expressividades: o **tempo**, objeto de controle e continuidade para a sociedade contemporânea (representado pelo Relógio, assim como descrito *nominalmente* pelos mesmos entrevistados, na segunda etapa de entrevistas); o **movimento** (representado pelas pessoas que transformam e são transformadas anacronicamente pelo espaço

do Largo da Carioca); e o **registro histórico**, que é um balizador dos sentimentos de pertencimento e identidade de todos os usuários do LC (expresso pelo Convento, a construção mais antiga do espaço estudado). Ao mesmo tempo, o Convento aparece como cristalizador (pois ele é pausa) e como antítese do *movimento* que se desenrola a seus pés, tornando-se imóvel observador do tempo e da dinâmica local. Como um de nossos entrevistados comenta, “*you think you own the objects, but, actually, they own you and you can’t avoid them*” (D., 27/11/03). Esta relação de subserviência objetivada para com o objeto remete-nos imediatamente às palavras de BAUDRILLARD¹³⁶ quando, com relação à fotografia, comenta: “*É o objeto que nos vê. É o mundo que nos pensa (...) Acredita-se fotografar a cena por prazer – de fato é ela que quer ser fotografada; (...) A sociedade primitiva tinha suas máscaras, a sociedade burguesa seus espelhos, nós temos nossas imagens*” (Op. Cit., 1997, pp. 30).



Fig. 188-191:
Foto 1 (*Passado*);
Foto 2 (*Presença*);
Foto 3 (*Beleza*);
Foto 4 (*Atualidade*).
Fonte: Jerry, 2003.

Nas três primeiras imagens mais fotografadas, as relações de *tempo* (resultado do passado, da antiguidade e do cotidiano), de *diversidade* (marcada pela multiplicidade de usuários, pelas ‘rodinhas’ que se formam a todo momento no LC e pelo movimento de vai-vém das pessoas) e de *distância* (o que gera um certo desconforto, como um dos entrevistados comenta: “o

¹³⁶ BAUDRILLARD, Jean. **A Arte da Desaparição**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

que sinto é que ele está lá em cima, e nós, aqui embaixo” – A., 27/11/03) são as preponderantes.

Nas três imagens seguintes, marcadas também por uma certa recorrência, as relações de *contraste* (do concreto dos edifícios com a vegetação que fica reclusa nos jardins gradeados do BNDES, assim como do progresso com o passado) e as relações de *modernidade* (marcadas pela mudança do espaço físico e a velocidade da informação) estão presentes nos elementos da vegetação (nos jardins do BNDES, no Ed. Avenida Central e no da Petrobrás).

As últimas seis imagens presentes nesta entrevista estão ligadas às relações de *diversidade local*, à segurança proporcionada por *edificações* de uso intensivo (o metrô da Carioca), aos *entretenimentos* locais da atualidade (mágicos e a banca de jornal que apresenta programas em ‘dvd’) e à *perda de uma imagem natural* do Rio de Janeiro que seria o Morro do Castelo e o *front marítimo*, objetos demolidos/ocultados pela cortina de edifícios da R. Treze de Maio. *“Eu sinto como se estes elementos tivessem retirado a linha do horizonte do Centro da Cidade... apesar de nunca ter visto um cenário diferente, eu acho que ele deveria estar lá, presente”* (M., 05/12/03).

A seguir indicamos as imagens mais solicitadas, acompanhadas das qualidades nominativas destes elementos, em ordem decrescente, de modo a ressaltar aquelas de maior frequência e sua relação poético-cognitiva para cada informante:

Relógio do LC Freqüentadores do LC Convento de St. Antonio	Tempo, Espaço, Passado. Cotidiano, Diversidade, Ovelhas, “Rodinhas”, Vai-vém. Antiguidade, Desconforto (=inacessibilidade), Distância, Religião.	50%
Jardins BNDES Ed. Avenida Central Ed. Petrobrás	Contraste, Largo, Raridade, Verde. Proveito, Progresso (2), Mudança. Telecomunicação, Beleza (2), Convívio.	40%

<p>R. Treze de Maio Passagem lateral do Metrô Metrô (o elemento) R. Uruguaiana Mágicos do LC Banca de jornal</p>	<p>Horizonte, Diversidade. Segurança, Vida. Pessoas, Chegada. Memória, Conexão. Atualidade, Interesse. Entretenimento, Mapas.</p>	<p>20%</p>
--	---	------------

ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS COM A FERRAMENTA 2 – ARMÁRIO DO TEMPO:

Na segunda etapa de entrevistas manipulamos informações que nos subsidiaram nas categorias *Simbolismo* e *Memória*, indicadores do potencial de manutenção e continuidade de uma imagem local, no caso, o Largo da Carioca. Nossos entrevistados/informantes foram confrontados com imagens antigas do mesmo espaço livre que acabaram de ‘poetizar’ e reconhecer.

Seis (6) fotografias foram selecionadas entre uma gama de 64 imagens catalogadas no AGCRJ, datando de 1891 a 2002, e foram expostas uma a uma de modo que cada informante pudesse dizer *a que se referia, qual a sua localização atual e qual palavra associava a cada imagem*. Visto que o número de fotografias antigas era muito grande, assim como a frequência das modificações urbanas por que passou toda a área do Largo da Carioca¹³⁷, a seleção baseou-se numa amostragem cronológica que abrangesse o final do século XIX até a segunda metade do século XX, sem chegar ao séc. XXI, o que ultrapassaria os conceitos de *Memória* que buscamos apreender.

Desta forma, edifícios e elementos ícones deste cenário carioca foram selecionados, estes mesmos em maioria demolidos e bastante citados nas entrevistas anteriores, de modo a resgatar os relatos de uma memória coletiva que se agrega aos símbolos produzidos numa sociedade. Procuramos, também, verificar a extensão desta memória, principalmente através da variedade

¹³⁷ Motivo pelo qual, segundo nossas análises, a área formal do Largo da Carioca é praticamente indefinida por seus usuários, muitas vezes estendendo-se para áreas públicas adjacentes (Cinelândia, Uruguaiana).

de idade dos entrevistados. As imagens selecionadas, em ordem de apresentação, foram:

1. Esquina da atual Av. Almirante Barroso com a área livre do Largo, indicada por uma placa pública: *Largo da Carioca*. Nota-se a presença de pessoas circulando em indumentária de época. AGCRJ, 1891.
2. Vista da área de retorno do antigo bonde e, ao fundo, o terceiro chafariz do Largo da Carioca, onde fica atualmente o acesso à R. Treze de Maio. AGCRJ, 1906.
3. Relógio da Carioca, na entrada da R. Uruguaiana. AGCRJ, 1948.
4. Tabuleiro da Baiana, visto na atual Av. Chile. Ao fundo, edifício não identificado. AGCRJ, 195_.
5. Tabuleiro da Baiana e edifício do Liceu Português. Ao fundo avista-se a Pça. Cinelândia. AGCRJ, 195_.
6. Galeria Cruzeiro vista da escadaria da Igreja de Santo Antonio. Ocupa o espaço do atual Ed. Avenida Central. Nota-se à direita que o edifício rosado, na esquina da Av. Treze de Maio, já está construído. AGCRJ, 1960.

Foi solicitado a cada um dos entrevistados que localizasse, no espaço atual, o lugar focado pelas fotografias apresentadas; da mesma forma que no exercício anterior, os informantes deveriam relacionar esta imagem com uma qualidade nominativa, para que compuséssemos um quadro comparativo do cenário antigo/atual no Largo da Carioca.

Alguns problemas pertinentes a este exercício foram inicialmente detectados: o primeiro está relacionado a uma indução do pensamento individual diante do ‘apelo’ da fotografia (todas as fotos selecionadas foram feitas por fotógrafos conceituados da época - entre eles Marc FERREZ e KLUMB - e, como tais, apresentam um nível de subjetivação que passa pelo ângulo e pela intenção do fotógrafo); assim, temíamos que a sugestão de uma palavra designativa fosse - inconscientemente - embutida nos informantes; o segundo

empecilho estaria na incapacidade de localização dos lugares por parte dos entrevistados mais jovens, dificultando nossa análise final.

No entanto, nenhum dos empecilhos se concretizou; a eficiência das análises foi obtida devido à capacidade de representação poética e de observação dos informantes, fato que relacionamos à prévia seleção destes, no momento em que ainda realizávamos as entrevistas primárias. E o segundo motivo de eficiência das análises deu-se através de uma desmistificação total de nossa suposição de alienação memorial por parte dos entrevistados mais jovens; ao contrário dos mais idosos, eles faziam um esforço por reconhecer cada lugar, ligando os ângulos, os edifícios e as histórias relatadas por outras pessoas na reconstituição do local.

As respostas recebidas comprovaram este cenário; informantes naturais de outros estados (como Lucas, 23 anos) tomavam partido de sua lembrança de infância, de quando já haviam passado pelo LC junto dos pais e compunham, surpreendentemente, um quadro inteiro de acertos. Este referido informante soube relacionar todos os lugares antigos e atuais, com maior precisão do que uma outra entrevistada, historiadora (esta, não conseguiu reconhecer a primeira foto). Nosso informante mais idoso (Marinelson Gadelha, 75 anos) também não conseguiu associar uma imagem antiga à atual (a segunda fotografia), mas neste fato reconhecemos que a dificuldade pode ter sido dada pela forma genérica com que o espaço se apresenta (a dificuldade de reconhecer de que ponto está sendo tirada a fotografia, pela ausência do Morro de Santo Antonio no ângulo do fotógrafo).

Todos os outros informantes cometeram de 2 a 3 erros na localização atual dos lugares (em torno de 50%) enquanto os três

primeiros mencionados praticamente acertaram todas. Esta informação ratificou nossa consciência de que o Largo da Carioca é dotado de uma força imagética que se remete à *Memória do Lugar* transcendendo os sentimentos advindos, exclusivamente da relação cotidiana e se fazendo presente, com força surpreendente, mesmo para aqueles que não conhecem profundamente o seu passado. Este fenômeno acaba por intensificar o espaço de relações *simbólicas* e *significativas*.

Diante da solicitação de uma palavra que definisse o lugar apresentado pelas fotografias antigas, as ocorrências foram múltiplas, mas em grande maioria (com relação a todas as fotografias) as considerações sobre *tranqüilidade, passado, antiguidade, tempo, cotidiano, vazio, [movimento x calma]* e *saudade* foram recorrentes. Isto nos faz crer que estas qualidades estão relacionadas à comparação com o vínculo atual do espaço, aos princípios de *Instantaneidade* que regem a sociedade contemporânea e à necessidade de contraposição ao passado, que sempre fazemos no reconhecimento de um espaço físico, como contemplamos com os estudos de JODELET (2002, p. 31):

A questão da memória se torna pertinente, uma vez que esta, unindo de forma dialética o passado, o presente e o futuro, pode servir para estabelecer formas de vida sem ruptura brutal, respeitando um presente que encontra sua fundamentação no passado.

A seguir, indicamos as qualidades nominativas apresentadas para cada fotografia, segundo as interpretações de nossos 10 informantes, nesta ferramenta relacionada ao *simbolismo* e à *memória*:

1. Av. Almirante Barroso, 1890.

2. Chafariz do Largo, 1906.

3. Relógio do LC, 1948.

4. Tabuleiro da Baiana, 195_.

5. R. Treze de Maio, 195_.

6. Galeria Cruzeiro e LC 1960.

Passeio (2) Transformação História Comércio Passado Sofisticação Antiguidade Confeitaria Lojas	Movimento (3) Agitação Cosmopolita Transportes Largo Pombos Bondes Estação	Tempo (3) Tranquilidade Antiguidade Cotidiano Largo Beleza Vazio Deserto	Bondes Chegada Saudade Tentativa Tranquilidade Familiar Saudade Lembranças Progresso Agradável	Relíquia 1964 Destruição Vazio Solidão Horizonte Falta Movimento Calma Descanso	Ilusão Arquitetura Jardim Noção Multidão Arborizado Reminiscência Respiro Evolução Saudade
--	---	---	---	---	---

ANÁLISE DOS DADOS OBTIDOS COM A FERRAMENTA 3 – PERCURSOS:

Esta última etapa de coleta de dados para a análise, que culmina o fechamento de todo o grupo de entrevistas, teve como objetivo situar o entrevistado/informante espacialmente no ambiente que tem sido analisado através dos reagentes lançados ao longo das entrevistas. Cada informante selecionado nesta última etapa mostrou-se capaz de fornecer-nos subsídios variados e particulares com relação aos tipos de experiência, usos e atividades desenvolvidas na área.

Por este motivo, e tendo em mãos um espectro de múltiplas respostas, levamos em consideração que neste último momento tanto entrevistadores quanto entrevistados sentiam-se familiarizados com o objeto de estudo. Um último traço, no entanto, importava para que conhecêssemos, com o auxílio de nossos informantes, o papel do Largo da Carioca na seleção de sua rotas de trânsito/percurso, no âmbito do Centro do Rio de Janeiro.

Para a concretização deste último momento de pesquisa denominamos ‘*percursos*’ a ferramenta que se preza ao mapeamento do trajeto realizado por cada entrevistado, do momento que chega ao Centro da Cidade – RJ (através de um meio de transporte qualquer) até o seu local de trabalho/estudo/lazer. Cada um dos informantes foi solicitado a expor, oralmente, este percurso, enquanto marcávamos numa

planta cadastral suas rotas (através de linhas retas e sinuosas) e seus pontos de parada (através de circunferências).

A junção de todos os percursos, fornecidos pelos entrevistados, revela-nos uma malha densa que indica a força dos eixos dominantes de passagem, os locais de maior permanência e a atuação do Largo da Carioca neste contexto, sempre relacionado a uma conexão radial com todo o trajeto percorrido (no caso, o Centro do RJ) e com uma evidenciada escolha de passagem/permanência, como forma de manutenção dos laços contínuos de experiência com o espaço.

Sabemos que estas informações estão relacionadas, consideravelmente, à seleção prévia destes informantes, que já demonstravam uma relação de convívio no Largo da Carioca.

Mas após o fechamento desta etapa, pudemos perceber que as rotas e os destinos eram, muitas vezes, bem distantes do Largo da Carioca e uma infinidade de rotas possíveis (muitas vezes até mais curtas e diretas) poderiam substituir a usada regularmente.

No entanto, a escolha pelo LC envolvia condicionantes necessárias a cada um dos informantes, tanto relacionadas à *segurança*, ao *conforto* dos meios de transporte, quanto ao *entretenimento* e à *afetividade* com o local. Através do 'Mapa de Percursos' (fig. 207) podemos visualizar estas informações, principalmente quanto aos longos trajetos (demarcados em azul claro e magenta), que demonstram uma clara escolha pessoal de trânsito pelo Largo da Carioca e denotam, desta forma, que as metáforas anteriormente feitas sobre o Largo da Carioca como "*o coração da cidade*" ou "*o centro pulsante do Rio*" são verdadeiras.

5. O CENÁRIO E OS ATORES EM CENA: DISCUSSÕES SOBRE OS RESULTADOS

5.1. LARGO DA CARIOCA: TEMPO + ESPAÇO= MOVIMENTO

“A menina descobre, então, e se toma de amores por um largo, que tanto mais se humaniza, quanto mais se preenche da presença humana”. (Robert Pechman, *Parecer da Qualificação* – Anexo 6, 26/08/03).

Depois de percorrido o trajeto de pesquisas e análises pelo Largo da Carioca, dedicamos um último capítulo às considerações sobre os resultados gerais obtidos, seus desmembramentos sobre os eixos temáticos propostos como categorias de análise e suas reverberações sobre as condicionantes formuladoras do conceito de *Lugar* e *Cidade*, que expusemos, fundamentamos e analisamos neste trabalho.

Acreditamos que o caráter distintivo da estética urbana focada nesta pesquisa – e discutido nas questões de cidade e nas tessituras sobre o Largo da Carioca – é a tensão criada pela *diversidade*, e não pela similitude, dos fatos urbanos existentes nos variados fragmentos compositores do espaço urbano e que se desenvolvem, constantemente, pela troca.

LÉVI-STRAUSS¹³⁸ nos remete a isto ao comentar sobre a qualidade dos fatos urbanos como uma intenção criativa (no sentido da *poiesis*) de concepção mútua, que se complementa entre o usuário que explora determinado lugar e o espaço, que apresenta valores específicos para a recepção deste usuário:

O espaço tem valores próprios, como os sons e os perfumes têm cores e os sentimentos têm peso. Essa busca de correspondências não é uma brincadeira de poeta ou mistificação (...) ela propõe ao estudioso o terreno mais novo e aquele cuja exploração ainda pode provocar ricas descobertas.

Da mesma forma, através de todos os relatos registrados em entrevistas, do período despendido em observação em campo e

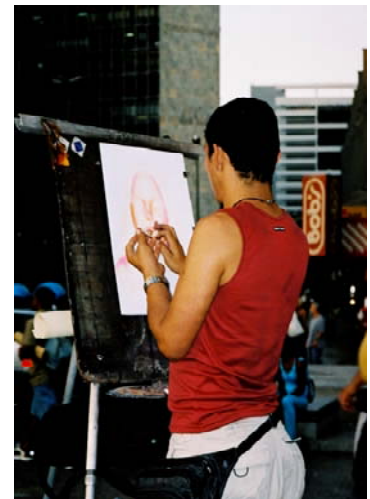


Fig. 208: Artista no LC.
Fonte: EP, 2003.

¹³⁸ LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Tropiques**. Paris : Librairie Plon, 1955, pp. 121.

de vasta associação bibliográfica, cremos que é através da relação *espaço-tempo* (historicamente definido, construído, associado e trabalhado socialmente) que as perspectivas de modificação e as imagens consolidadas do cenário urbano se constroem.

Diante deste fato, é tão pouco possível fazer uma análise do espaço *per se* quanto fazer uma análise do tempo isoladamente, já que o espaço é sempre especificado por uma relação definida entre as diferentes instâncias de estruturas: espaciais, sociais, políticas e ideológicas. O espaço é, portanto, uma conjuntura histórica e um suporte morfológico que recebe seu sentido dos processos sociais que se exprimem através dele, e o Largo da Carioca é um grande exemplar disto.

Como objeto de pesquisa, inicialmente definido pelas características apresentadas na introdução deste trabalho, o Largo da Carioca mostrou-se relevantemente profícuo no conjunto de estudos que abarca o espaço urbano público através das constantes históricas, significativas e identitárias, entregando, na abrangência das descobertas, a relação inextricável das dinâmicas apropriativas na construção das cidades através dos tempos, ou melhor, *do tempo*.

Em poucas partes do mundo podemos perceber as premissas de que a cidade, suas representações e práticas espaciais (DE CERTEAU, 1980) se produzem mutuamente, a não ser em algumas cidades na América Latina, provavelmente por seu processo acelerado de modernização em meados do século XIX e XX. O que na Europa foi uma *lenta* maceração e interpenetração de diversos planos dessa produção mútua – *as configurações artísticas e literárias, a produção de simbolizações culturais, as reconstruções materiais da cidade* – na América Latina, em especial no Brasil, (como verificado em muitas leituras fundamentais) esta

mutualidade apresenta-se como um rompante, que solidifica um presente repleto de noções do passado, não tão distante.

A celebração de um *único* tipo de cidade, podemos dizer com base em MORSE¹³⁹, não existe mais: a cidade estritamente residencial, produtiva, de grandes conflitos e de grandes projetos, todas subsistem sob o manto das transformações modernas. De igual modo, podemos considerar que estas cidades agregam, atualmente, outras cidades em extensões de uma mesma, por motivos ideológicos, econômicos, políticos ou culturais.

A cidade, então, aparece no cenário contemporâneo como '*cidade conceito*', produzida por leituras e narrativas, e também por exposições e metanarrativas¹⁴⁰ de pequenos trechos consolidados de história, de '*espaços-cidade*', de '*largos-da-carioca-cidade*'.

Procuramos, nas discussões a seguir, relacionar esta dimensão *espaço & tempo* às condicionantes que atuam, intermitentemente, no desenvolvimento das relações sócio-espaciais no Largo da Carioca, estas, definidas anteriormente como elementos-agentes de categorização deste espaço '*carioca*'.

Com o auxílio dos aforismos descritivos criados por CALVINO¹⁴¹ sobre suas '*idades imaginárias*', celebramos esta etapa com a apresentação das narrativas proporcionadas por um olhar atencioso que subtrai da cidade seus muitos relatos e interpreta-a de acordo com seus fenômenos, seus espaços e sua gente, nomeando para cada cidade visitada um *caráter* distintivo e permitindo que o leitor recipiente deleite-se sobre a possibilidade de novas interpretações.

¹³⁹ MORSE, R. **Imaginários Urbanos e Imaginação Urbana**. Disponível em: <http://www.bazaramericano.com/bazar/articulos/imaginarios_gorelik.ASP> Acesso em 17/05/03.

¹⁴⁰ Como Jacques DERRIDA (**De La Gramatologia**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971.) afirma: "*cidade, o metarrelato por excelência*".

¹⁴¹ CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

5.1.1. SIMBOLISMO

As Cidades e os Símbolos

Da Cidade de Zirna, os viajantes retornam com memórias bastante diferentes: um negro cego que grita na multidão, um louco debruçado na cornija (...) Na realidade, muitos dos cegos que batem as bengalas nas calçadas de Zirna são negros, em cada arranha-céu há alguém que enlouquece (...) A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir.

(Ítalo Calvino, In: *As Cidades Invisíveis*, 1990, pp. 23).

Após as análises efetuadas ao longo de nossa pesquisa, ficou claro para nós que a atuação simbólica é condicionante de uma atitude social praticamente homogênea dentro dos limites visuais e formais da praça seca do Largo da Carioca.

Esta afirmação se solidificou nos relatos de nossos informantes, ao apresentarem símbolos compartilhados pelo grupo e que comprovaram o *'poder de organização de uma multidão heterogênea em uma comunidade'*, como definimos o conceito *Simbolismo* no cap. 2 deste trabalho.

Verificamos estes símbolos através do papel dos elementos compositivos do cenário do Largo da Carioca para os informantes, caracterizados pelos elementos materiais (*banças de camelôs, tabuleiros de ambulantes, Relógio, metrô*) e pela linguagem de um vínculo estabelecido com o espaço através de elementos recorrentes: as *'rodinhas'* (condicionando a relação com as atividades de teatro, malabarismos e ilusionismo) e os *arranha-céus* (denotando o vínculo espacial com a modernidade).

Além destes dois símbolos apresentados, um terceiro, definido em entrevistas, o *Convento de Santo Antonio* (elemento posicionado 'por sobre' as cabeças dos transeuntes) é percebido pela localização privilegiada no alto do morro de mesmo nome,

mantendo sua imagem preservada ao longo de todos estes anos irremediavelmente relacionada à contemplação.

Na área do calçadão, localizada mais abaixo do Convento, no entanto, a relação de compartilhamento é intensa; neste espaço de passagem encontramos os elementos acessíveis ao pedestre e relacionados à *familiaridade do cotidiano*, como pudemos classificar considerando as respostas obtidas: o Relógio de ferro (1909) que badala em intervalos regulares, lembrando de sua existência; várias bancas de jornal e revistas, telefones públicos, postes de iluminação, floristas, comerciantes (formais e informais) e duas torres de ventilação do metrô, que pelo caráter escultórico, foram integrados ao espaço do Largo como nos revela entender um de nossos entrevistados:

[Diria que o Largo da Carioca] é um lugar interessante, tem um mosteiro logo de frente (...) e ainda tem um relógio bonito para nos informar a hora (...) aqui trafega muita gente, tem muitas barraquinhas para as pessoas se alimentarem, tem uma igreja aqui pra gente pensar em Deus, que sem Deus nós não somos nada. (J., Informante, 02/07/03).

Este espaço de passagem, bastante diminuído desde as primeiras ocupações no Largo da Carioca, e delimitado pelas grades dos jardins do BNDES (de um lado) e pelas fachadas dos arranha-céus (do outro), abarca todas as atividades realizadas nesta área. Este fato causa pouco ou nenhum empecilho, uma vez o caráter de circulação ser tão intenso e característico no LC que a sua área de trânsito torna-se suficiente às atividades desenvolvidas, tanto de movimentação livre quanto de permanência nas 'rodinhas'.

No entanto, esta área semi-privatizada - os jardins - pelo conforto das sombras e pelos elementos verticais das árvores e postes de iluminação, tornou-se o lugar ideal para muitos mendigos e adquiriu um novo valor local, tornando-se o símbolo

de ‘*casa*’ para esta população. Cristiane DUARTE e Ana Lucia SANTOS (2002, p. 279) comentam sobre isto em seus estudos sobre ‘*os espaços da população de rua do RJ*’:

Notamos o uso intenso de elementos verticais [para os ‘sem-casa’ que estabelecem um referencial vertical] como postes, árvores e grades, indicando os limites da casa ausente. De fato, é interessante notar que a perda de concretude da casa pode estar, nesses casos, sendo compensada pelos marcos verticais. BACHELARD remete os marcos verticais aos ‘arquetipos psicossociológicos da soberana dominação’ (Bachelard, 1948, p. 364) que, segundo DURAND, representariam a busca por uma ‘reconquista do poder perdido ou de uma força degradada depois de uma queda’ (DURAND, 1992, p. 138).

Da mesma forma que o elemento vertical se estabelece para os “sem-teto” nos jardins do BNDES, também os arranha-céus e os elementos verticais da modernidade se inserem numa representação simbólica para os diversos outros grupos sociais que experimentam o espaço do Largo da Carioca, como mencionamos anteriormente.

Fato é, também, que a área verde local, restante do Morro de Sto. Antonio (arborizado e vegetado pelos jardins projetados pelo Escritório de Burle Marx e mantido pelo BNDES) não foi relatada como parte do *dimensionamento visual* do Largo da Carioca por muitos de nossos informantes, já que a maioria deles relacionava o Largo da Carioca à área livre para trânsito e entretenimento. Mas o reconhecimento de uma volumetria maior que aquela cotidianamente utilizada (o calçadão) se dá pela interpretação dos elementos físicos que compõem o cenário do Largo da Carioca (morro, espaço vazio, edifícios) e adere-se, assim, à definição léxica que exprime largo através de ‘*espaço amplo*’:

Isso aqui é assim... Assim (faz com as mãos uma grande esfera, dizendo ser grande). (J., informante – 08/04/03)

Os símbolos no Largo da Carioca, assim definidos pelo valor de *linguagem* (que realiza uma mediação entre o mundo real) e da *interpretação* imediata do cenário urbano, possibilitam a construção de uma *territorialização*, no sentido em que ela implanta-se a partir das bases identitárias sociais constantes da pluralidade de formas de experiência e práticas grupais.

Do texto supracitado de CALVINO (1990) retiramos a indicação de que, através dos símbolos dispostos em um determinado Lugar, o usuário pode nomear uma cidade e representar, na formulação simbólica, a vitalidade da insígnia definida como atributo.

No Largo da Carioca esta afirmação ocorre com a adoção de diversos símbolos locais que estruturam uma visão macro de cidade, através da repetição destes símbolos em outros lugares da mesma cidade, perfazendo um domínio territorial, fruto de uma abrangência simbólica, que transpõe a condição primeira de usuário do espaço para *cidadão*.

Nas linhas seguintes apresentaremos as discussões com base nos conceitos de *Significado*, *Memória*, *Ancrage* e *Instantaneidade*, circunscrevendo o panorama de análises desenvolvido no Largo da Carioca, e dando completude ao conjunto de atributos que selecionamos para a realização de nossa pesquisa.

5.1.2. SIGNIFICADO

As Cidades Delgadas

Cada notícia a respeito de um lugar trazia à mente do Imperador [Khan] o primeiro gesto ou objeto com o qual o lugar fora apresentado por Marco [Pólo]. O novo dado ganhava um sentido daquele emblema e ao mesmo tempo acrescentava um novo sentido ao emblema. O Império, pensou Khan, talvez não passe de um zodíaco de fantasmas da mente.

- Quando conhecer todos os emblemas, conseguirei possuir o meu Império, finalmente?

- Não creio: nesse dia, Vossa Alteza será um emblema entre os emblemas.

(Ítalo Calvino, In: *As Cidades Invisíveis*, 1990, pp. 60).

Ao observarmos o Largo da Carioca durante o período de ‘impregnação’, com o auxílio das respostas das entrevistas, questionários aplicados e de observação participante, pudemos reconhecer e avaliar pontos característicos que refletem este espaço de maneira biunívoca e qualitativa associado à *leitura* das diversas palavras=símbolos. Tais símbolos interagem em sua amplitude e explicitam as características próprias de uma determinada cultura, genericamente falando, a cultura carioca.

Verificamos que, para os símbolos definidos por nossos usuários, os significados se associavam, mesmo que esses não percebessem uma possível ligação. Assim, fizeram emergir emblemas como *reverência, história, modernidade e movimento*, constantemente empregados, traduzindo uma relação representativa dos elementos fixos simbólicos na paisagem. E todos esses emblemas, sempre apresentados em binômios (invariavelmente presentes em cada entrevista) reforçaram nossa verificação de um caráter dicotômico e, ao mesmo tempo, correlato à *dinergia* do espaço, conforme definimos no capítulo 2.

Por isso, a *dinergia* do espaço do Largo da Carioca tornou-se, para nós, uma de suas características principais na questão do

significado e a utilização deste termo arrendou, concomitantemente, esta categoria – que anteriormente mencionamos como compositora do conceito de ‘*relação causal com o espaço*’ (material e imaterial) – aliado às relações de uso, de apropriação, de conformação física, de evolução e experiencição, que fazem parte de um panorama abrangente na nomeação do caráter deste espaço.

Acreditamos que a coexistência de *duplos* no Largo do Carioca, como nomeamos aqui as relações biunívocas e interdependentes, é um de seus mais importantes atributos, contribuindo para as inúmeras imagens formadas por seus usuários e promovendo o enriquecimento da estrutura formal deste espaço livre, no centro do Rio de Janeiro.

Sob o conceito de *dinergia* podemos classificar o espaço por uma forte relação de *passagem*, que, no entanto, não exclui seu caráter de sociabilização, prática cotidiana e incentivo à manutenção das relações de convívio urbano: a *permanência*. O uso típico do Largo da Carioca é observável através dos comportamentos individuais e grupais, suas tendências de uso, interações nas condições de anonimato e familiaridade e a partir da evocação de um espírito do Lugar, o *genius loci*, que o associa à multiplicidade, como cita JODELET (*Apud* DEL RIO, DUARTE E RHEINGANTZ, 2002, p. 40): “Nessa ótica (...) vemos que o espírito dos lugares é também o que se consegue perpetuar da atmosfera e da história de um tempo”.

Desta forma, ao relacionarmos o caráter de *permanência* ao Largo da Carioca, fica claro para nós que esta afirmação não abarca, simplesmente, a conceituação dada à funcionalidade dos

espaços públicos¹⁴² no Brasil – e que associa às praças e largos o conceito de ‘estar’ – mas o fato de que os espaços livres de uma cidade são facilmente atingidos pelas modificações de sociedade, história e política, e por isso, a permanência no LC é derivada de um montante de transformações deste tipo e atividades que proporcionam a congregação, sugerindo a estada prolongada, ao mesmo tempo em que o movimento e o tráfego acelerados.

CALVINO (Op. Cit., p. 60) nos deixa este questionamento: *será através da imaginação (imagem + ação) que um dado objeto produz um significado e cada nova atividade adere um novo sentido ao emblema?* A prerrogativa, acreditamos, está no fato de que o *Significado* delimita os valores e atributos sensíveis de um determinado lugar e, por isso, o Largo da Carioca continua substituindo seus símbolos ao longo da história da cidade, mas mantém determinados significados que fazem parte do imaginário urbano consolidado.

¹⁴² Como coloca Roberto L. CORREA, ao definir a funcionalidade das praças no Brasil, In: **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

5.1.3. MEMÓRIA

As Cidades e a Memória

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata (...) a cidade não conta o seu passado, ele o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas do pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.

(Ítalo Calvino, In: *As Cidades Invisíveis*, 1990, pp. 14).

A visão do Centro da Cidade traz a experiência de uma geração que por causa das grandes transformações urbanas e sociais empreendidas nas décadas de 20 a 60, em especial no Largo da Carioca, e de uma transferência desta vivência pelos relatos da história para gerações posteriores, construiu uma representação do Centro do Rio de Janeiro como pólo político, cultural e econômico, construindo uma *Memória* que se baseia na delimitação do *eu* a partir do *Outro*.

Jodelet (Op. Cit., p. 42) afirma que não apenas a memória do lugar, mas outros tipos de memória – associados ao desenvolvimento social e cultural de uma sociedade – trazem à tona sentimentos identitários:

(...) não seria apenas a memória dos lugares, mas também a memória dos costumes, a memória do modo de vida, a memória das técnicas, que poderiam fazer o papel de algo que reforça e estabiliza, no sentido da duração e da proteção, a evolução social e material [na valorização dos fenômenos da memória como mecanismo de defesa das identidades].

Identidade é uma palavra-chave na definição de memória, sob a perspectiva dos valores igualitários que concretizam um grupo social num quadro espacial. HALBWACHS (1980) nos afirma que identidade e memória, no contexto social, são valores coletivos que se desenvolvem exclusivamente sobre o espaço, como

verificamos nas 'entrevistas primárias e secundárias' realizadas no Largo da Carioca.

Os marcos espaciais definidos por nossos informantes mais idosos (como apoio nas recordações para se embasar uma memória) revelaram que a identidade construída – em referência a eles – acabava perdendo uma conexão importante com o tipo de experiência proporcionado por aquele espaço, em contato com aquele elemento. O desaparecimento de Lugares, antes fundamentais para a localização espacial, e sempre citados nos relatos de memória (a Galeria Cruzeiro, o Tabuleiro da Baiana, por exemplo) divide o tempo em antes e depois, ontem e hoje, fato e recordação. *“A percepção da divisão temporal é revelada pela amplidão da visão da cidade que se perdeu”* (BARROS, 1999, p. 50).

Os informantes mais novos, no entanto, apesar de informarem elementos relacionados à contemporaneidade, não desprezavam a relação de passado que alguns dos elementos do espaço físico lhes proporcionavam.

Concluimos, com isto, que a objetivação da memória coletiva, como lembrança coletiva, personaliza um grupo num suporte espacial definido e lhe agrega o enquadramento do cenário presente, construído sobre os efeitos do passado.

Com o trecho selecionado das várias cidades compostas por CALVINO (Op. Cit., p. 14), associamos o fato de que os resquícios e elementos materiais, dispostos no espaço físico do Largo da Carioca, nos narram seu possível passado e solidificam um cenário atual que se torna possível em contraposição ao antigo, contido nos *“ângulos das ruas [e] nas grades das janelas”*.

5.1.4. ANCRAGE

As Cidades e o Céu

Quando se chega a Tecla, pouco se vê da cidade, escondida atrás dos tapumes, das defesas de pano, dos andaimes, das armaduras metálicas, das pontes de madeira suspensas por cabos ou apoiadas em cavaletes (...)

– Qual é o sentido de tanta construção? – pergunta [Marco Pólo] – Qual o objetivo de uma cidade em construção senão uma cidade? Onde está o plano que vocês seguem, o projeto?

– Mostraremos assim que terminar a jornada de trabalho. (...)

O trabalho cessa ao pôr do sol. A noite cai sobre os canteiros de obras. É uma noite estrelada.

– Eis o projeto – dizem.

(Ítalo Calvino, In: *As Cidades Invisíveis*, 1990, pp. 117).

A ancoragem no espaço assume, em determinados momentos, a justificativa de uma *boa forma* da cidade como estabelece Kevin LYNCH (1999), através de uma estabilidade desenvolvida emocionalmente e espacialmente com o Lugar. O homem embebeda-se deste sentimento quando permite que a bebida seja o ambiente, adornado das condicionantes formais e imateriais fornecidas pela cidade, enquanto palco de desenvolvimento de sua vida pessoal. Esta ‘permissão’ é condicionada pelas duas instâncias produtoras: o usuário e o espaço.

No Largo da Carioca verificamos, através dos ‘questionários de sondagem’ e entrevistas realizadas, uma relação ambiental que se estabelece pela *territorialização*: o valor do espaço na construção de vínculos afetivos e apropriativos, amparados nos processos de *Ancrage*, que concretizam a permanência (em toda a sua abrangência) e a definição de um caráter para a área. JODELET (Op. Cit., p. 33) posiciona-se quanto a isto, ao inquirir:

A questão, pois, é saber em que condições a cidade pode aparecer com um lugar que possa ser definido por seu caráter identificador; um lugar que permita que seus habitantes se reconheçam e se definam por meio

dele, que, por seu caráter relacional, permita a leitura da relação que os habitantes mantêm entre si, e por seu caráter histórico, possibilite que os habitantes reencontrem (...) seus sinais de filiação.

Nossas investigações no LC nos permitem dizer que as condições essenciais no aparecimento de um lugar com caráter identificador repousam na qualidade dos processos de experiência desenvolvidos grupalmente, e que estimulam uma apropriação do espaço de forma social e, por isso, designativa.¹⁴³

Desta forma, a delimitação de uma *pausa*, e a sua analogia a um Lugar, tem relação com um detimento maior na experiência espacial, um enraizamento das atividades, o que esclarece o fato de nosso recorte espacial – mesmo tendo sido considerado em entrevistas e questionários um “*lugar de passagem*” – ser densamente apropriado e utilizado como suporte da vida cotidiana local, considerações anteriormente apresentadas como *dinérgicas* e, ao mesmo tempo, formuladoras de intensidades apropriativas.

Podemos acrescentar a isto o fato de que a conformação espacial do Largo da Carioca, indefinida, imprecisa e muito mais relacionada à grandeza do que à precisão, contribui para o assentamento de atividades em diversas zonas de atenção (centro da praça e limites demarcados por ruas principais). Estas zonas podem ser classificadas como zonas de ‘estar’. No entanto, uma zona delimitadora – de fato – aparece nas áreas destinadas à passagem. As distinções entre zonas, dentro da área designada *Largo da Carioca*, são de essencial importância para nós, pois relacionam as dicotomias e interseções entre os fatores de

¹⁴³ Podemos tomar um exemplo recente deste fenômeno (20/01/2004) numa manifestação de moradores do bairro da Glória, RJ – documentada através da mídia televisiva e da Imprensa regional – ao mobilizarem-se com faixas e bandeiras em punho, contra a instalação de um monumento ao ex Presidente Getúlio Vargas, no centro da área de lazer da praça local denominada Praça São Sebastião, de uso consolidado pela comunidade e de caráter associado à recreação e ao nome do santo católico, ‘padroeiro do RJ’, que aparece representado em uma estátua de bronze presente no local.

apropriação, pertencimento e identidade com o lugar, revelados por aqueles que ‘passam’ e por aqueles que ‘permanecem’, pelos que se sentem ‘em casa’ e pelos que não desenvolvem nenhum vínculo afetivo com o território, numa resposta aos significados que regem o espaço para cada indivíduo.

De CALVINO (Op. Cit., p. 117) extraímos, então, o reconhecimento de que os elementos que estimulam o *pertencimento* ao espaço fazem parte das estruturas internas e externas aos usuários, denotando o local potencial que inspira à apropriação e, por isso, apropria-se do indivíduo, tal como foi verificado no Largo da Carioca.

5.1.5. INSTANTANEIDADE

As Cidades e as Trocas

Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas não se reconhecem. Quando se vêem, imaginam mil coisas a respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam por um segundo e depois se desviam (...) assim, entre aqueles que por acaso procuram abrigo da chuva sob o pórtico, ou aglomeram-se sob uma tenda de bazar, ou param para ouvir a banda na praça, consumam-se encontros, seduções, abraços, orgias, sem que se troque uma palavra, quase sem levantar os olhos.

(Ítalo Calvino, In: *As Cidades Invisíveis*, 1990, pp. 51).

As relações de experimentação atuais no Largo da Carioca, marcadas pela velocidade e dinâmica efêmera dos acontecimentos, e pela quantidade de elementos informacionais e ao mesmo tempo alienantes (através da multiplicação excessiva das informações) compõem o tecido estruturador e conceitual que se adere ao princípio de *Instantaneidade*, presente na modernidade e na supermodernidade (AUGÉ, 1994) dos eventos locais, como cita JODELET (Op. Cit., p. 33):

A contemporaneidade é (...) definida pela extensão do tecido urbano, pela multiplicação dos transportes e das comunicações, pela uniformização das referências culturais e pela planetarização da imagem. A supermodernidade, por sua vez, é a experiência da aceleração da história, da individualização no interior do espaço.

A mesclagem destes dois parâmetros – modernidade e supermodernidade – irreconhecíveis separadamente e membros de um processo integrado e seqüencial, segundo nossas considerações, revela as formas contemporâneas de se apreciar o espaço do Largo da Carioca e de se extrair as variadas imagens reprodutoras do conceito de Lugar neste ambiente.

Diante disto, acreditamos que a recorrência da imagem das ‘rodinhas’ formaliza um caráter atual do que representa o espaço

dinâmico do Largo; sua vitalidade urbana é representada, nos relatos de informantes, pelo "*movimento incessante das rodinhas*", e mostra que por características particulares de apropriação este espaço adquiriu um 'apelido' explicitativo e simbólico. Quem experimenta o Largo da Carioca reconhece este atributo. É intrínseco ao caráter do lugar e as atividades performáticas que ali se desenvolvem têm seu palco de atuação bem definido neste suporte espacial.

Apesar da distância que as separa, a comparação entre a praça pública descrita por BAKHTIN (1993), como demonstramos no capítulo de fundamentação, e o Largo da Carioca que nós hoje visitamos é inevitável. Diariamente, uma legião de artistas populares e anônimos leva a esta praça uma das maiores variedades de espetáculos de rua da cidade, reunindo em torno de si numerosas e igualmente anônimas platéias, formadas por homens e mulheres de todas as idades, procedências, experiências de vida e expectativas. Basicamente, esses artistas e espectadores são gente que se diz "do povo" e reconhecem-se como atores sociais que participam deste cenário, montado todos os dias da semana como um novo espetáculo.

Este espetáculo diário se põe e dispõe juntamente com a luz do dia, num movimento pendular e cíclico, ao mesmo tempo produzindo um espaço realmente complexo, que se reconhece pela estrutura formal, e pelas atividades ali desenvolvidas. Neste espaço, o anônimo é um ator principal. A diminuição das distâncias entre os indivíduos se produz pela maior familiaridade e bem-estar naquela linguagem típica dos artistas de rua, o que produz zonas de circulação bem definidas, marcadas especificamente por aqueles 'ficam' no espaço central do LC e extraem dali o riso, que é marca deste espaço carioca.

Por ocasião dos espetáculos, atores sociais com trajetórias culturais individuais muito diferentes se encontram e compartilham a fruição de uma realidade especial, efêmera e resultante de uma situação dada a partir de sua interação no espaço livre e público que é o Largo da Carioca.

Como o uso e a ocupação do Largo da Carioca estão muito associados ao tempo que as pessoas despendem no centro da cidade, isto é, basicamente ao seu horário de trabalho – conforme observamos nos ‘questionários de sondagem’, nas ‘entrevistas primárias’ e nas observações participantes – também a vitalidade deste lugar, sua relação de movimento contínuo e sempre biunívoco estão relacionados a estes momentos, determinados por uma relação espaço-tempo engendrada por mecanismos de reconhecimento da cidade atual.

CALVINO (Op. Cit.) nos mostra com *‘as trocas na cidade’* que o espaço contemporâneo e as formas de interatividade (pouco) desenvolvidas socialmente – devido aos processos geridos pela modernização das cidades, legando sujeitos ao anonimato – encontram nos espaços de convívio, momentâneo que seja, o dínamo para o desenvolvimento de interações comparativamente mais profundas, que têm seus momentos finais – como nos espetáculos do LC – delimitados, mas compõem um cenário atual que se responsabiliza por convivências *‘instantâneas’* essenciais à coletividade.

O Largo da Carioca. Onde tudo começou. Onde. De novo o Largo da Carioca, largamente anoitecido, porém suficientemente iluminado. Havia espaços a serem locupletados no desenho. Havia muitos espaços por agora. E tempo. O tempo parecia tartarugar. Todavia transcorria, isso é certo. Tempo e espaço largos, de uma amplidão sufocante ante o vazio de Miranda [a heroína da saga]. As faltas de Miranda. Várias. Num lápis, numa prancheta: o desenho. Restava Miranda, no Largo da Carioca, com sua prancheta, seus rabiscos disformes, nestes, sua praça imaginária, seus sentimentos em sombra, comprimidos em meio à largueza do objeto representado. Um largo, uma praça. Alguma gente: duas pessoas. Ou três. O Centro: uma só cor, a cor da noite interrompida pelas luzes artificiais da cidade. E tinha a lua. Porém a lua pouca gente olha hoje em dia. O desenho estava muito torto. Os traços pareciam compor uma praça, uma praça trêmula de imagens e pessoas embrulhadas, trepadas. Muito barulho e muito silêncio concorrendo. Espaços e ausência de tempo. Miranda então volta a **caminhar no movimento** [grifo nosso]. E espera. É o que precisava fazer. O desenho. O desenho estava pronto.¹⁴⁴

¹⁴⁴ Gustavo DUMAS, *Solturas, Balões e Bolinhas de Papel*. Disponível em: BalbuCios - Sítio de Divulgação e Interação Cultural, Cf.:<<http://www.balbuCios.kit.net>> Acesso em 10/01/04.

CONCLUSÕES CALEIDOSCÓPICAS¹⁴⁵

*Este mundo é dado ao homem como um enigma a resolver.¹⁴⁶
A simplicidade de uma imagem urbana pode condensar fisionomias diferentes de uma cidade (...) Estamos sempre a falar da paisagem urbana a partir de suas relações com as contradições sociais, com o passado que a memória não esqueceu ou com os conflitos e harmonias que fazem o presente; encontramos enfim, uma causa, uma explicação para as imagens onde a cidade se deixa perceber. Mas é nas imagens poéticas que a cidade provoca a imaginação e solta os seus enigmas.
(Almandrade)¹⁴⁷*

Este último capítulo reserva-se às conclusões e desmembramentos das tessituras desenvolvidas sobre as análises, discussões dos resultados e opiniões pessoais, adquiridas através de todo o processo de pesquisa nestes dois anos de Mestrado pelo PROARQ/UFRJ e por uma bagagem de conhecimento condensada na realização deste trabalho.

Os resultados expostos nos permitem reconhecer o papel imprescindível da dinâmica urbana, representada nas atividades cotidianas e nos valores significativos do espaço do Largo da Carioca para os seus usuários, os grandes experienciadores do espaço, assim como o valor dos espaços públicos como elementos de coletivização e base fundamental de um imaginário urbano carioca. Não se trata somente da análise do espaço público como totalidade de dispositivos materiais em que os planos arquitetônicos e urbanísticos nos dão uma representação, mas do espaço 'textualizado' pela apropriação de seus usuários, onde se manifestam todas as tensões obtidas pelo jogo de

¹⁴⁵ Caleidoscópio (gr. Kalos (*belo*) + eidos (*ser*) + skopin + io). Aparelho óptico formado por um tubo de cartão ou metal com pequenos fragmentos de vidro colorido que se refletem em pequenos espelhos inclinados, apresentando, a cada movimento, combinações variadas e agradáveis. In: **Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse**, Volume I, Rio de Janeiro: Ed. Larousse do Brasil, 1982.

¹⁴⁶ BATAILLE, George. **A Experiência Interior**. Trad. de Celso Libanio Coutinho, Magali Montagne e Antonio Ceschin. São Paulo: Ática, 1992, pp. 7.

¹⁴⁷ ALMANDRADE. *A Paisagem Urbana e o Enigma da Paisagem*. _____. In: **Cultura e Comportamento**. Disponível em: <<http://www.umacoisaoutra.com.br/cultura/cidade.htm>> Acesso em 19/04/03.

significantes visuais, auditivos, olfativos e táteis, relacionados ao seu uso e à percepção dos fenômenos do ambiente.

A AMPLITUDE DO ESPAÇO LIVRE¹⁴⁸

A imaginação urbana seguiu formando parte substancial dos imaginários urbanos, porém voltada para uma relação direta do homem com seu meio, o que (sem entrarmos no mérito de sua designação) embasou grande parte dos movimentos tidos por pós-modernos. Ao observarmos as dicotomias do eixo urbano – em seu espaço público – numa metrópole como o Rio de Janeiro, percebemos que o indivíduo que rasga as capas superficiais de homogeneidade, recorrendo a extratos de tempo e espaço heterogêneos, experimenta a cidade profundamente em seus relatos, itinerários proliferantes e suas diversas nomeações. Esta experimentação, baseada num proceder integrado entre atores/cenário, tem na arquitetura da cidade o arcabouço para a pluralidade de leituras, simbolismos e representações de suas imagens:

O território pode ser concebido de muitas formas: desde o espaço físico reconstruído até as mil maneiras de nomeá-lo; desde o batismo oficial de seus lugares e espaços até a negação do pomposo nome originário e a sua substituição por um afim (...) o território alude, mais propriamente, a uma complicada elaboração simbólica que não se cansa de apropriar-se (...) num característico exercício existencial-lingüístico: aquilo que eu vivo eu nomeio; sutis e fecundas estratégias de linguagem.¹⁴⁹

Mais do que uma única imagem, as imagens se sobrepõem ou se inter-relacionam temporalmente. A mutabilidade está na diferenciação de uma mesma através da escala de área envolvida, pelo ponto de vista, estação do ano ou hora do dia. A

¹⁴⁸ Título baseado na tradução livre to artigo de Kevin LYNCH “The Openness of Open Space”, Cf.: BANERJEE, Tridib; SOUTHWORTH, Michael (ed.). In: _____. **City Sense and City Design: Writings and Projects of Kevin Lynch**. Cambridge: The MIT Press, 1991, pp. 396-412.

¹⁴⁹ SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. Bogotá, Col. Convenio Andres Bello, São Paulo, Perspectiva: 2001, pp. 21.

continuidade que resiste a uma mudança relevante é absolutamente necessária, de acordo com nossas considerações finais. Segundo esta idéia, CARR et al (1992) argumentam que os espaços livres públicos assumem novas formas associadas ao fluxo e permanência de pessoas nestes espaços.

No Largo da Carioca, os registros históricos de passagens e mudanças, impregnados na memória coletiva, são também os vestígios pelos quais trabalhamos as análises de elementos marcantes e cognoscíveis.

Segundo LYNCH (1997) o observador agrupa os elementos como um todo, complexo e independente, mas identifica cada um dos elementos segundo sua acuidade e necessidade¹⁵⁰, formando uma visão macro de cidade que se apresenta nas formas de diálogo com o espaço.

Nosso alvo, neste trabalho, foi o de – entre outros – verificar as forças visuais e simbólicas operantes na estrutura formal do ambiente e na elaboração perceptiva de seus freqüentadores, isto é, a forma como a identidade e as inter-relações pessoais são construídas com o Lugar. Encaramos este processo como uma *moldagem*¹⁵¹ mútua, uma vez que o indivíduo *age* sobre o espaço e as condicionantes de ‘memória, identidade e significado’ *agem* sobre o indivíduo, num jogo complexo e interdependente que realiza mudanças sobre o ambiente, tipifica o diálogo entre espaço e usuário e estabelece uma linguagem coerciva nestes dois elementos, atores por essência.

Por isso, afirmamos que a análise pessoal envolve uma série de predicativos do ambiente que se salientam por alguma

¹⁵⁰ MARIE, Pierre e Behague. **Syndrome de Désorientation dans l’Espace**, Revue Neurologique, 1919.

¹⁵¹ O Conceito de *moldagem* foi defendido pela orientadora deste trabalho, Dra. Cristiane R. DUARTE, em uma de suas palestras proferidas em Vitória (Entac/2003), pois, como defendido, *moldar* é mais artesanal do que *construir* - e o Lugar é construído por artesãos. Para a palestrante, “somos artesãos do Lugar”.

permanência no lugar ou por uma maior apreensão que damos aos símbolos, como confirmamos com as inúmeras entrevistas realizadas e o longo período de observação local, resultado de um processo investigativo baseado na etnografia. CASSIRER¹⁵² emprega o termo ‘pregnância simbólica’ para referir-se à impotência que condena o pensamento à não poder intuir algo sem relacioná-lo com um dos muitos sentidos. Essa pregnância é conseqüência de que na consciência humana nada é simplesmente apresentado, mas representado, como DURAND (1968, p. 70) coloca:

Sendo assim, as coisas existem, sem dúvida, mas dependem das figuras que o pensamento lhes dá, o que as faz símbolos, pois vão ter a coerência da percepção, da conceitualização do juízo, do raciocínio, mediante o sentido que as impregna.

Assim, possibilitando também apreciar esta relação do indivíduo com o seu meio de convívio, questionamos ao longo desta Dissertação como esta participação afeta a arquitetura do lugar, seu simbolismo e apropriação. Tomando por princípio a grande utilização *dinérgica* que o Largo da Carioca tem como passagem e permanência, como aglomerador de atividades informais e como palco de “ritos de passagem”,¹⁵³ a análise da influência de um espaço de uso público e de centralidade para a cidade (do Rio de Janeiro) e para a sua integração homem & sociedade revelou-nos que um espaço *heterogêneo*¹⁵⁴ e funcionalmente articulador pode

¹⁵² CASSIRER *Apud* DURAND, Gilbert. **La Imaginación Simbólica**. Buenos Aires, Amorrortu: 1968, pp. 72.

¹⁵³ Ver CARVALHO, Luciana. **Os espetáculos de rua do Largo da Carioca como Ritos de Passagem**. In: **Arte e Cultura Popular**, Revista do IPHAN, n° 28, Rio de Janeiro: 1999 e SANTANA, Ethel; RIBEIRO, Alexandre; DUARTE, Cristiane; FRY, Peter. **As Rodas do Largo da Carioca: Uma Análise dos Bens de Entretenimento nos Espetáculos Urbanos**. Revista eletrônica ‘Enfoques’ da Pós-graduação do PPGSA. Rio de Janeiro: novembro/2003.

¹⁵⁴ Quando falamos em ‘espaço heterogêneo’, abraçamos o contexto léxico que designa *partes constituintes de diferentes características*. Assim, como demonstrado ao longo deste trabalho e com base nas informações coletadas, consideramos o Largo da Carioca um palco de diferentes grupos e classes sociais, de diferentes usos, atividades, leituras, apropriações, morfologicamente diferenciado das

promover a intensificação do contato social, das trocas políticas que prezam o papel do cidadão e a existência de um núcleo 'público' que representa mais do que simplesmente uma estrutura urbana edificada para este fim.

Traçamos um parâmetro de análise que nos permitiu colocar em prova o fator significativo do Largo da Carioca através de sua leitura poética e de sua dinâmica social, oriunda de uma intensa relação entre o espaço urbano livre e público (gestor das relações de sociabilidade) e a atuação humana - o homem que dia-a-dia experiencia este espaço e transforma-o, pelo uso e pela afetividade, num Lugar:

A relação do sujeito individual ou coletivo com seu espaço de vida passa por construções de sentido e de significado que se baseiam não somente na experiência direta e na prática funcional ou subversiva que se desdobra (...), mas também no valor simbólico conferido ao ambiente construído.¹⁵⁵

Deste modo, conseguimos brindar este trabalho com o reconhecimento de uma *Teoria do Lugar* para o Largo da Carioca, tendo em vista o fator relevante de um espaço público como elemento articulador de questões sociais, do ambiente perceptível e do valor dos aspectos imaginários urbanos, que compõem, juntamente com a memória e a significação de *cidade*, um complexo de imagens poéticas e identitárias que transformam, solidificam e estabelecem um olhar e uma experiência urbana peculiares.

A pesquisa desenvolvida no Largo da Carioca, ao dedicar-se ao confronto entre as condicionantes físicas e sociais e à delimitação de conceitos estruturadores de relações afetivas no espaço, nos

definições urbanísticas para espaços públicos e topograficamente descontextualizado do cenário de lotes contíguos e definidos no Centro do RJ. Enfim, múltiplo em todas as projeções.

¹⁵⁵ JODELET, id., Op. Cit., 2002, pp. 35.

possibilitou compreender o conjunto de elementos solicitados pela tensão contínua entre *homem & cidade* e revelou, de forma abrangente, o potencial da arquitetura urbana enquanto entidade estimuladora da cidadania e da coletividade, elementos imprescindíveis para o prosseguimento ajustado do grande corpo formado por cidadãos e estrutura espacial. cremos que este potencial é contemplado através da transposição de um *Espaço em Lugar*, e condicionado por inúmeros fatores que envolvem simbolismo, memória e identidade, fato que comprovamos no Largo.

Ao abordarmos a evolução do conceito de cidade e o histórico do Largo da Carioca, apresentamos um dos grandes parâmetros de modificação de centros de importância nas metrópoles: *o aumento de sua capacidade em reter o contingente circulante e a renovação de suas atividades*. Neste contexto, as mudanças implicadas pelo aumento da produtividade industrial e de serviços, o inchaço dos centros urbanos e as características originais de sua ocupação são pontos importantes na interpretação do presente, pontos diretamente relacionados à evolução do espaço público do LC, condicionados por uma visão de temporalidade que, segundo Jacques DERRIDA (*apud* NASCIMENTO, 2000, p. 36) é uma retórica representada na memória: *“A memória se projeta em direção ao futuro e ela (se) constitui a presença do presente”*.¹⁵⁶

Quando a pesquisa que deu origem à presente Dissertação demandou um aprofundamento teórico, tornou-se possível analisar e aplicar determinadas ferramentas de investigação em campo, relacionadas às descobertas e tessituras propostas por diversos autores. Concluimos, a partir dele, que de acordo com as experiências de vida no espaço, sua apreensão de cidade e sua

¹⁵⁶ *“La mémoire se projette vers l’avenir et elle constitue la présence du présent”* (Tradução livre das autoras). DERRIDA. **Mémoires**. Pour Paul de Man, Paris: Galilée, 1988, pp. 69.

participação efetiva, os usuários tendem a adaptar-se e transformar um espaço em Lugar, independente de sua estrutura formal, o que segundo TUAN (1983) se dá através de atividades coletivas que demandam da sociedade um engajamento, muitas vezes, governamental.¹⁵⁷

Creemos que a resposta para o questionamento acerca de determinados usos e atividades desenvolvidos em espaços públicos baseia-se na força instituída pela permanência e/ou intensificação do significado poético dos lugares da cidade. No Largo da Carioca, nosso espaço paradigmático, as respostas obtidas com as inúmeras declarações de passantes anônimos, curiosos, artistas ‘residentes’ e apaixonados pelo local ratificaram esta proposição, uma vez que a indefinição de limites físicos acentuou o caráter simbólico e aglomerador, como bem definido por alguns entrevistados na afirmação: “o Largo da Carioca é ilimitado”.

Verificamos que aquilo que caracteriza a unidade do homem é a aptidão nata de inventar formas de organizações sociais através de uma necessidade de cooperação e vida em conjunto. Estas formas de organização (maneiras de andar, dormir, vestir, nos encontrar, emocionar etc.) são, como afirma LAPLANTINE (1991), produto de escolhas culturais.

Aquilo que os grupos culturais têm em comum é a capacidade para diferenciar-se uns dos outros, para elaborar costumes, línguas, jogos, enfim, para estabelecer-se como uma identidade coletiva numa base espacial absolutamente necessária; isto que tão bem vivenciamos no Largo da Carioca, através de um padrão de linguagem encontrado nos grupos que oferecem o entretenimento das atividades performáticas, nos inúmeros

¹⁵⁷ Baseado nos estudos de Y FU TUAN, **Espaço e Lugar**. São Paulo: DIFEL, 1983.

rostos que se identificam uns nos outros através da experiência da multidão e na mistura de cores, cheiros, sons e texturas deste ambiente múltiplo.

A inserção de diversas realidades culturais e sociais num mesmo ambiente é parte da trama surpreendente que gera a riqueza das relações pessoais e a capacidade humana de adequar-se ao indefinido, como nomeado por PHILIPPINI (1995) de “espaço criativo”, uma designação para o espaço *infinito* que se torna *finito* através do aprisionamento de valores e símbolos coletivos.

Um questionamento deste tipo exigiu um alargamento do ponto de vista da sociedade – no campo arquitetônico, social, antropológico, geográfico e epistemológico – revelando, também, aspectos que comumente passam despercebidos pelo usuário das grandes cidades.

Sabemos das limitações de um trabalho de Dissertação com estas pretensões, mas acreditamos na força motriz que dá margem a aprofundamentos futuros, que já começam a se esboçar através de temas como o fator *velocidade* e *passividade* na apreensão das cidades contemporâneas, a crise tátil do corpo que se move e se mantém dessensibilizado com as mudanças físicas, com as exigências de tráfego e o movimento cada vez mais acelerado de pessoas, fornecendo nas cidades – ao invés de muitos *largos da carioca* – espaços neutros, inócuos e sucumbidos à força maior da circulação.

Essas situações (muitas vezes incólumes ao cidadão) estão inscritas num macro processo de disseminação e construção cultural do nosso tempo, cujos estudos têm buscado mostrar o valor do cotidiano, do homem e das transformações históricas atreladas ao desenvolvimento do espaço urbano (SENNET, CARR et AL, DE CERTEAU, TUAN, JAMESON, entre outros) que buscam

um trabalho conjunto dessas ciências, visando uma resposta que, geralmente, não tem um início constitutivo na simples observação direta, mas num quadro metodológico variado, validando esta Dissertação através da importância que ela apresenta para uma leitura compromissada da cidade, da sociedade (em seus definidos grupos) e da arquitetura, mediante a análise do espaço público urbano.

A partir de um trecho de nosso Diário de Campo, delineamos esta etapa conclusiva conforme as respostas do ambiente e dos indivíduos nos foram fornecidas: o enigma, não resolvido, continua vivo e latente na elaboração do espaço dinâmico e apropriativo que é o Largo da Carioca. Através de uma população que por séculos se utiliza dele, das inúmeras associações significativas e simbólicas, das atividades cotidianas produzidas por um contingente passante e permanente e de sua (in)definição formal – oriunda de uma série de transformações que adicionou e retirou edifícios e ruas de forma deliberada e imparcial no LC – este lugar adquiriu um peso notável na cidade do Rio de Janeiro e legou-nos a certeza de que a produção do espaço urbano deve ser enxergada através de premissas que valorizem o caráter do Lugar, em detrimento de especificidades técnicas.

As ruas [neste dia de feriado dos comerciários] perdem o frenesi característico e o poeta João do Rio, provavelmente, não encontraria “a alma encantadora das ruas”, título que deu a sua obra de 1908 (...) É interessante caminhar pela R. da Carioca e prestar atenção nas platibandas, beirais e sacadas, muito mais que nas infíndáveis mercadorias dispostas para consumo; (...) interessante também é poder atravessar as ruas despreocupadamente e chegar ao largo espaço do Largo da Carioca como se todo o Centro fosse uma extensão deste lugar. E em observando o piso do Largo, em notando o acúmulo de sombras noturnas nas entradas dos jardins gradeados, percebo a essência do



Fig. 227-229: Imagens do Largo da Carioca.
Fonte: EP, 2003.

lugar que repousa, de alguma forma, na ausência. É como a Lapa sem o samba, no início da tarde: parece esperar por sua chegada, guardando, incontida, substância de desejos. (Diário de Campo, Ethel Pinheiro, 20/10/03 – segunda, 19:30h).

UM CALEIDOSCÓPIO PARA A POIESIS¹⁵⁸

Se a cidade é um pedaço do mundo, suas imagens são enigmas e, ao tentarmos decifrá-las, lançamos sobre elas também nossas interpretações. Discretamente o olhar sonha e encontra outras razões diante das imagens da cidade. Demonstramos neste trabalho que uma cidade pode ser interpretada em seu fragmento, como uma realidade cultural de um determinado grupo cultural que experiencia este espaço. O nosso denomina-se *Carioca*. E ao olharmos atentamente para ele, imagens, sons, textos e cores compartilhados num imaginário de cidade (carioca) saltam para nossa consciência.

As imagens de uma cidade, categoricamente abstratas ou concretas, não se resumem ao que é visto na sua objetividade, livre das desordens do desejo e do devaneio de um sonhador; são todas as fotografias por ele imaginadas. A cidade enquanto paisagem tem a imaginação como uma faculdade fundamental de sua interpretação. Os devaneios atribuem sentido na leitura da imagem urbana; para o filósofo francês Gaston BACHELARD (*passim*, s.d.), eles são indispensáveis à vida.

Em *Incidentes*, Roland BARTHES¹⁵⁹ é um turista no Marrocos e registra o que vê e ouve do cotidiano de um lugar, ao sabor de um fascínio imediato, sem uma exigência metodológica.

¹⁵⁸ Em grego, arte criativa – *poiesis* – deriva de *poiein*, que significa ‘fazer’. A cultura do cidadão ateniense (por volta de 400 a.C.) era um “hino” ao ideal de *poiesis*, concebendo a cidade como obra-de-arte e resultado de um ato criativo racional, ao mesmo tempo em que político. Neste sentido, entendemos que a *poiesis* é tanto instrumento de evocação criativa de uma situação quanto uma constatação do potencial reprodutivo e contínuo dos elementos existentes no universo (Cf. SENNET, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: Record, 2001, pp. 78).

A cidade é uma escrita que o intelectual lê nas horas de recreio e identifica outras imagens, livres de teorias, mas imagens singulares que apontam para a particularidade de um lugar e de quem o observa e imagina. A cidade é um espetáculo de imagens e de metáforas.

De forma idêntica percebemos os mesmos processos de reconhecimento de lugares e coisas através de GOETHE¹⁶⁰ em sua *Jornada Italiana*, de 1786. Durante sua ‘fuga’ da Alemanha e peregrinação por pequenas cidades italianas o autor revela um desapego do corpo do indivíduo à sociedade que estruturava todos os padrões de conduta no século XVIII, renunciando o que o sociólogo SIMMEL (1971) chamou de “o século do individualismo”. Esta categorização doou (e até hoje doa) a liberdade de movimentação que todos os indivíduos experimentam na cidade, a associação de movimento livre e desimpedido, como um “retorno à vida” (Op. Cit., 1962, p. 124):

*Caminhar confundido a tanta heterogeneidade em constante movimento é uma experiência saudável e peculiar. Tudo parece mergulhado numa grande corrente (...) no meio de tantas pessoas e tamanha excitação, sinto-me cheio de paz.*¹⁶¹

Sobre esta ‘mesa de cabeceira’ – o pequeno retalho (local) de uma grande colcha – repousam os elementos que vão estruturar a identidade, o significado e as formas de apropriação de um lugar.

Verificamos, assim, que a passagem do tempo imprime no corpo da cidade um mundo de imagens que falam de várias histórias. Passado, presente e possibilidades de futuro são acidentes geográficos que marcam a linguagem urbana. De igual modo, é

¹⁵⁹ BARTHES, Roland. **Incidentes**. Tradução de Julio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, 1977.

¹⁶⁰ GOETHE, Johann Wolfgang. **Italian Journey**. Trans. W. H. Auden & Elizabeth Mayer. New York: Pantheon, 1962.

¹⁶¹ GOETHE *apud* SENNET, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: Record, 2001, pp. 228.

na forma de imagens que os lugares ganham uma existência concreta na memória de seus habitantes e visitantes, e documentam as mensagens do tempo. Sem as imagens que habitam sua própria memória, fabricadas pelo contexto local em que foram produzidas, a cidade estaria perdida num fragmento do tempo, sem as recordações, o presente não teria continuidade. Quando o indivíduo quer penetrar em seu próprio passado, ele recorre a essas imagens e encontra nelas motivos para ligar-se ainda mais ao concreto que o cerca, como pudemos concluir com muitos de nossos informantes. É possível encontrar, a partir de imagens urbanas de outros tempos – ruas, praças e monumentos que caracterizam um centro histórico – a infância da cidade. O passado já não é mais para os olhos o passado, e sim o presente, como delicadamente experimentamos com nosso informante mais idoso, ao perguntá-lo sobre o que mais *gosta* no LC:

O Tabuleiro da Baiana, o Edifício da Polícia Central (...) Tem também o chafariz (...) E passarinhos. É que eu tocava piano e tinha uma música 'Os passarinhos da Carioca'. As pessoas paravam para ver a revoada que tinha no Largo, era muito especial. (Alberto Nunes, entrevistado, 03/07/03).

As imagens que armazenam ou evocam a categoria *Memória* formam um túnel que leva nossos informantes a revisitar o passado, dentro de um contexto que os ajuda a dar sentido ao presente, estabelecendo relações recíprocas de *Ancrage* e *Instantaneidade* e fortalecendo os laços de afetividade que (re)estruturam continuamente o lugar. Estas duas categorias demonstraram, dialogicamente e respectivamente, as relações de pertencimento promovidas por laços afetivos, memória coletiva e identidade, e as relações de experimentação do espaço contemporâneo, ilustrando a relação biunívoca e constante que

se desenvolve entre os elementos compositores do cenário urbano no Largo da Carioca.

Da mesma forma, as categorias relacionadas ao *Simbolismo* e ao *Significado* mostram-se presentes em todas as estruturas de linguagem com a cidade (quer seja na maneira como o 'macro' é interpretado através dos fragmentos, no caso o Largo da Carioca, ou na maneira como a comunidade se organiza neste espaço). Outros estímulos coletivos também são despertados por estas duas categorias, como nas representações do espaço público e na delimitação de valores e atributos sensíveis que permitem a construção de uma *territorialização* do grupo.

Ao mesmo tempo em que o informante A. nos apresenta construções que foram há muito demolidas como elementos que aprecia *atualmente* no Largo, ao mesmo tempo revela-nos saber que fala do passado, ao mencionar "*era muito especial*". Esta relação nos preencheu de um volume de tempos vivenciados e confirmou, mais uma vez, que a memória de um lugar é um berço para a continuidade de seus valores e significados e que os vários tempos vividos de um determinado lugar estão encenados nas imagens de seu espaço físico, nos significantes de seus núcleos históricos e nas imagens formuladas por indivíduos urbanos que revivem na imaginação aquilo que o progresso, muitas vezes, anulou. Símbolos de um presente marcado de instantaneidades e significados, valores e projeções, dinâmicas intensas e atitudes passivas, formulando o quadro vivenciado, esparso entre as múltiplas formas de se olhar para o cenário atual.

Acreditamos, em adesão a VIEIRA (2001), que "*o que quer que [os espaços] possam significar, os movimentos das pessoas são uns dos*

maiores espetáculos da praça (...).¹⁶² Mas recorremos – como estrutura de pesquisa – a bases principais que evocam e explicam, antes mesmo desta afirmação, a presença humana neste espaço contemporâneo: *a força dos elementos estruturadores de apropriação local e pertencimento, traduzida nos processos, intervenções políticas, atores e dinâmicas locais; as estruturas de consolidação de um imaginário urbano que associa o Largo da Carioca ao ‘coração do Rio de Janeiro’ e o torna especial ao seu experienciador; a vitalidade e continuidade dos símbolos locais, que se misturam entre o registro histórico e as associações com a modernidade, produzindo novos e fortalecendo antigos significados; e a pregnância simbólica que o passado, em sua forma lúdica memorial, explicita nos marcos físicos do Largo da Carioca e traduz, em diversas atividades atuais, a cidade no fluxo do tempo.*

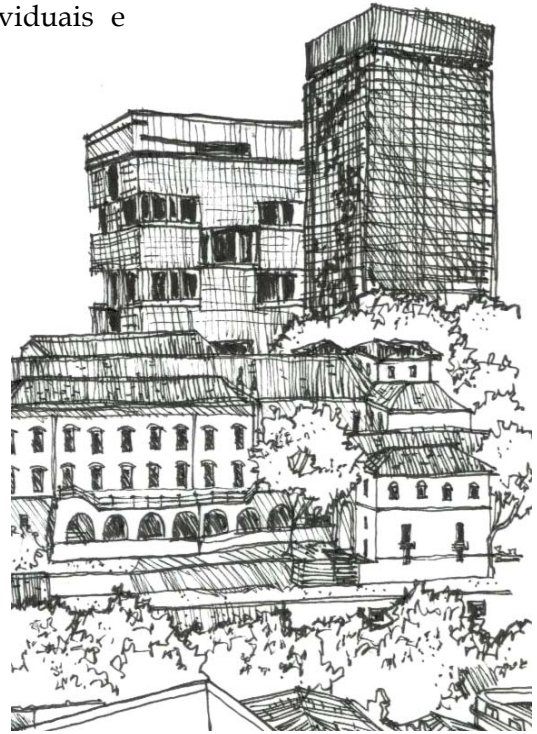
Contra as prerrogativas que desfiguram uma cidade pela racionalização urbanística, apresentamos um fragmento que, a despeito de tantas transformações urbanas, manteve viva a essência da *polis* como lugar de política e cidadania; revelou-nos, da mesma forma, através dos tempos, que as atividades coletivas podem e devem superar a idéia moderna de privatização do espaço público e brindou-nos, após o período de pesquisa, com a descoberta de que a universalidade da cidade é entregue a cada indivíduo através das constantes de *memória, significado e identidade*, substâncias ampliadoras do conceito de espaço livre:

Um espaço é livre se permite que as pessoas ajam livremente. Não há relação direta com a propriedade jurídica, o tamanho, o tipo ou o caráter geográfico (...) [o espaço é livre=aberto] como quando estamos prontos

¹⁶² WHYTE apud VIEIRA, Mariana. **A Poética do Largo da Carioca**. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Prourb/UFRJ, 2001, pp. 185. A autora nos concede uma citação aglutinadora das conclusões sobre o Largo da Carioca.

para ouvir ou ver, como em 'coração aberto', 'olhos abertos', 'mão aberta', 'mente aberta', 'casa aberta', 'cidade aberta'.¹⁶³

Essas constantes, em conjunto, fornecem uma concretização de espaço livre público que não se resume ao conceito estruturador legislativo ou urbanístico, mas expande-se e continua ativo através da celebração de um espaço 'aberto' que reside à espera de novos significados e de novas 'expedições' individuais e coletivas, que o farão, novamente, descoberto.



"Nos mapas só estão as ilhas conhecidas – E que ilha é essa de que queres ir à procura – Se eu to pudesse dizer, então não seria desconhecida".

¹⁶³ "A space is open if it allows people to act freely. It has no necessary relation to ownership, size, type or landscape character (...) [it is open] as we say ready to hear or see as in open heart, open eyes, open hand, open mind, open house, open city" (Tradução livre das autoras). LYNCH, Kevin. **The Openness of Open Space**. Cambridge: The MIT Press, 1991, pp. 396.

BIBLIOGRAFIA**LIVROS CONSULTADOS:**

- ABREU, Maurício. **Evolução Urbana no Rio de Janeiro** (1987). Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Urbanismo/IPLANRIO, 1997.
- ALEXANDER, Christopher; ISHIKAWA, Sara; SILVERSTEIN, Murray et al. **Un Lenguaje de Patrones**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1980.
- APPLEYARD, Donald. *Why buildings are known: A Predictive Tool for Architects and Planners*. In: _____. **Environment and Behavior**, Vol. 1, London: Sage Publications, 1969.
- ARGAN, Giulio Carlo. **El Concepto del Espacio Arquitectónico**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1961.
- _____. **A História da Arte como História da Cidade**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1984.
- AUGÉ, Marc. **Não-Lugares: Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade**. Coleção Travessia do Século, São Paulo: Papirus Editora, 1993/1994.
- _____. **O sentido dos Outros: Atualidade da Antropologia**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999.
- AYMONINO, Carlo. **O Significado das Cidades**. Tradução de Ana Rabaça, Lisboa: Editorial Presença, 1977.
- BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. In: **Os Pensadores: Bachelard**, Trad. Antonio da Costa Leal e Lídia do V. Santos Leal, Rio de Janeiro: Eldorado, 1ª edição, s.d.
- _____. **A Poética do Devaneio**. Trad. Antonio de Pádua Danesi, São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BACON, Edmund. **Design of Cities**. New York: Penguin Books, 1976.
- BACZKO, Bronislaw. **Los Imaginarios Sociales**. Buenos Aires: Ed. Nueva Visión, 1991.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: EdUnb, 1993.
- BARTHES, Roland. **Incidentes**. Tradução de Julho Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Guanabara, 1977.
- _____. **A Câmara Clara**. Trad. Júlio Castañon Guimarães, 7ª impressão, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1984.
- _____. **Mitologias**. México: Ed. Siglo XXI, 1988.
- BATAILLE, George. **A Experiência Interior**. Trad. Celso Libanio Coutinho, Magali Montagne e Antonio Ceschin; São Paulo: Ática, 1992.
- BASTIDE, Roger. **Anatomia de André Gide**. V. II, Paris: 1978.
- BAUDRILLARD, Jean. **Cultura y Simulacro** (1978). Barcelona: Kairós, 1993.
- _____. **The Transparency of Evil**, Londres: Verso, 1993.
- _____. **O Crime Perfeito**. Trad. Silvina Rodrigues Lopes, Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1996a.
- _____. **A Violência do Objeto**. In: *AU* n° 64, São Paulo: 1996.

- _____. **A Arte da Desaparição**. Trad. de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. Tradução de Silvia Mazza, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1993.
- BOAL, Augusto. **Técnicas Latino-americanas de Teatro Popular**. Buenos Aires: Corregidor, 1975.
- BORGES, Jorge Luis. **Obras Completas de Jorge Luis Borges**. Volume II, São Paulo: Globo, 1999.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. Trad. de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CARR, S; FRANCIS, M.; RIVLIN, L.; STONE, A. **Public Space**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- CARREIRA, André Luiz Antunes. **Teatro de Rua Depois dos Anos do Autoritarismo**. Revista Cadernos de Classe, Brasília: Universidade de Brasília, nº. 1, 1988.
- CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana** (1942). Tradução de Arlene Caetano, 1ª reimpressão, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983 [Coleção Pensamento Crítico, v. 48].
- CHOAY, Françoise. **O Urbanismo: Utopias e Realidades**. Coleção Estudos, São Paulo: Perspectiva, 1979.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis**. Rio de Janeiro, Zahar: 1983.
- _____. **Torre de Babel: Ensaio, Crônicas, Críticas, Interpretações e Fantasias**. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- DARTIGUES, André. *O que é a Fenomenologia*. In: _____. **Uma Prática Científica**, Rio de Janeiro, Livraria Eldorado: 1973.
- DE CERTEAU, Michel. **L'Invention du Quotidien**. Paris, Union Générale d'Éditions: 1980.
- DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. **Projeto do Lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo**. Rio de Janeiro: Contra Capa/PROARQ, 2002.
- DERRIDA. **Mémoires** (Pour Paul de Man). Paris: Galilée, 1988.
- DOCZI, György. **O Poder dos Limites: Harmonias e Proporções na Natureza, Arte & Arquitetura**. Tradução de Maria Helena de Oliveira Tricca. São Paulo: Mercury, 1990.
- DUARTE, C.R. e SILVA, O. **Habitação e Espaço Público: Dinâmicas, Valores e Significados do Lugar**. Grupo Habitat - FAU/UFRJ - Registrado na UFRJ/SR2, setembro de 1988.
- DUARTE, Fábio. **Crise das Matrizes Espaciais : Arquitetura, Cidades, Geopolítica, Tecnocultura**. São Paulo : Perspectivas/FAPESP, 2002.
- DURAND, Gilbert. **La Imagination Simbólica**. Buenos Aires: Amorrortu, 1968.
- ELLEN, R. F. **Ethnographic Research: A Guide to General Conduct**. (ASA Research Methods in Social Anthropology), London: Academic Press Inc., 1984.
- EDGERTON, Robert B.; LANGNESS, L. L. **Methods and Styles in the Study of Culture**. San Francisco: Chandler & Sharp Publishers Inc., 1974.

- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Cidades Ilegíveis: Percepção Ambiental e Cidadania*. In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia (orgs). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**, 2ª edição, São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- _____. **Os Significados Urbanos**. São Paulo: EDUSP, Fapesp, 2000.
- FISCHER, G.N. **Psicologia Social do Ambiente**. Instituto Piaget – Sociedade Industrial Gráfica Ltda. Lisboa: 1994.
- FOUCAULT, Michel. **L'Archéologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969.
- _____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FROSSARD, Isabelle. *Représentation Sociale de l'Espace Urbain*. In: _____. **Pour le Compte de l'Association Internationale de Micropsychologie**, Paris: édition Victor Schwach, 1998.
- GANDELSONAS, Mario. *From Structure to Subject: The Formation of an Architectural Language*. In: **Oppositions**, New York: Princeton Architectural Press, 1976.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1989.
- _____. **O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa**. Tradução de Vera Mello Joscelyne, 5ª edição, Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- GUATTARI, Felix. **Caosmose: Um Novo Paradigma Estético**. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva, 5ª edição, Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.
- HALBWACHS, Maurice. **La Mémoire Collective**. 1ª édition, Paris: PUF, 1950.
- _____. **Les Cadres Socias de la Mémoire** (1925). 5ª édition, Paris : PUF, 1980.
- _____. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HUYSEN, Andréas. **Seduzidos pela Memória: Arquitetura, Monumentos, Mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Tradução de Carlos Mendes Rosa, São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JODELET, Denise. *Les Représentations Socio-spatiales de la Ville*. In : DERYCKE, P. H. (org.). **Conceptions de L'Espace**. Paris: Ed. de l'Université Paris X - Nanterre, 1982.
- KOHLSDORF, Maria Elaine. *Breve Histórico do Espaço Urbano como Campo Disciplinar*. In: FARRET, Ricardo L. (org). **O Espaço da Cidade: Contribuição à Análise Urbana**, São Paulo: Projeto, 1985.
- KRIER, Leon. **Arquitetura: Escolha ou Fatalidade**. Tradução de Antonio Sérgio Rosa de Carvalho, Lisboa: Estar - Teorias e Fontes da Arquitetura, 1999.
- KRIER, Rob. **Sobre La Arquitectura**. Barcelona: Gustavo Gili, 1983.
- _____. **El Espacio Urbano** (Prólogo de Colin Rowe). Barcelona: Gustavo Gili, 1975.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1991.

- LAMAS, José R. Garcia. **Morfologia Urbana e o Desenho da Cidade**. Lisboa, 2ª edição: Fund. Calouste Gulbekian, 1998.
- LAMBERT, William; LAMBERT, Wallace. **Psicologia Social**. Tradução de Álvaro Cabral, II edição, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. Paris: Anthropos, 1968.
- _____. **Do Rural ao Urbano**. Paris: Anthropos, 1970.
- _____. **A Cidade do Capital** (1905). Tradução de Maria Helena Rauta Ramos e Marilene Jamur, Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Tropiques**. Paris : Librairie Plon, 1955.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Rio de Janeiro: Ed. Martins Fontes, 1997.
- _____. **A Boa Forma da Cidade** (1970). Tradução de Jorge Manuel Costa Almeida e Pinho, Lisboa: Edições 70, 1999.
- MACEDO, Silvio Soares; ROBBA, Fabio. **Praças Brasileiras**. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo: 2002.
- MALINOWSKI, B. (1922). **Argonauts of the Western Pacific: An account of Native Enterprise and Adventure in the Archipelagoes of Melanesian New Guinea**. London: Peguin, 1976.
- MARTINS, Carlos (curador geral). **A Paisagem Carioca**. Anais da Exposição no Museu de Arte Moderna do RJ, de 8/8 a 17/9 de 2000, Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura e Secretaria Municipal de Educação, 2001.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **A Prosa do Mundo**. Trad. Paulo Neves, São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- MOLES, Abraham et ROHMER, Elisabeth. *Les modes d'Appropriation de l'Espace*. In: _____. **Psychologie de l'Espace**. 2º édition, Paris: Ed. Casterman, 1978 (cap. 3).
- _____. **Arquitectura y Crítica**. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.
- MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- NASCIMENTO, Evandro e GLENADEL, Paula (orgs). **Em torno de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.
- OLIVEIRA, Livia. *Percepção e Representação do Espaço Geográfico*. In: DEL RIO, Vicente e OLIVEIRA, Livia (orgs). **Percepção Ambiental: A Experiência Brasileira**, 2ª edição, São Paulo: Studio Nobel, 1999.
- PEREIRA, Carlos Gustavo Nunes. **Largo da Carioca: 1608-1999: Um Passeio no Tempo**. Rio de Janeiro: Novas Direções, 1999.
- PHILIPPINI, Angela, *Universo Junguiano e Arteterapia*, In: _____. **Revista Imagens da Transformação**, Volume II, Rio de Janeiro: 1995.
- PLATÃO. **A República**. Texto integral, Martin Claret (org.), São Paulo: Ed. Martin Claret, 2002.
- RIBEIRO, João Saboya, **Evolução Urbana**. Rio de Janeiro: V. II, Ed. Tavares, 1993.

- ROEWER, Frei Basílio, O.F.M. **Convento de Santo Antonio no Rio de Janeiro**. 2ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1937.
- ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade** (1961). Tradução de Eduardo Brandão, São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- _____. **Para uma Arquitectura de Tendencia**. Escritos: 1956-1972. Barcelona: Gustavo Gili, 1975.
- SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **A cidade como um Jogo de Cartas**, Rio de Janeiro: 1998.
- SANTOS, C.; VOGEL, Arno (orgs.). **Quando a Rua vira Casa: A Apropriação de Espaços de Uso Coletivo em um Centro de Bairro**. 3ª edição, São Paulo: Projeto, 1985.
- SANTOS, Paulo. **Formação das Cidades Contemporâneas no Brasil Colonial**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.
- SANTOS Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.
- _____. **Território, Globalização, Fragmentação**. São Paulo: Hucitec, ANPUR, 1994.
- _____. **Espaço e Método**. 4ª edição, São Paulo: Nobel, 1997.
- _____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 3ª edição, São Paulo: Hucitec, 1999.
- SENNET, Richard. **The Fall of Public Man**. New York: WW Norton & Company, 1992.
- _____. **Carne e Pedra: O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental**. Tradução de Marcos Aarão Reis, 2ª Edição, Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. **História da vida privada no Brasil**, vol. 3, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- SILVA, Armando. **Imaginários Urbanos**. Bogotá, Col. Convenio Andres Bello - São Paulo, Perspectiva: 2001.
- SIMMEL, Georg. *Forms of Individuality*. In: **On Individuality and Social Forms**. Chicago: University of Chicago Press, 1971 [cap. IV].
- _____. **Essai sur la Sociologie des Sens**. In: _____. *Sociologie et Épistémologie*. Paris: PUF, 1991.
- SITTE, Camilo. **A Construção das Cidades Segundo seus Princípios Artísticos** (1889). São Paulo: Ed. Ática, 1992.
- SONTAG, Susan (1971). **Sobre la Fotografia**. Traducción de Carlos Gardini, Barcelona: Edhasa, 1981.
- SPRADLEY, James P. **Participant Observation**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1980.
- SVENSSON, Frank. **Arquitetura: Criação e Necessidade**. Brasília/DF: EDUNB, 1992.
- THIBAUD, Jean-Paul et GROSJEAN, Michèle (dir.). **L'Espace Urbain en Méthodes**. Collection Eupalinos, Marseille: Éditions Parenthèses, 2001.
- TUAN, Y-Fu. **Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência**. Tradução de Livia de Oliveira, São Paulo: DIFEL, 1983.
- VIRILIO, Paul. **Estética de la Desaparición**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1988.
- WHITEHEAD, Alfred North. **Simbolismo: Seu Significado e Efeito**. Lisboa: Edições 70, 1987.
- WOODS, P. **L'Ethnographie de l'École**. Paris: Armand Colin, 1989.

ARTIGOS E REVISTAS CONSULTADOS:

- ARANTES Otília B.F. **O Lugar da Arquitetura depois dos Modernos**. São Paulo: Nobel/EDUSP, 1993, pp. 95-155.
- BANERJEE, Tridib; SOUTHWORTH, Michael (ed.). *The Form of Cities*. In: _____. **City Sense and City Design: Writings and Projects of Kevin Lynch**. Cambridge: The MIT Press, 1991, pp. 35-46.
- _____. *The Openness of Open Space*. In: _____. **City Sense and City Design: Writings and Projects of Kevin Lynch**. Cambridge: The MIT Press, 1991, pp. 396-412.
- BARROS, Myriam Moraes Lins de. *A Cidade dos Velhos*. In: VELHO, Gilberto (org.). **Antropologia Urbana: Cultura e Sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, pp. 43-57.
- BOUMARD, Patrick. **O Lugar da Etnografia nas Epistemologias Construtivistas**. Vol. 1, nº 2, Universidade Estadual de Londrina: novembro/1999. Disponível em: <<http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov1n22.htm>> Acesso em 23/04/03.
- BURKE, Peter. *A Falta que uma Praça Faz*. In: **Editoria Mais! Jornal A Folha de São Paulo**, tradução de Samuel Titan Jr., 27/04/1997, pp. 5.
- BUNJI, Murotani (org.). **Plazas of Southern Europe**. nº 16, 3ª edição, Tokio: 1993, pp. 5-105.
- CARVALHO, Luciana Gonçalves. *Os espetáculos de rua do Largo da Carioca como Ritos de Passagem*. In: **Arte e Cultura Popular**, Revista do IPHAN, nº 28, Rio de Janeiro: 1999, pp. 216-235.
- COLQUHOUN, Alan. **Tipologias y Método de Diseño**. Buenos Aires: Summa, nº 78, julho/1974. pp. 298-304.
- _____. *Conceptos de Espacio Urbano em el Siglo XX*. In: _____. **Modernidad y Tradición Classica**. Madrid: Jocar Universidad, 1991, pp. 263-275.
- DREWS, David. *Book Review: Urban Space (Stadtraum)*. In: _____. **Project Documentation**, The Harvard Architecture Review, Vol. 2, London: MIT Press, 1981, pp. 188-191.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho. **Etnografia na Rua e Câmera na Mão**. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/oito/2.htm>> Acesso em 23/04/03.
- FERREZ, Gilberto. **O que ensinam os antigos mapas e estampas do Rio de Janeiro**, Revista do IHGB, v. 268, Rio de Janeiro: 1965, pp. 87-90.
- FRAMPTON, Kenneth. *The Generic Street as Continuous Built Form*. In: ANDERSON, Stanford (org.). **On Streets**. Cambridge: Press, 1978, pp. 309-337.
- JODELET, Denise. *A Cidade e a Memória*. Transcrito e traduzido por Walkiryra Coppola e Cristiane Duarte, In: DEL RIO, Vicente; DUARTE, Cristiane; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. **Projeto do Lugar: Colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo**, Rio de Janeiro: Contracapa, 2002, pp. 31-42.
- KRIER, Rob. *Typological and Morphological Elements of the Concept of Urban Space*. In: **The Harvard Architecture Review**, Vol. 49. London: MIT Press, 1979, pp. 17-33.

- LAMPUGNANI, Vittorio Magnago. **Notas sobre El Urbanismo de la Actualidade**. VV.AA., "Barcelona 1980-1992", Gustavo Gili: 1993, pp. 13-20.
- LEME, Maria Cristina da Silva Leme. *Urbanização da área resultante do desmonte do Morro de Santo Antonio e Aterro do Flamengo*. In: _____ (org.). **Urbanismo no Brasil: 1895-1965**. São Paulo: Studio Nobel, FAUUSP, FUPAM, 1999, pp. 322-327.
- LYNCH, Kevin. *The Form of the Cities*. In: BANERJEE, Tridib and SOUTHWORTH, Michael (editors). **City Sense and City Design: Writings and Projects of Kevin Lynch**. Cambridge: The MIT Press, 1991, pp. 35-46.
- _____. *The City as Environment*. In: BANERJEE, Tridib and SOUTHWORTH, Michael (editors). **City Sense and City Design: Writings and Projects of Kevin Lynch**. Cambridge: The MIT Press, 1991, pp. 87-98.
- _____. *The Openness of Open Space*. In: BANERJEE, Tridib and SOUTHWORTH, Michael (editors). **City Sense and City Design: Writings and Projects of Kevin Lynch**. Cambridge: The MIT Press, 1991, pp. 396-412.
- MEYER, Regina. **Passados e Presentes em Jane Jacobs**. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha020.asp>>. Acesso em 20/06/2003.
- MORSE, R. **Imaginários Urbanos e Imaginação Urbana**. Disponível em: <http://www.bazaramericano.com/bazar/articulos/imaginarios_gorelik.ASP> Acesso em 17/05/03.
- NORBERG-SCHULTZ. *Lieu?* In: _____. **Genius Loci: Vers une Phénoménologie de l'Architecture**. Paris: Oslo, 1976, pp. 6-49 [cap. I].
- PÉREZ-GÓMEZ, Alberto. *Architectural Representation Beyond Perspectivism*. In: **Perspecta** n° 27, New Haven: Yale University Press, 1998.
- PETERSON, Steven K. *Space and Anti-space*. In: **The Harvard Architecture Review**, n.1, London: MIT Press, 1980, pp. 5-52.
- POLLAK, Michael. *Memória e Identidade Social*. In: _____. **Estudos Históricos**. Vol. III, Associação de Pesquisa e Documentação Histórica do Cpdoc/FGV, número publicado com o apoio financeiro da FAPERJ, Rio de Janeiro: 1989, pp. 3-15 [n. 3].
- SILVEIRA, Carmem e VAZ, Lílian F. *Áreas Centrais, Projetos Urbanísticos e Vazios Urbanos*. In: _____. **Território**. Rio de Janeiro: LAGET/UFRJ, n° 7, jul/dez, 1999.
- SVENSSON, Frank. **Liberalismo e Teoria da Arquitetura**. Brasília: UNB, 2000. Disponível em: <<http://www.unb.br/fau/posgraduacao/cadernoseletronicos/liberalismo/liberalismo.htm>> Acesso em 11/07/03.
- TEIXEIRA, Carlos M. **A fotografia e a Periferia**. Madrid: Revista CA, n° 83, 1999. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/bases/texto019.asp>> Acesso em 10/12/02.
- VIDLER, Anthony. *The Third Typology*. In: HAYS, Michael K. (edit.). **Oppositions**, New York: Princeton Architectural Press, n.7, 1976, pp. 13-16.

MONOGRAFIAS, DISSERTAÇÕES E TESES:

- ABULAFIA, Ana Eugenia; DUARTE, Cristiane e SANTANA, Ethel Pinheiro. **Utopia e Não-lugar: A Construção do Espaço Inabitado**. Monografia apresentada à disciplina de 'Arquitetura e Projeto do Lugar' no curso de Mestrado em Teoria e Projeto da Arquitetura, Rio de Janeiro: UFRJ/PROARQ, 2002 [Monografia de Curso].
- CARVALHO, Luciana Gonçalves. **Os Espetáculos de Rua do Largo da Carioca**. Dissertação de Mestrado apresentada ao PPGSA – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, Rio de Janeiro: UFRJ/PPGSA, 2000 [Mestrado em Sociologia].
- CENIQUEL, Mario. **Affonso Eduardo Reidy: Ordem, Lugar e Sentido. Uma visão Arquitetônica da Centralidade Urbana**. Tese [Doutoramento em Arquitetura] – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, São Paulo: USP, 1996 [Tese de Doutorado].
- COELHO, Raquel Hemerly Tardin. **Avenida Rio Branco: Valores Coletivos, Forma e Uso Cotidiano**. Dissertação de Mestrado apresentada ao PROURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro: PROURB/UFRJ, 2001 [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo].
- DIAS, Fabiano Vieira Dias. **O Locus Arquitetônico: Uma idéia de Lugar na História da Cidade e de sua Arquitetura**. Monografia apresentada pelo Trabalho Final de Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Espírito Santo: DAU/UFES, 1997 [Monografia de Curso].
- DUARTE, Cristiane Rose. **Intervention Publique et Dynamique Sociale dans la Production d'un Nouvel Espace de Pauvreté Urbaine; Vila Pinheiros, à Rio de Janeiro**. Thèse de Doctorat de l'Université de Paris- I Sorbonne, 1993 [Tese de Doutorado].
- MACEDO FILHA, Joselita Frutuoso de Araújo. *Praça e Identidade – O Lugar*. In: _____. **Dança com Lobos: a Rua dos meninos e meninas de rua – apropriação do espaço urbano pelos meninos e meninas de rua**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Desenho Urbano - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Salvador: FAU/UFBA, 1996 [Mestrado em Desenho Urbano].
- PEREIRA, Sonia Gomes. **A Reforma Urbana de Pereira Passos e a Construção da Identidade Carioca**. Tese (Doutoramento em Comunicação e Cultura), Escola de Comunicação, Rio de Janeiro: UFRJ, 1998 [Tese de Doutorado].
- RAMOS, Kátia de Souza. **As Persistentes Transformações Espaciais no Largo da Carioca: Do Convento de Santo Antonio ao Edifício Avenida Central**. Dissertação de Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais apresentada à Escola Nacional de Ciências Estatísticas – ENCE/IBGE, Rio de Janeiro: IBGE, 2001 [Mestrado em Pesquisas Sociais].
- SANTOS, Eloísa dos. **O Largo do Machado como Representação das Modernidades na Evolução Urbana do Rio de Janeiro**. Monografia de Curso apresentada à disciplina de 'Arquitetura da Paisagem' (Vera

Tângari, profa.) no Mestrado em Teoria e Projeto da Arquitetura, Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ, 2002 [Monografia de Curso].

VIEIRA, Mariana. **A Poética do Largo**. Dissertação de Mestrado apresentada ao PROURB – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Rio de Janeiro: PROURB/URFJ, 2001 [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo].

CONTRIBUIÇÕES PESSOAIS:

SANTANA, Ethel Pinheiro. **Forma Arquitetônica x Apropriação: Estudo de caso no Centro do Rio de Janeiro - Largo da Carioca e Rua Uruguaiana**. Monografia de Curso apresentada à disciplina de 'Arquitetura da Paisagem' (Vera Tângari, profa.) no Mestrado em Teoria e Projeto da Arquitetura, Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ, 2002 [Monografia de Curso].

_____. **A Imagem do Espaço: Símbolos Arquitetônicos no Instante Visual**. Monografia apresentada à disciplina 'Tópicos Especiais em Teoria e Projeto' no curso de Mestrado em Teoria e Projeto da Arquitetura, Laís Bronstein (prof.), Rio de Janeiro: PROARQ/UFRJ, 2002 [Monografia de Curso].

_____. **Forma Arquitetônica x Apropriação: A questão do Largo da Carioca**. Revista Paisagem e Ambiente – Ensaio, vol. 1. São Paulo: janeiro/2004, ISSN: 0104-6098, pp. x.

SANTANA, Ethel; DUARTE, Cristiane. **Panem et Circenses at Largo da Carioca/Brazil: The Urban Diversity focused on People-environment Interactions**. Anthropology Matters Journal. London: fev/2004, disponível em: <www.anthropologymatters.com/journal>.

SANTANA, Ethel; RIBEIRO, Alexandre; DUARTE, Cristiane; FRY, Peter. **As Rodas do Largo da Carioca: Uma Análise dos Bens de Entretenimento nos Espetáculos Urbanos**. Revista eletrônica 'Enfoques' da Pós-graduação do PPGSA. Rio de Janeiro: novembro/2003, disponível em:<www.enfoques.ifcs.ufrj.br> ISSN: 1678-1813.